



Tijolo e vidro & outras histórias

Adelice da Silveira Barros



CÂNONE
editorial

Tijolo e vidro
& outras histórias

Adelice da Silveira Barros

Tijolo e vidro & outras histórias

Catálogo na Fonte

B277t Barros, Adelize da Silveira.
Tijolo e vidro & outras histórias / Adelize da Silveira Barros.
– Goiânia : Cãnone Editorial, 2011.

1. edição

200 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-8058-004-4

1. Literatura brasileira. I. Título.

CDD B869.3

1. edição: 2011

Copyright © 2011 Adelize da Silveira Barros

Projeto e arte final de capa
Luciana Oliveira e Paula



Todos os direitos desta edição reservados
à Cãnone Editoração Ltda

Av. Sucuri, Qd. 137, Lt. 29, sala 9, Setor Jaó
74674-010 - Goiânia-GO - Brasil
Telefone/Fax: (62) 3093 7082
www.canoneeditorial.com.br

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

SUMÁRIO

Prefácio	7
De carne e de verbo.....	21
Diagnóstico	59
Tijolo e vidro.....	105
Somos pó	149
Sobre a autora	197

O OUTRO LADO DA HISTÓRIA

“Foi exatamente assim que tudo aconteceu”. Essa é uma afirmativa fartamente ouvida no cotidiano. Similares a ela podem-se arrolar muitas outras assertivas..., se bem que a asserção de cada uma esteja pouco ou muito distante da semântica que o termo ostenta.

A dúvida permanece.

Será realmente possível expressar um acontecimento, uma situação, um flagrante, uma ideia... mediante uma palavra íntegra, inteira?

Se levarmos, então, em consideração a verborragia das relações humanas e desumanas, chegaremos à conclusão preocupante, mas aceita com resignação milenar: sobrevivemos no dia a dia como reféns de pseudoverdades e... gostamos. Não nos damos conta de que somos logrados e pagamos na mesma moeda. Há um mútuo acordo de dissimulação bem resolvida.

Permanece a dúvida.

Até onde um livro de História consegue separar o fato do artefato? Até que limite arriba o fotografável para que o substitua o imaginável? Foi a partir dessa constatação que Millôr Fernandes criou sua famosa peça de teatro: *A história é uma estória*.

Na impossibilidade de narrar a história íntegra, desde sempre os narradores tiveram de aceitar a tarefa de se ater à estória para edificar sua obra inteira. Dito de outra forma: aceitando o limite imposto ao relato absolutamente objetivo da realidade e, por consequência, aceitando com resignação a incumbência de relatar os fatos (= o que foi feito) devidamente falsificados, os escritores de notícias e particularmente de narrativas curtas ou extensas migram da tênue proximidade realista ao assumido mundo das prosopopeias e fantasmagorias.

Os críticos da literatura se incumbiram de criar nomenclaturas para as diversas modalidades e estratégias empregadas por romancistas, contistas, fabulistas, teatrólogos, poetas épicos, cujo intuito sempre foi deixar para a posteridade o resultado da visão personalíssima de sua imaginação, embora esta seja incapaz de existir sem um pé no acontecer.

Esses dois momentos, real e fantasioso, dominam a expressão do texto mediante o mito do tempo. É Cronos – o Saturno romano – o tempo, com a tarefa de devorar a todos os que nascem: mais cedo ou mais tarde serão tragados inexoravelmente, colocando um ponto final em sua cronologia.

Ele se desdobra em dois planos, em duas linhas. O primeiro mito do tempo nos manifesta que tudo se repete, porque tudo é cíclico. O segundo se comprova pelo próprio texto narrativo: os personagens em seu cenário têm um limite medido pela duração de sua existência, por sua vez delimitada pela extensão da narrativa.

O tempo da narrativa, de fato, abarca os dois tempos. Mario Vargas Llosa os denomina o *real imaginário* (GGM,

Historia de un deicidio, p. 329, apud André Jansen, *La novela hispanoamericana actual y sus antecedentes*. Madri: Labor, 1973). O *real* aborda o tempo vivido pelos que fazem a história acontecer; o *imaginário* se transpõe ao tempo como símbolo da eternidade, em que tudo se explica pelo círculo, cujos pontos extremos se tocam dando perpetuidade ao universo.

O *real imaginário*, o escritor peruano o analisa sob várias atribuições:

a) pode ser *mágico* quando o imaginário é provocado mediante artes secretas por um homem (mago), dotado de poderes ou conhecimentos extraordinários;

b) é *milagroso* o fato imaginário se vinculado a um credo religioso e supostamente decidido ou autorizado por alguma divindade, o que leva à suposição de um mundo além, o sobrenatural;

c) por outro lado, pode ser *mítico-legendário* o acontecimento imaginário que provém de uma realidade histórica sublimada e pervertida pela literatura;

d) por fim, o *fantástico* é o feito imaginário *puro*, que nasce da estrita invenção e que não é produto nem da arte, nem da divindade, nem da tradição literária; em suma, o *fantástico* é o *fato real imaginário* que ostenta como traço mais destacado uma gratuidade absoluta.

Irlemar Chiampi (*O realismo maravilhoso*, São Paulo: Perspectiva, 1980) defende, em vez de *real imaginário mágico*, a denominação de *realismo maravilhoso*. Seu argumento se apoia no fato de *maravilhoso* não se opor à realidade natural, como acontece com a magia. *Maravilhoso* é o extraordinário, o insólito, o fora do comum, o sobre-humano.

Por falar em *maravilhoso*, não se podem esquecer vários parentes do vocábulo que lhe dão melhor visibilidade significativa, a partir do latim: *maravilhoso* deriva de *maravilha* (*mirabilia*=coisas admiráveis); em *mirabilia*, está presente o verbo *mirar*=olhar atentamente, fixar a vista, *ver através*; o verbo *mirare* está na base de *miraculum*=milagre, prodígio (o inexplicável, efeito além da compreensão, algo digno de admiração, coisa extraordinária) e de *miragem*=ilusão óptica, por engano dos sentidos.

* * *

Escritora com diversos romances e livros de contos, Adelice da Silveira Barros nos chega agora com quatro narrativas em que mantém muito de seu estilo e inova pela ousadia na técnica de contar a travessia de seu barco imaginário.

“De carne e de verbo” é um mapa com duas regiões nitidamente distintas, onde Mia desenvolve sua problemática e encontra suavemente a solução. Mesmo que se notem as duas províncias daquele estado com duplo regime político, o liame entre ambas se opera sem choque, sem aviso, sem tempestade: uma brisa parece tirar o balão do solo e fazê-lo subir pouco a pouco, até que das alturas sequer divisemos o cenário da vivência inicial da personagem principal.

Mia, bipolar talvez, certamente desajustada, des-norteada, desequilibrada, se confunde, se inquieta, resiste à realidade em que se mexe para continuar se desencontrando. Mia, a narradora, com seu fluxo de pensamento tumultuado reflete sua mesma personalidade.

A dicotomia da personagem pode ser entrevista por duas etapas: a) a vida familiar, com uma série cotidiana de desencontros, cujo ápice acontece no Natal, contraditoriamente o evento da conciliação e da fraternidade; dedica-se à pintura, mas não se realiza; usa roupas rasgadas de propósito, para demonstrar displicência e descontração, numa atitude artificial de choque com a realidade; enfim, sai de casa e, como alternativa, vai à procura do pai, em cuja companhia imagina encontrar o equilíbrio; b) a vida mística numa atmosfera religiosa, de inspiração cristã, em que o comportamento, a ideologia, a praxe diária e até o nome dos personagens estão calcados na vivência evangélica.

Essa duplicidade inspirou a construção de uma narrativa sob a técnica do realismo milagroso, com diferenças e adaptações, segundo a perspectiva construtiva da narradora. O realismo é patente, para enfatizar a vida doméstica de Mia com suas vicissitudes, o que não acontece em outros textos do realismo de cunho maravilhoso e sobrenatural, como naqueles de García Márquez: neles, o realismo e as variáveis do realismo imaginário se mesclam, em absoluto tecido narrativo. Em “De carne e de verbo”, não: o realismo convencional é notório, do qual se levita para um não convencional, de cunho sobrenatural. O realismo milagroso se abre em duas possibilidades claras, figurativizando as etapas existenciais da narradora: a busca do corpo e a da alma, a materialista e a desprendida, aquela responsável pelo desempenho da carne, metáfora do fluxo de ações e preocupações vinculadas à sobrevivência dia a dia, esta por alusão ao verbo, símbolo da segunda pessoa da Trindade, cuja doutrina aparece evidente na inserção

de Mia num grupo de seguidores de Cristo. Ela se encarrega de relatar a peregrinação da comitiva que, embora embalada pela atmosfera cristã e por seus devaneios tão românticos, não deixa de se envolver em relacionamentos nem sempre edificantes, porque abaixo de sua crença não se abstrai de ser humana, mesmo que admitamos sua humanidade alçada a um degrau acima.

Em suma, se os vínculos com a carne explicam as contradições, os sofrimentos, as ilusões, a guerra, a perda do sentido da vida, aqueles com o verbo transpõem os lutadores para um patamar de encontro consigo mesmos, de homeostase e de paz com os companheiros de luta. Como afirma a narradora, “A salvação está em romper o escuro. Romper o próprio escuro e o alheio”. Por esse processo, o narrado transita da carne que falece para o verbo que se revitaliza, se pacifica e, quem sabe, aborde a transfiguração.

“Somos pó” cuida de repetir o ritual da quarta-feira de cinzas, ao recordar para qualquer ser humano: “és pó – não te esqueças – e em pó te hás de tornar”.

A catástrofe das Torres Gêmeas, em 11 de setembro de 2002 – “o grande espetáculo montado em surdina pela corja de exterminadores fanáticos, camicases retardatários” – constitui o paradigma da fragilidade humana, em patética contradição. Ao mesmo tempo que a engenharia foi capaz de erguê-las para assombro das nações, acabaram literalmente desmontadas pelo predador dos seres humanos: o próprio homem. *Homo homini lupus*, o provérbio quase tão antigo quanto a revanche dos primatas.

O narrador aproveita o trágico episódio e sua repercussão como enredo subjacente da narrativa em primeiro plano. Emprega o realismo fantástico para ir tecendo seu texto, como estrita invenção sua, cujo traço mais evidente é a gratuidade absoluta, a saber, o que narra não é fruto a não ser dele mesmo e, especialmente, de sua capacidade de imaginar.

Textos imortais da literatura empregaram a mesma estratégia. Se pensarmos em *Ramayana*, *As mil e uma noites*, *A Ilíada*, *A Odisseia*, *A Bíblia* (com destaque para o *Antigo Testamento*), as canções de gesta com suas façanhas mirabolantes, os *Edda* da Escandinávia, os *Nibelungen* da Alemanha, o *Romancero* da Espanha, sem falar nos textos do Renascimento em diante, teremos de constatar o poder do imaginário em sua construção, a partir de episódios históricos, sobre os quais se pôde erguer a estória. Ora transitando pelo realismo maravilhoso, ora pelo mítico-legendário, ou então pelo milagroso, ou mais ainda pelo realismo fantástico. De tais narrativas que a História preservou, mantém-se a perene apreciação de seus leitores, provocados pela admiração, pela surpresa, pelo espanto e, às vezes, pelo arrebatamento.

O narrador em terceira pessoa não perde a oportunidade de entretecer seu texto mediante o trágico das torres em ruínas (o *realismo*) e o imaginário *fantástico* alimentado por elucubrações de personagens terrestres ou viajando em aeronaves: meditam, reprovam, consideram, reconsideram, para concluir com resignação: “a morte de uns é o óleo que unge a existência de outros”.

“Tijolo e vidro” intitula uma narrativa curta com técnica similar àquela empregada nos romances, mediante capítulos. Nela, as partes em sucessão ganham título adequado ao conteúdo básico, porém em sequência ininterrupta, diferentemente do romance, em que os capítulos gozam de maior independência.

Os dois significantes do título abarcam, pela ordem, os dois personagens centrais do conto: Brás e Will. Ambos ocupam os dois polos de uma dualidade. O primeiro se destaca por um comportamento inconsequente, superficial, atirado, descompromissado, divertido, por isso tudo ousado e com algum sucesso, mas nem sempre disposto a pagar o preço de sua temeridade; o último se conduz por um romantismo com raízes mais profundas, apaixonado pelas diversas mulheres amadas, ainda que inseguro em suas ligações amorosas; escritor de valor, embora nem ele se levasse a sério nem os de suas relações o considerassem digno de apreço.

“Tijolo e vidro”, como metáforas da personalidade dos dois, conduzem o leitor a enxergar o Brás como tijolo: um sujeito destemido, pronto para enfrentar os problemas e superá-los, porque pronto “para o que der e vier”, deixando a vida levá-lo; por outro lado, para Will sobra a imagem do vidro: frágil, cético, inseguro diante dos problemas e das relações amorosas, o que motivou sua ligação afetiva com diversas mulheres em sequência, uma delas dando cabo da própria vida ainda jovem, deixando-o pesaroso e com certo sentimento de culpa.

O realismo do relato desta narrativa curta caminha paulatinamente para o maravilhoso. Sua epifania se mostra com nitidez pela recuperação mais uma vez do mito de

Fênix. É com a extinção dos amantes Will e Camponesa que se opera a sua revitalização, no texto expressa por uma solução original. E, segundo costuma acontecer com tantos que foram ocultados ao longo da existência, o reconhecimento veio tarde demais.

Algo que se deve observar nesta narrativa é o cuidado com os recursos de estilo e com a temática exposta. Por um dos personagens se destacar como escritor, o texto não deixou por menos. Fez acompanhar a trajetória de sua vida tumultuada e plena de angústias por meio de uma linguagem figurativa ou simplesmente expressiva notável. Excluindo uma lista abundante de figuras, chama a atenção o estranhamento de linguagem (grifos meus), por exemplo, nesta alusão a Elis: “O escritor (era um escritor) não sabia exatamente a data em que *sua apressada amante* tinha dado início ao *processo de se morrer*”. E pela voz de Will, em apóstrofe angustiada pela perda: “*Custava ter esperado, Lis, flor de minha vida?*” (referência ao suicídio de Elis, obstinada pela ideia narcisista de sempre se manter com aparência jovem). Pelo fato igualmente de ser escritor, são abordados temas atuais que caracterizam o sistema de precedência da classe pensante, como o feminismo, a indignação com os corruptos, a angústia existencial, o poder na mão dos incompetentes, de maneira especial no sistema político e no sistema jurídico, o dilema de pensar e não pensar, e ter como recompensa a depressão ou a ilusão feliz, pois “pensamento e tristeza caminham juntos”, no desabafo de Brás.

Por outra ótica, ainda sobra a possibilidade de se enxergar em tijolo o conjunto de percalços na trajetória de Will, ilustrados pelos vários problemas apresentados

atrás. Tijolo e mais tijolos conseguem colocar em risco o vidro, devido a sua fragilidade, rompendo-se por pouca coisa. Em suma, tijolo e vidro podem, pois, ser entrevistados nos dois momentos fundamentais da existência de Will.

Essas duas interpretações acabam por dar ao texto duas estradas diferentes: na primeira, o título do texto abarca dois personagens em caminhada paralela; na segunda, Brás entra na narrativa como antagonista em alguns momentos ou mesmo deuteragonista, à guisa de suporte do protagonista William.

Em “Diagnóstico”, observa-se de imediato estratégia narrativa um tanto semelhante àquela utilizada em “Somos pó” e setorialização técnica já empregada em “Tijolo e vidro”. Seu ponto de partida é outra catástrofe, o desastre com o avião da TAM, quando, ao sair da pista do aeroporto de Congonhas, se chocou de encontro ao próprio depósito da companhia e se incendiou. Todos os ocupantes da aeronave perdem a vida.

A narrativa, entretanto, se distingue aqui pela atuação do narrador principal, em aproximadamente 80% do texto: não é um contador de história convencional. Os demais quatro narradores, todos personagens, têm papel rápido na exposição, mas o relato fundamental cabe de fato a um gato personificado.

O recurso à prosopopeia não constitui uma novidade na literatura universal. Foi experimentado nas fábulas e nos apólogos da Antiguidade até os dias atuais. Os desenhos animados gráficos e cinematográficos são igualmente fartos em personificações. É um expediente

de grande efeito em muitas obras literárias, de que se podem destacar algumas.

Quando Gepeto fabrica o famoso boneco de madeira, uma fada o enriquece com o dom da fala. Seu dono se maravilha, ao ver e ouvir seu boneco falar, dali para frente conhecido pelo nome de Pinóquio.

Com direção e roteiro de André Klotzel, o filme *Reflexões de um liquidificador* (Brasil, 2009) mostra um velho eletrodoméstico que pensa e fala (com a voz de Selton Mello). Não conversa com qualquer um, apenas com uma dona de casa. Ela passa a ser sua única interlocutora para superar a solidão, quando o liquidificador desempenha o papel de confidente e conselheiro.

Aparecer um gato como personagem em metagoge também não constitui ineditismo. O filme *Um dia, um gato* (da ex-Checoslováquia, 1963) chamou a atenção mundial em Cannes, ao receber o prêmio do Júri do Festival. O filme – fantasia, encantamento e imaginação em bela alegoria – mostra uma trama original: um gato mágico usa óculos, mas, quando sem os óculos, as pessoas vistas pelo gato mudam de cor, de acordo com seu caráter. Por exemplo, os mentirosos ficam roxos, os apaixonados amarelos, os ladrões... Quem não gosta do gato revelador são os adultos, mas as crianças o defendem diante da ameaça de ser morto pelos hipócritas desnudados.

O texto de Adeline da Silveira Barros, por um realismo fantástico, tem como personagem e narrador principal um gato preto. Pela própria cor, as pessoas o veem como mensageiro de azar (“Que que a cor tem a ver com a índole do indivíduo?... Todo preto é agourento?... Conheço muitos pretos decentes... Minha mãe é uma dessas

criaturas” – desabafa o narrador felino), todavia não deixa de perambular por hospitais, sorrateiro aparece em muitos lugares, inclusive no aeroporto de Congonhas, onde presencia o acidente. Diante de tantos mortos cheirando a carne queimada, ele prefere não interferir, mas se manter a distância. Para ele, o espetáculo horroroso era muito, mas muito superior ao cotidiano de sua missão.

Sempre que aparece em lugares onde a morte ronda por perto, é visto como sinal de que alguém vai morrer. É uma suspeita popular – com ou sem fundamento – que no texto se confirma pela narrativa de doentes que falecem em hospitais, com o gato preto fazendo companhia. Dá seu veredicto: “Os pacientes por mim visitados fatalmente iam a óbito”.

O gato narrador se reveste de poder onisciente, como se fosse um observador humano, dotado de conhecimento em todas as áreas visitadas. Sua abrangência se alarga e dá palpite reflexivo em assuntos da medicina, sobre o tratamento recebido, em comportamentos sociais, em atividades técnicas, sobre informações da mídia, acerca da irresponsabilidade das autoridades... Diferente de outras prosopopeias, sua presença se limita a observar, relatar o que vê e transmitir reflexão pessoal. Por isso, o realismo, particularmente o acidente aéreo com todos seus desdobramentos e várias conexões factuais, é o suporte a certa distância (tudo já pertence à história, inclusive com citação da revista *Época*) das ilações comportamentais e vivenciais que sustentam a trama fantástica da estória imaginada pela capacidade criadora de seus narradores.

A escritora Adelice da Silveira Barros, mais uma vez, oferece um presente a seus leitores, essas quatro narrativas curtas. São elas instigantes por sua constante procura de inovação, aqui notoriamente na esfera da fantasia, mediante a locução construída de preferência pelo fluxo do pensamento, discurso indireto livre, pela polifonia do relato, pelo persistente objetivo de não acertar apenas se repetindo. Se o teor das narrativas escapa ao verismo e alça voo em direção às diversas modalidades do imaginário, por metalinguagem coerente o mesmo empenho se verifica na arquitetura imaginável. Dito de forma sintética: a capacidade do contar se infiltra naquela do falar e vice-versa. Nota-se, dessa forma, a busca quase obsessiva da harmonia entre camada ostensiva e camada substantiva do que se narra. É um desafio.

Nilton Mario Fiorio

DE CARNE E DE VERBO

“A física quântica mostra que não podemos decompor o mundo em unidades elementares que existem de maneira independente. Quando desviamos nossa atenção dos objetos macroscópicos para os átomos e as partículas subatômicas, a natureza não nos mostra blocos de construção isolados, mas, em vez disso, aparece como uma complexa teia de relações entre as várias partes de um todo unificado”.

Fritjof Capra

Eu estava mal. Sabia que estava, mas não sabia o quanto. Acho que sempre estive, que nasci assim meio avariada. Por alguma razão misteriosa, colocaram (quem?) em mim um dispositivo maligno qualquer, algo assim como uma válvula, com dia e hora marcados para disparar e sutilmente ir corroendo o que deveria funcionar direito. A mente. A vontade. Trata-se, dizem alguns, de anomalia própria dos artistas, seres estranhos que vivem no limite da sensibilidade. Na soleira da loucura. Quem pensa muito vira filósofo ou sofre, li em algum lugar. Esqueceram-se da possibilidade maior: fica louco. Daí eu penso: e se esses borrões que eu faço não derem em nada, como é que eu fico? Assumo o ônus e não recebo os dividendos? Não que eu seja do mal. Não é isso. Quer dizer, acho que não sou não. Também nunca estive em

situação de escolha. Ai, cara, não sei não. Quem é que sabe? Quanto do emaranhado de infinitas razões se sabe aos dezesseis anos? Sabe-se nada. Porra, acho que estou meio confusa. Vagueio tonta, enredada em pensamentos. Essa é outra dificuldade minha: não saber me expressar direito, não encontrar as palavras, sabe como é? Com o pincel é fácil, sigo sua determinação e pronto. Em mim, a arte da pintura fala por si mesma, tem voz própria, me possui, domina. Com a palavra, não, a palavra em mim escoia lenta, vaga, imprecisa. Vou começar do começo. Não quero que esta seja uma narrativa confusa. Como disse o velho Machado, quando compunha seu Dom Casmurro: nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode. Você já sabe, eu tava mal, sabia que tava, não sabia o quanto, então pensei: se eu deixar a maçada que minha casa é, sair dessa cidade idiota, tenho chance de cura. Coisa de maluco, eu sei, que que a cidade, a casa têm a ver com meu estado de espírito?

Cara, quando cheguei à rodoviária da capital, é sério, fiquei eufórica, quer dizer, de um jeito diferente, fui possuída por um tipo novo de euforia. Você já encarou a rodoviária de uma cidade grande em véspera de Natal? Povão. Feirão gigantesco. Alto-falantes esgoelando apelos comerciais. Vozes mecânicas. Apelos humanos e aquela musiquinha irritante tocada mundo afora, em todos os idiomas. Visão tipo catastrófica, sem a catástrofe. Quer dizer, a catástrofe existe, é crônica, mas camuflada, fantasiada de alegria, descontração, animação ou sei lá o quê. Crença em mudanças. Um dia é sempre um dia. Só isso. Um dia. Nem te conto, meu, circulava por ali, num emaranhado confuso, uma diversidade de indivíduos como eu nunca

tinha visto. Ambulantes esgoelando enganações baratas, pedintes de mãos estendidas, pacotes gigantes atropelando gente miúda. Rostos pra cima, caras pra baixo. Espertos. Obtusos. Ladrõezinhos baratos. O caos. Meu ímpeto foi gritar: o caos existe fora de mim, cara! Se eu embarco nele, no caos, sou parte dele e, sendo parte sua, ele deixa de me perturbar. Pensei. O efeito do caos exterior anula o outro, o interior. Faz sentido, não faz? Ou não? Num lugar assim abarrotado de figuras, o mal tem que se desdobrar, pô, atender a uns e outros, eu divagava quase feliz. Depois comecei a desconfiar dos tipos. Esquisitos. Esquisitos mesmo. Pior que esquitos. Fixei-me primeiro na esquisitice externa, aquela que agride os olhos. Não estavam fazendo gênero como nos aeroportos, onde dá pra sacar que o rasgão no jeans é proposital, frescura de riquinhos querendo aparentar displicência, descontração. A gorda bunduda, metida num par de shorts de lycra vermelha, vendia celulite a dez centavos a tonelada. Com ela fazia par a rechonchuda de saia balonê, umbigo saltado, peitão caído. Cara, era divertido, mas duro de ver. Acho que aquela gente compõe seu visual assim a esmo. Muitas roupas não cabem no dono, outras sobram e muito. Povo. Povão brasileiro. Sua cara mal talhada, escalavrada. Faltando o polimento final. Sei que estou sendo inclemente, metendo o bedelho. País terceiro-mundista, *parasempre* terceiro, povinho desauxiliado, mal informado, esculhambado, ao gosto dos políticos. Em lugares assim é preciso apelar pra indulgência, eu sei, mas alguém tem complacência de mim, perdoa minhas fraquezas, a ignorância? Que nada!

Lembro-me bem (lembro-me soa engraçado, mas é melhor começar a falar direito, na casa de meu pai a

gramática dá nó na língua. Epa, não seria o caso de desatar?): era véspera de Natal. Aquela bruta necessidade de ser feliz, mesmo não sendo. Estávamos na sobremesa do almoço. Me irritei com uma discussão besta entre minha mãe e seu marido, o número quatro. Minha mãe gosta de se casar, não do casamento, do estado de casada, mas do ato em si, do show, do que ele contém de glamour, eu acho. Da badalação: os cumprimentos, os presentes repetidos que não cabem mais nos armários. Uma lagrimazinha ensaiada, bem de leve para não borrar a maquiagem pesada, desse teatrozinho barato ela gosta. Da responsabilidade, do dever de agradecer, chegar junto na hora da desgraça, disso ela não gosta não. Casar pra fazer o outro feliz, isso nunca passou pela cabecinha vazia de minha mãe. Besta mesmo a discussão. E meu padrasto também é um bolha. Um queria que o prato principal da ceia natalina fosse bacalhau, o outro exigia o tradicional peru, aquele com apito e tudo, o papo recheado com farofa gorda, uma mistura de miúdos, castanhas e vinho. Divino, reconheço, mas daí a ser motivo de briga... Começou um falatório tipo nesta casa só você tem razão, eu não tenho voz, nunca tive. Só entro na hora de pagar a conta. Os olhos de minha irmã saltaram das órbitas e ficaram rolando de um para o outro, à espera da reação de minha mãe, que não veio. Mentiroso deslavado, ninguém nunca tinha visto a cor de seu dinheiro. Coisas assim. Então pensei: não vou ficar aqui assistindo a esse show de imbecilidades, presenciando o lento e enfadonho esfarelamento dessa coisa amorfa que eles insistem em chamar de união, não mesmo.

Peguei a mochila de lona preta, joguei dentro toda sorte de bugiangas: duas saias compridas, a sandália ras-

teirinha, jeans, camisetas. Espantalho, meu macaco peludo, feio de dar dó. Alguns CDs, minha coleção de *piercings*. Eles, os *piercings*, atestam meu humor. Quando estou bem, uso borboleta, lua, fadas; quando fico mal, uso caveiras. É assim uma espécie de senha pra todo o resto, a galera já sabe. Peguei minha coleção de pulseiras, o carregador do celular. Os cigarros, os remédios. Um livro: *O dia em que matei meu pai*. Será que a versão feminina existe? Vou procurar. Das telas, só peguei *Jesus em meio à caatinga*, meu predileto dentre todos os trabalhos que já fiz. O Mestre, um cabra de pele curtida, tão crestado quanto os arredores, a cabeça chata, chapéu de cangaceiro, dois olhos redondos de criança espantada que não sabe a que veio, furando a tela. Acho que foi só. O porta-retratos com a foto de Lipe, ele de boné, meio sério meio risonho, pego, largo, torno a pegar, largo. No fim acabo desistindo, eu acho. Só vou ter certeza quando chegar à casa de meu pai. Nas costas a mochila pesa pra cacete (palavra a ser abolida na casa da família real, pra onde estou indo). Não me despedi de ninguém. Pra quê? Pra minha irmã deixei um bilhete. A gente se dá, sabe? Não é muito bem não, mas se dá, se apoia na dificuldade, quando são os jovens contra os adultos.

Da turma só falei pro Lipe. Foi depois da aula, na pracinha, deitados no mesmo banco, em posições contrárias, ele olhando pros meus tênis novinhos e eu olhando pros dele, um bagaço. Depois das aulas fomos andando devagar, mãos dadas, cabisbaixos, penso, não tenho certeza. A revoada de alunos se distanciando aos poucos. O sol do meio-dia achatava nossas cabeças. A pracinha fica a duas quadras do colégio. É uma pracinha boboca de cidade do interior, bancos quebrados, árvores meio tor-

tas, mas depois da chuva de ontem tava até bonitinha. À noite, vira um breu e é ponto de encontro da galera do baseado. Garotos e garotas de bermudas rasgadas, alguns com menos de catorze anos. Olhos vermelhíssimos, sorriso besta esparramado na cara, fumam seus bagulhos sob a paz das estrelas. Dou uma olhada meio nostálgica nos arredores. Despedida. Bem em frente está o prédio onde um dia funcionou o cinema, uma construção sólida, mas bem arruinada. Foi ali que, com a cara lavada por uma cachoeira de lágrimas, minha mãe assistiu a *Doutor Jivago* e outros melodramas, de mãos dadas com meu pai, seu primeiro marido. Agora, serve pra apresentações de balé, encerramentos de ano letivo, essas babaquices todas. Foi ali também que trocamos, Lipe e eu, nosso primeiro beijo, no baile de formatura do ano passado. Foi bom pra você, Lipe? O quê? Nosso primeiro beijo. Foi, não foi pra você? Foi. Então por que está perguntando? Sei lá, olhei pro prédio do cinema e me lembrei. Lipe sabia que meu dia era ruim. Em dias assim, tudo podia acontecer ou podia não acontecer nada. Lipe respeita as oscilações de meu humor. Fica comigo todo o tempo que pode, porque sabe que tenho medo de ficar sozinha. Só fala se eu falo, não força carinho nem nada. Fui casual, mas havia intenção. Depois, pensando, roendo uma frustração monstro, acho que fui casual demais. Olhei pros seus tênis esbagaçados, os pés dele, na vertical, parecendo maiores do que são. Pés de defunto voltados pro alto, assim. Pensei na certeza de Lipe estar um dia daquele jeito no caixão. A necessidade que tenho dele doeu tão fundo que senti uma mistura de náusea e medo. Medo de não ser capaz de buscar outras âncoras. Aí falei de supetão: Lipe, tô me mandando. Pra

onde? Pra Capital, vou morar com meu pai. Faz isso não, Mia. Por quê?, perguntei com uma esperança doida dançando no meu peito (a dança aumentava a dor e eu nem ligava). Porque dá na mesma. O velho tem mulher, não tem? Tem, uma víbora desgraçada metida a menininha, sabe como é? Taí, ela vai te aporrinhar, te encher o saco, vai ficar tudo na mesma, Mia. Não, Lipe, vai ser outra coisa, meu pai vive nobremente. Como assim? Tem uma vida fácil, dinheiro fácil, tudo fácil. Pior ainda, teu velho tem todo o tempo livre pra pegar no teu pé, te aporrinhar. Eu nunca vou sair daqui, quer dizer, definitivamente. Por quê? Porque nasci aqui, tô bem assim como tô. Sei. Invejo sua convicção, a certeza. Inveja? Invejo, você é um cara que se dá bem com a própria carcaça, com sua cachola, seu jeito de ser. Eu não. Sou dessas pessoas que não se encaixam, que vivem em guerra consigo mesmas, entende? Acho que me meti na pele errada, sei lá. Sabe o que eu penso, penso que você tá gozando com minha cara, Mia, no fundo você me acha um desses cretinos acomodados na vidinha besta que leva numa cidade de merda, um babaca completo. Apelação agora, Lipe? Falo sério, acho você acomodado, mas no bom sentido, não é crítica não. Cada um é como é, você é tranquilo, gosta de si mesmo, está em paz com o mundo do jeito que ele se apresenta. Não tem esses grilos de ficar perguntando: quem sou eu? de onde vim? vim pra quê? Esses troços todos que atormentam a galera.

Não era isso que eu esperava. Queria que ele se descabelasse, sabe? Que me apertasse contra seu peito sarado até que eu o sentisse todinho contra meu corpo e ficasse arrepiada, a respiração ofegante como se estivesse

com febre alta (apesar do meu dia ruim), que ele implorasse pra eu ficar, desistir da ideia, que se ajoelhasse... Não, ajoelhar acho que já é demais. Sei lá, queria que ele desmoronasse, se descabelasse: Não vai não, Mia, eu preciso de você, você é a mulher da minha vida, te quero pra sempre. Essas breguices que as mulheres de todos os tempos adoram ouvir. *Pra sempre!* É desse atestado que eu preciso, necessito da garantia de que vai durar pra sempre, não me contento com amores passageiros como os de minha mãe. Lipe não entendeu ou fez que não. Pode ser também que seu amor próprio tenha ficado ofendido, que ache um descaso meu partir assim de repente. Ele sabe, sempre soube que sou sua, estava acostumado com a certeza de que quando chegasse a hora ele seria o primeiro (e único pra mim). Quando todo mundo já foi pra cama, a gente ficava no sofá da casa dele ou da minha, colados um no outro, tão juntinhos que nem uma barata com muito esforço conseguiria passar entre nós. Andava perto, mas ainda não tínhamos chegado lá. Também na escola, durante o recreio ou até nos intervalos das aulas, um amasso apressado, correndo o risco de sermos pegos pelo cretino do bedel, um tarado que vive espionando a galera pelos cantinhos do pátio. Masturba-se com o amasso da turma e depois entrega a galera na diretoria. Safado! Era só questão de dias, horas, quem sabe? Ultimamente nosso pensamento, como um relógio velho, emperrava ali, no ponto crucial, cada um querendo mais que o outro e eu pedindo tempo, acho que por medo de o tempo passar e não haver mais aquela ânsia um do outro, a urgência que anula todo o resto. Os pais de Lipe também são separados. Lipe também sofre do mal do *tudoacabadoentrenós*. Nada

que um bom terapeuta não possa resolver, já sei (mas não é bem assim). Acho que só por isso ele concorda com a espera, ele também se guarda para que dure para sempre. Na verdade, pode-se dizer até que a gente já fez tudo, na medida em que ele está nas minhas sessões masturbatórias, cada vez mais urgentes, e eu, claro, estou nas dele. É fato sabido, discutido por nós nos mínimos detalhes, nós dois magros, famélicos, amarelentos, horrivelmente necessitados. Apesar da necessidade, da dor aguda no ventre, acho que a coisa funciona assim (na minha cabeça e na dele): se ainda não aconteceu, mas vai acontecer, não passou, não é passado, é futuro. E a gente depende, precisa do futuro. Seguindo essa linha de raciocínio, o grande momento fica sendo assim a chave que nos garante um futuro juntos, dá pra entender? Muito doido, eu sei, mas é assim que a gente é. Somos o resultado de complicações múltiplas de uma geração perdida. Somos filhos de pais iludidos com a juventude eterna, filhos de pais que apostam na troca do parceiro, quando uma renunciuzinha barata talvez fosse suficiente, sei lá. Foi um final xucro pra tudo que a gente tava vivendo. O final possível, eu acho, talvez não o definitivo, repito o tempo todo pra me consolar. Pode ser que eu volte. Que ele vá atrás de mim. Que a gente se case no civil e no religioso, eu de véu e grinalda, ele de terno preto, cravo branco na lapela, tenha filhos lindos, ou mesmo feinhos, porém menos confusos do que a gente é. Que o amor dure até que a velhice dê cabo de nossa carne, cegue nossos olhos e ouvidos e, depois, reabilitados na morte e confinados na mesma tumba, possamos trocar longos beijos de dentes por toda a eternidade.

Mais do que sensação. Eu diria que é certeza: o que está acontecendo comigo ocorre à revelia de mim, por uma vontade superior à minha, tipo assim, estou caminhando por uma estrada reta, segura, a minha estrada, eu penso, de repente começo a pisar um terreno estranho, como se, sem querer, eu tivesse atravessado a fronteira de meu território, pisasse terra alheia. Chego a olhar para um lado, depois pro outro, à procura dos olhos atentos da patrulha. Penso em voltar, desfazer o equívoco antes que a patrulha me descubra clandestino, mas mesmo me sentindo constrangido e estrangeiro sigo em frente. Este não é o meu filme, penso, o meu roda em preto e branco, lentamente, um fato de cada vez, meio sem graça para os que gostam de aventura, e o que estou vivendo é um filme em tecnicolor, cheio de sobressaltos, inquietações. Um homem de minha idade, sobrecarregado de compromissos, obrigações, como é possível? De que é capaz um par de olhos negros mergulhados em profunda nostalgia? Uma cena vislumbrada, mais adivinhada do que vista, propriamente, deixando dúvidas quanto à sua veracidade, e as dúvidas voltando sempre numa insistência impertinente. O filme (ou é teatro?) começa assim: estou no colégio das irmãs agostinianas. Fui chamado pela diretora para iniciar os trabalhos de recuperação dos móveis da sala de reuniões dos professores. Quando começar o recesso escolar, vou pôr a mão na massa pra valer e devo recolocar nas juntas as pernas de mesas e carteiras, desconjuntadas no atropelo de alunos apressados, um bando de irresponsáveis que desconhece o valor do dinheiro. Estou trabalhando numa mesa de jacarandá, peça antiga, coisa fina. A lixa áspera remove o sebo de anos e anos de cotovelos puídos em longas sessões sobre problemas recorrentes, jamais resolvidos. Falo com conhecimento de causa: meu filho estuda aqui, no sistema de meia-bolsa. É quando começo a ouvir arrulhos suspeitos bem debaixo da janela onde trabalho. Sinto

os dentes da curiosidade mordendo-me a pele de cordeiro. Olho? Não, é vida alheia, problema dos outros.

Roda. A roda roda. Roda cabeça. Roda. A vida. A passagem na mão. Solução ou fuga? Rodopia na curva fechada a dúvida áspera, uma quase certeza de que tudo desanda no final. Roda uma náusea gorda, redonda. Nojo de grávida arrependida, tentando vomitar o *fetobebê*. O ônibus gira a claridade difusa da complicação que me assalta. Cinza. Gira a decisão repentina. Rumar pra casa de meu pai assim, sem mais. Penso na cara de meu pai, o queixo caído diante da figura que eu faço, atravancando a porta de entrada de sua cobertura. A casa todinha iluminada com aquelas frescuras todas de arranjos natalinos. Anjos, laçarotes, um turbilhão de caixas decoradas debaixo do peso insuportável da árvore, que só queria ser árvore de jardim no fundo qualquer de uma praça esquecida. Essas coisas todas. Que desarvoram o sentido das coisas. Desjuízo de uma filha destrambelhada aparecer assim, sem mais, em pleno dia de festa. Aporrinhção besta, custava esperar um momento mais propício?

De mochila nas costas, francamente, filha! Eu teria mandado o motorista. Provocação, só pode, é o que meu pai vai pensar, balançando a cabeça, insatisfeito com o inesperado da situação. Divirto-me (viu como falo direito? Vou merecer os aplausos da megera) só de pensar no espanto do velho. Sua mulher, uma branquela espichada, cara de lagartixa (usa aparelho nos dentes para ter a ilusão de juventude), me dá nos nervos. Gestos lentos, afetados. A barata descascada exhibe uma segurança impossível no ser humano. Pelo menos hoje há de perder a compostura

estudada. Está tudo bem, meu amor, eu cuido da menina, filha sua é minha também! Quero ver quanto dura seu teatrozinho sem ensaio. Certamente vai imprimir na cara sonsa uma alegria falsa, vai me empurrar pro banheiro, oferecer um despropósito de xampus, condicionadores. A mulher de meu pai tem uma fé inabalável nos condicionadores (também com aquele cabelo esbranquiçado de tão loiro...). Vai colocar um talher a mais na mesa, posta com capricho. Perto de quem? Do filhinho querido, estudante de engenharia, aluno do ITA. Aquele paspalho que fala inglês britânico com absoluta perfeição!

Aí penso no meu filho que neste momento deve estar se dirigindo pra sala de aula, quer dizer, essa é a previsão. E se for ele ali debaixo da janela, numa encrenca daquelas? Pé ante pé, vou-me aproximando. Não é o que você está pensando, não sou nenhum bisbillhoteiro..., ou não era e agora sou? Olho, não olho, os gemidos aumentam, acelerados. Olho, é claro, afinal sou humano. Santa misericórdia! Fico todo ouriçado. O garoto, não o meu, graças a Deus, age como era de se esperar, envolvendo a menina em suas teias, não que ela não queira, acho que também quer, mas o homem sempre quer mais. O sino deve tocar a qualquer momento, e eles, surdos ao apelo estridente, não vão parar, duvido que um sino, por mais insistente que seja, consiga interromper uma predisposição daquelas. Nada segura seus hormônios adolescentes, potros selvagens galopando desenfreados em suas veias. Também fui jovem, conheço esses desatinos. Santa Misericórdia, Divino Espírito Santo, quem há de salvar do fogo do desejo o corpo pagão dos inocentes? Quem?

Quem pensa que a condição de espectador existe se engana. Não sei quem está mais comprometido, se os dois

lá fora ou eu aqui nesta sala, vigiado pelos olhos atentos de quatro paredes branquinhas cobertas de santos, Nossa Senhora com o Filho morto no colo, os olhos revirados, será que ela viu alguma coisa? O sino toca e ninguém se mexe, quer dizer, do jeito que deveria, recompondo-se e correndo pra sala de aula, pra aprender com o professor o que tem que ser aprendido na escola. Apresentarem-se na frente do professor, vermelhos e ofegantes como estão, é assinar o termo de culpa e receber o castigo, que pode ser suspensão ou até pior, pode ser expulsão imediata. Que situação a minha!

A euforia está passando, passou. Aí, já sei, é o colapso total da energia. A ausência. A agitação incontrolável acelerando a respiração. No peito agitado, minha substância incorpórea, a alma, o espírito, o que você preferir, dá pinotes, arranha a garganta, entala, esperneia e sai pela boca. Meu corpo inviável fica doendo a dor de um parto complicado. Trêmula, parada, sou um útero vazio de mim. A náusea aumenta. Ensaio um vômito seco, duro, cavernoso, o vômito ronca e volta. *Vomitodorancestral*. Seco, cavernoso. O passageiro do lado esbugalha os olhos. Sou meio fóbica, sabe, desculpo-me meio sem jeito. Vazia, sem força nem pra vomitar, sigo a aventura sem volta. No funil da vida, vou-me desaguar onde? A mochila está entre minhas pernas. De uma certa forma, não sei explicar direito, ela me dá segurança. Tenho uma mala com alguns bagulhos, não estou completamente solta no mundo. Para assegurar-me de mim mesma, preciso tocar algo concreto, que me pertença. Vasculho a mochila à procura do vidro de remédio, os troços misturados, jogados ao acaso, chocam-se fazendo um barulho metálico. O passageiro

revira-se inquieto na poltrona, olha desentendido. Um homem seco, sem rosto, sem idade. Sem água, a cápsula desce aos solavancos. O queixo do passageiro cai de espanto mudo. Desconfiado, ele sai de mansinho. Acho que não volta mais. Rá, rá, rá, a poltrona é toda minha. Lá fora o vento desfigura a cara de minha alma, uma sombra gasosa delineada pelo contorno fosforescente em tom de azul metálico. Leve como um véu. Etérea como um sonho mal-acabado. Ela zomba de meu desespero, da respiração difícil me arranhando as narinas, do peso que me impede os movimentos. Bate no vidro: Esqueleto! Esqueleto!! Faz careta pra mim. Boa amiga, foge de meu corpo inviável, porém permanece ao meu lado. Fiel como uma sombra. Sonâmbula, ofegante, nauseada e já meio tonta pelo efeito do remédio, me esforço pra lhe devolver a careta num otimismo contrafeito. Não tive a graça da cascata do riso fácil, da alegria espontânea. Minha carne tem a rigidez de ossos. Não tive direito à escolha. O olhar fixo do camponês na enxada me diz que ele também não. No entanto, há dignidade e certeza naquele olhar... Não vou ser como minha mãe. Vou abraçar o tempo. Se conseguirmos...

Separados por uma mísera parede, por uns poucos metros (eles embaixo, no piso, e eu no segundo andar), sinto-me responsável pelo que possa acontecer aos imprudentes. Não sei se pela segurança deles ou se pela garantia de meu emprego, vejo-me obrigado a agir. Pego ao acaso uma estatueta de bronze ou imitação do metal e pá! A deusa, coitada, que estava ali só de coadjuvante, estatela-se na dureza da pedra, cacos zunindo pra tudo que é lado. Assombrados, os dois olham pra cima, bugalhos desmedidos, ventas abertas, tentando se recompor. Assim meio

espremidos, os relevos inchados (deles e meus) vão voltando aos lugares de onde nunca deveriam ter saído. Escondo-me às pressas rente à parede, não sem antes ver o rosto da garota voltado para o alto. Temo estar sendo vítima de alucinações. Disfarçado pela cortina, olho para um e para outro. O rosto da Virgem com o Filho no colo e o da garota lá fora. A mesma suavidade de traços, rosto em forma de pera, sobrancelhas à Frida Kahlo, boca pequena, lábios cheios. Os mesmos cabelos escuros, a mesma expressão de dor nos olhos graúdos, risonhos, embora desesperados. Dor, mas que dor que nada, num agarra-agarra daqueles. Alucinação, só pode ser. O castigo é imediato. Aqui se faz, aqui se paga. Mas precisava ser com juros tão exorbitantes? Quisera eu nunca, nunca ter sucumbido à curiosidade, eles que se virassem se fossem apanhados, que é que eu tinha com o fogaréu deles? O diabo foi ter pensado em meu filho, desculpo-me na tentativa de salvar a precária dignidade de um velho.

Pra onde o companheiro segue? Eu? E tem mais alguém aqui por perto? É verdade, desculpe, ando meio atarantado, sabe? Os pensamentos assim nublados. De um momento para outro, os acontecimentos renegaram o meu comando, adquiriram pernas próprias e deram para andar sozinhos, à revelia de minhas decisões, numa independência que me assusta, sabe? Sua pergunta feita assim de chofre me pegou desprevenido, quando nem eu mesmo tenho certeza do meu paradeiro. Sigo e pronto. Como assim, o colega vai e nem sabe pra onde? Não é fácil explicar, estou indo para onde o Chefe me mandou. Disso eu sei, só não sei do lugar. Sigo Sua guia, Sua vontade, Seu governo. Ele me mandou tomar este ônibus, aqui estou. Tô embasbacado, irmão. Que mal pergunte, esse seu chefe aí merece

tamanha servidão? Servidão? Quem falou em servidão? Vou por dever de obediência, não nego, mas vou satisfeito, vou ciente de minha obrigação. Vejo que o companheiro é homem de confiança do chefe. Tenho procurado ser. Ninguém foge ao governo Dele e se foge paga o preço da rebeldia. Incrédula, a humanidade vem caminhando tonta de um estado, país, continente para outro, em busca de uma satisfação impossível fora Dele. Você conhece alguém realizado, pobre ou rico? O que se vê é ganância, selvageria. Por que tamanho genocídio, irmão matando irmão, roubando, traindo, saqueando o vizinho de porta? A resposta só pode ser uma: decepado do tronco, o galho seca. Estéril, sem a seiva que a comunhão com Ele nos oferece, o corpo perde a sintonia com a alma. Concorde que, descrente, a humanidade se perdeu no desvão de si mesma? Concorde, concordo sim, companheiro. Você está coberto de razão, depois (com o perdão do comentário, tenho até medo de castigo) que mataram Deus, ou Ele mesmo meteu um balaço na cabeça para se livrar da bandalheira, o mundo ficou órfão, virou um úbere vazio, seco, triste de dar dó. São tantas as barbaridades, umas soterradas sob as outras, que o indivíduo não tem tempo sequer de mastigá-las, quanto mais de engoli-las. Embaralham a mente, embrutecem o ser. O resultado é isso que se vê. O telejornal de hoje é o mesmo de ontem e será o de amanhã. Mas Ele vai ressuscitar, companheiro, acredite, Ele há de renascer na fé de cada um. Tomara que você esteja certo, tomara. O problema, meu amigo, é que a fé hoje em dia é privilégio de poucos, uns gatos-pingados fora de moda, feito nós dois. Esses são os que ainda vivem. Os outros andam por aí destilando suas pústulas insepultas e nem

sabem que morreram. Os dois param de conversar e ficam escutando o silêncio um do outro. Não era um silêncio ordinário. Era o silêncio de falas enrustidas, adivinhadas em posturas comuns. Sentados lado a lado, compunham um díptico digno de ser registrado. Estar naquele ônibus desconhecendo seu destino colocava nosso viajante num tempo e dimensão que lhe escapavam, sem saber se hoje era ontem ou amanhã.

De repente, saindo do mutismo, o viajante, cujo destino ele mesmo ignora, ouve espantado a própria voz numa pergunta de interesse meramente casual: Bem, se meu destino é incerto, fale-me do seu, que talvez tenha um rascunho mais preciso. O meu? E tem mais alguém aqui? Vejo que o companheiro é rápido no gatilho da vingança, pois não? O itinerário de minha viagem é bem traçado, o resultado da empreita, esse é vago. Já que você perguntou, a minha é uma longa história. Triste. Corriqueira para quem não está envolvido nela, quem sabe, pra mim, que estou no centro do cataclismo e preciso de solução imediata, é mistério e é cruz. Cruz de madeira maciça, pesada demais para meus ombros. Estou aqui neste ônibus em busca da última esperança. Se falhar, posso meter um balaço na cabeça, porque viver como tenho vivido não me interessa mais. Não diga isso, meu amigo! Atentar contra a vida, mesmo a própria, é o mais grave dos pecados. A vida é feita em cadeia, é tecida em elos entrelaçados, a ruptura de um desequilibra o conjunto, desarticula o próximo. Somos uma ciranda, caminhando de mãos dadas, um depende da força do outro. Ninguém é dono de si, de seu tempo, todos têm a obrigação de cumprir o tempo determinado por Ele, até que outro tome o seu lugar na

ciranda da vida. Eu sei, eu sei, mas antes atentar contra mim que contra aqueles que me exploram, engambelam com promessas falsas. Farto. Estou farto de ser enganado. Vou contar a que vou, depois julgue por si mesmo. Tenho cinco filhos, quatro homens e uma mulher, a caçula. Ah! como aquela menina foi desejada por mim e por minha companheira. Nasceu branca como um lírio. Os raros fiapinhos que mal cobriam seu cocuruto cor-de-rosa hoje são cachos dourados guarnecendo seu rosto bonito. Foi crescendo dócil, risonha, curiosa. Empolgada com a vida. Era a alegria de nossa casa, cansada dos rugidos de quatro machos arrelientos. Nossa menina foi quase um anjo, um anjo de menina até que lhe viesse o primeiro sangramento. De um dia para o outro, o sono migrou de seus olhos. Muitas vezes ficava assim parada, olhando o tempo e o tempo lhe escapando. Adquiriu um ar de perplexidade diante das coisas, como se a disposição do mundo, tão correta, formasse um todo absurdo. Falaram que era o mal da adolescência que ataca os jovens de hoje. No meu tempo não tinha nada disso. Comecei na luta muito cedo e patrão lá quer saber se os hormônios estão ou não atazanando a virilha do empregado? Tirei minhas dúvidas foi na cartilha da vida, depois do expediente. À noite minha filha virava um zumbi, devaneando pela casa. Somos uma gente ocupada com o trabalho. Aquele zanzanza noite adentro, tão fora de propósito, perturbava o andamento da casa, mas ninguém dispunha de energia para velar com ela a insônia. A noite é longa e o dia cobra sustância. Não sei se foi esse o erro, não sei. Uma noite acordamos ao mesmo tempo, minha mulher e eu, alarmados com o odor de fumaça chamuscando os pelos

de nossas narinas. Na sala paramos estarecidos. Sentada no sofá, nossa filha parecia absorta na contemplação de chamas famélicas engolindo uma almofada, dessas que as mulheres gostam de espalhar pela casa. Por mais que a gente gritasse, a menina não tomava atitude, nem em defesa própria. Peguei a pequena nos braços e fugi com ela pra varanda. Nos meus braços, ela começou a tossir, mas não demonstrou susto ou medo. Não sei se teria morrido queimada, ninguém sabe.

Esse foi o primeiro incidente. Agora nossa casa parece um forno de assar pizza, todinha chamuscada, por dentro e por fora. Em intervalos de uma ou duas semanas, ocorre um incêndio. Bem, até onde sei, acidentes assim são comuns, acontece de alguém esquecer uma vela acesa... Antes fosse isso, antes fosse. Cansados de ser pegos desprevenidos, criamos plantões com turnos de três horas para cada membro da casa. E todos nós sabemos de onde vêm as chamas, todos nós sabemos que as chamas são provocadas por ela. Pela garota? Sim, pela minha menina. Como assim? Acredite se quiser. Eu, que sou testemunha ocular, custei a admitir. Minha filha é um vulcão. Um vulcão, sim senhor. Entra em ação quando bem lhe dá na telha. O fogo traiçoeiro vive lá nas suas entranhas. Para vir à tona, basta que ela fixe a vista com determinação em algum objeto, assim. Tem olhos de cão danado, a minha menina. Quando ela fita com vontade, até os metais avermelham e começam a dissolver feito uma pasta mole. O resto vira carvão ou cinza. Sei que não é fácil de acreditar, mas, pelas sete chagas de Cristo, eu juro que é verdade. Santa Misericórdia! São fatos que a gente lê em jornais, revistas, mas, assim, de viva voz... Já chamaram o padre, consultaram

médicos? Tudo que o senhor imaginar. A ciência não tem explicação. Quer dizer, os médicos dizem que ela precisa de psiquiatras, psicólogos, mas morando no interior... Os curandeiros dizem que ela está possuída pelo demônio e prometem retirar o tinhoso de seu corpo por meio de umas rezas esquisitas. Os padres também falam em possessão demoníaca e tentam toda sorte de exorcização. Maltratam a menina com chibatadas, coitadinha, mas até agora a vitória tem sido do tinhoso. A fé é o único meio de redenção, não perca a sua, companheiro. Se Jesus resgatou dos braços da morte a filha de Jairo, pode muito bem livrar a sua do poder de Seu grande inimigo. Tenho certeza de que Ele vai gostar de executar o trabalho. Olhe, hoje é o aniversário de Jesus, não é? Então, entre numa igreja e confesse a Ele seus pecados, mostre que o senhor é um homem de fé. Tenho tentado manter viva a minha crença, Deus sabe o quanto. Minha mulher e eu rezamos, fizemos promessas pesadas, oferecemos a Ele nossas vidas até em favor da cura de nossa filha. Para salvar o que ainda resta da casa, construímos para minha filha um quarto todo de pedras e colocamos sobre seus olhos uma venda preta. Ainda assim, um odor acre atravessa o telhado da casa. Os vizinhos, gente que frequentava nosso quintal, nos encurralam com ameaças veladas, olham pra nossa casa de cenho fechado. Já ouvi dizer que estão fazendo um abaixo-assinado para nos expulsar do bairro. O senhor consegue imaginar um castigo maior para um pai, uma mãe, do que ver a filha trancada, sendo chamada de bruxa? Privada da luz, do convívio com os amigos? Correndo o risco de terminar em tragédia uma vida que mal começou. Determinei que esta será minha última

tentativa; se falhar, o senhor já sabe, dou cabo de minha vida. Quando todos estiverem dormindo, tranco portas e janelas, retiro os cadeados. Boto fogo na casa. Talvez descubra o prazer que dá à minha filha a visão de labaredas transformando em pó objetos preciosos. Não diga isso, nem em pensamento, alguma solução há de surgir, acredite. Têm falado muito num candidato a santo lá pelas bandas de Aparecida de Goiânia, estou indo no rastro do mago. Que Deus inspire o homem, senão... Ele vai inspirá-lo, há de inspirá-lo, tenho certeza.

Acho que dormi um pouco enrolada na mochila, feito um feto abortado no meio da noite. O ônibus para, num solavanco. Aí acontece o que já falei antes: sou literalmente atropelada pelo caos. Pela janela vejo um cartaz enorme ornamentando a fachada de uma loja de departamento: É Natal. Na Terra, haja paz! Como se ninguém soubesse, seu imbecil. Depois vejo a multidão feia, encardida. Fico eufórica, acredito nela, na multidão. Gingobel! A mesma musiquinha chata. Rodei e o lugar é o mesmo, só que multiplicado. O mundo é redondo, sua tonta. Além do vidro, o som estridente de apelos comerciais. A cabeça pesada, a boca amarga, a dor doendo crônica no peito, os lábios ressequidos pedindo cigarros. Irrito-me com a tremura das mãos ao riscar o fósforo. Dou uma tragada profunda. A fumaça fica dançando entre mim e os outros passageiros, alguns visivelmente contrariados com minha falta de respeito aos não fumantes. Isolada pela cortina de fumaça, a sensação de solidão é quase insuportável. Meio que sinto vontade de chorar. Fim de um dia abafado num emaranhado de nuvens secas, esté-

reis. Uma euforia desmedida me dá a certeza do lugar, da situação. Loucos, penso. Mansos, talvez, nunca se sabe, mas loucos. Pelo aspecto, são. Praça gigante, tipos exóticos, feios, maltratados. Poucos negros, raros louros. A ondulação encardida de uma massa parda caminhando sem rumo, sem destino, sem guia. E quem é que precisa de um guia? O mundo seria bem melhor sem eles. Um alto-falante esgoela músicas natalinas. Retiro a liguinha do cabelo, ajeito o rabo com as duas mãos, recoloco a liguinha, dando duas voltas pra ficar bem firme. Pego a mochila. Aperto o cigarro entre os lábios, levanto o queixo e, espremida entre os passageiros, sou empurrada, esmagada. Desço os degraus do veículo segurando firme tudo que possuo: minha mala. Depois de uns passos meio bêbados, decido ficar algum tempo por ali, usufruindo minha liberdade temporária. Atropelando os mais próximos, dispo-me do peso da mochila, que cai sobre o piso manchado, num baque seco de ossos quebrados. Esfrego o cigarro no chão. A fumaça permanece indecisa, depois começa a subir indefesa, triste. Solitária. Olho o toco ainda vivo, a ponta molhada com minha saliva. É uma parte de mim que acabo de desprezar. Resolvo ser civilizada, guardo o toco do cigarro na mochila. As digitais de Lipe também vão desaparecer de minha pele, penso, nostálgica. Ainda bem que o choro é seco. Sentada sobre a mala, acompanho a multidão desarvorada arrastando seus pertences. Vem-me a voz chata de todas as aeromoças no fim de todos os voos, lembrando aos passageiros a necessidade de pegar, no compartimento de bagagens, seus pertences de mão. Quanta diferença! Uma figura se aproxima, sentando-se ao meu lado, no chão. Não tem mala nem pacotes. Os

braços longos, de ossos largos e descarnados, rodeiam os joelhos ossudos. Cabelão preto, anelado, ensebado. Pele morena. Árabe ou descendente da raça. Tão magro que o peito afunda numa cavidade cavernosa. De cima eu observo seu desalinho, o alheamento. Posso encará-lo quanto quiser, porque o tipo olha através das coisas, sem se fixar em nada. Despencou do mundo e nem percebeu, penso. Aceita?, ele pergunta de repente, num tom mais de intimação que de oferta, exibindo na palma da mão ensebada um papelote amassado. Não, obrigada, não sou usuária. Pô, não precisa ser, é só pra experimentar, sabe como é? Não posso. Por quê? É que eu tomo uma droga forte. Droga é tudo droga, pô. É diferente, tarja preta, remédio controlado, sabe como é? Além disso... (será que falo?). Resolvo falar bem depressa, de uma vez só, antes que perca a coragem. Além disso, usar droga é cooperar com o crime organizado. Pronto, falei. O tipo se exalta. Tenta se levantar e depois de muito esforço fica balançando precariamente o esqueleto largo, assim como um espantalho ao vento. Droga é droga, pô, repete. Tem o maxilar largo, coberto por uma barba negra e espessa. Longa como a dos santos nas igrejas. O nariz, em desacordo com o resto, é pequeno, quase infantil. está doidão, é hora de me mandar, penso. Nisso, outras figuras vão se juntando a nós, formando uma roda asquerosa. Mulambentos, fedem pra caramba. Bem diferentes de meus amigos, caras sarados, marombeiros, ratos de academia. Fissurados em quadras de esportes. Acontece assim de repente, como um foco em primeiro plano, bem na altura de meus olhos sentados, a *tattoo*, uma barafunda colorida e brilhante de flores e pássaros que emerge da miniblusa e vai perder-se na

profundidade de um jeans folgado. O resto vai surgindo aos poucos. Pernas finas metidas num par de botas muito largas, arrematadas por uma borda de lã de carneiro. Peito chapado, pele de um branco doentio. Apesar do calor, usa um casaco tosco aberto na frente, quase despencando de seus ombros ossudos; grande demais para seu esqueleto frágil. Na cara, a menina bonita, talvez de minha idade, talvez mais nova do que eu, exhibe um sorriso demente. Chapadérrima. Ninguém se senta. Ficam ali aéreos, fedorentos e puros, pelo menos na aparência. O primeiro deles (vou descobrir mais tarde, chama-se Pedro e ocupa o cargo de chefe da estranha trupe) continua seu balanço de espantinho, repetindo num refrão: droga é tudo droga, pô! Já sei que droga é droga, concordo em gênero e número, agora vou indo. Prazer, galera, falo pegando meus trastes e tapando o nariz. Peraí, o irritado esbraveja, me encarando pela primeira vez, um olhar turvo, bruxuleante, estão te engrolando, garota (falava embrulhando as palavras, as veias do pescoço inchadas, dois bugalhos vermelhos me furando a pele). Quem está me enrolando? Quem? O cara que te prescreveu a droga, pô. Não, eu dependo mesmo. Depende? É, tenho aí uns troços, às vezes estou em cima, outras estou no fundo do poço, esses troços que provocam uma dor funda, infinita, sabe como é? Não, acho que não sabe não, só quem tem pode saber. Troço de doido, incurável. O negócio é não parar os remédios e ir levando. Disseram que me falta uma tal dopamina no cérebro, quem sabe direito é minha mãe. Absurdo falar em mãe com aqueles tipos, devo ter dado a pior das impressões, agora é tarde. Tchau, a gente se vê. Tem quase o dobro de minha altura, pele de cor indefinida, barba e cabelos

de um vermelho agressivo, surge sabe-se lá de onde, do meio de um lixão, só pode. João, áspero e truculento, barra-me a saída. Vou levantando a cabeça até alcançar o furor de seus olhos congestionados. Qual é, cara? Nunca te vi, não te fiz nada, não tenho o que te oferecer – nem a você, nem a ninguém –. Agora sai do meu caminho, pô! A gargalhada deles abafa momentaneamente o turbilhão de apelos que anunciam à humanidade surda a chegada do Natal. Gente, é sério, gostei imenso de conhecer vocês, gostei paca, turma legal, valeu mesmo, mas agora tenho que ir pra casa de meu pai. Novo estardalhaço explode anulando a verdade maior: é Natal. Assim, como quem não quer nada, vou tramando uma saída, vou contando os tipos ao meu redor. Doze homens mais a magrela da tatuagem brilhante no umbigo. Ela vai pra casa do papai, gente! A filhinha mimada vai pra casa do papai!

Paulo, o moreno de cabelos encaracolados, olhos de uma profundidade que me encanta e assusta, gestos brandos, vem em meu socorro. Deixa a garota ir, mano. Se meu coração não tivesse dono, juro que teria me apaixonado irremediavelmente por aquele homem brando e decidido ao mesmo tempo. Anseio pelo toque suave e demolidor de seus dedos longos no meu cabelo, na pele, nos olhos. Multiface, com certeza. Origem nobre camuflada sob trapos. Sua presença me deixa irrequieta. Não devo me esquecer, porém, que ele é tão suspeito quanto os outros. Pedro reage furioso. Deixa, deixa nada. É Natal e ela é nossa prenda, nosso presente. Qual é mesmo seu nome, garota? Mia. Ainda bem que eu estava meio que me acostumando com o espalhafato deles, com o exagero de suas risadas; o estrondo não me perfurou os tímpanos como da

primeira vez. Mia?! Quem mia é gato, cara. Quer dizer, Maria, meu nome é Maria, mas até me esqueço, sabe, pela falta de uso. A família, os amigos, a galera toda me chama de Mia (apesar de o meu coração sangrar por ele, algo assim como pudor, amor próprio, sei lá, me impediam de mencionar o Lipe). Abrandam-se as caras magras num riso manso, feições de caretas desenhadas na tela de um céu ensanguentado anunciando o quase *diafim*. Vamos, vozeira Pedro, parecendo um pouco melhor do porre. Pra onde? Tive vontade de perguntar, mas a prudência me avisa que o diálogo não é o forte daquele grupo de grunhidores. Pego a mochila pensando em me safar na primeira oportunidade, afinal sou ou aparento ser a única sóbria ali. Esperem por mim, grita um retardatário, figura raquítica que pelo visto acaba de chegar. Ninguém o saúda nem repudia. Tenho a sensação de que ele, assim como eu, não pertence ao grupo. Aspecto afável, rosto quase infantil, alguém com mais experiência do que eu teria percebido nele doçura, mansidão. Mais velho que os outros (parecia ter a idade de meu pai), limpo, tímido, apagado, não leva jeito de ser dependente químico. Mas quem dentre eles podia, sem sombra de dúvida, ser enquadrado em um grupo específico? Burlescos, inqualificáveis. Todos eram foragidos de casa, família, estudos, trabalho, saquei logo. Vagabundos? Místicos? Ladrões? Assassinos? Niilistas, anarquistas? Revolucionários? Violentos, tenho certeza. Que força tinha aquela gente pra me arrastar sabe-se lá para que caminho, sem uma razão concreta? O que eles esperavam de mim? Dinheiro, fidelidade, cumplicidade? Em quê? Não posso nada, tive vontade de gritar, não sou ninguém. Queria ter ânimo, razões pra me negar ao propósito deles. Por

alguma causa desconhecida, misteriosa, eu os seguia e eles me olhavam como se eu fosse a tocha que os conduziria através de suas trevas. Percebi isso tarde demais, quando não havia mais saída. Estranhei que a rodoviária estivesse quase vazia. Há quanto tempo estávamos ali? Longe, muito longe, um sino badalou aspergindo um som quase alegre. A dor constante que em mim doía fundo deu lugar a um estado meio que de beatitude, uma sonolência doce me invadiu. Melancolia. Um deles, Thiago, talvez, faz cara de menino que ainda acredita em Papai Noel e fala olhando para o alto: É Natal. E daí, cara?, Pedro ruge, furioso, tratando de dar início à marcha extravagante que nos levaria sabe Deus onde. Thiago é um rapaz branquicela, muito tímido. Há nele um quê de aéreo, desligado, de espírito perdidamente romântico, pude notar. Espera, preciso ir ao banheiro, falo num fio de esperança. Acompanha ela, Madá, ordena Pedro, dirigindo-se à menina da *tattoo*, figura que me escapava num esquecimento total.

A intenção da menina de partir, assim de repente, me desnorteia. O namorado, um paspalho, viu? Não sabe que prenda está perdendo. Agiu com indiferença. Pelo menos foi a impressão que eu tive ou me vi no direito de ter. O descaso dele aumentou minha responsabilidade para com ela, obrigação que eu ignoro de onde vem. Partir naquelas condições... Será que o tipo não percebeu a súplica escondida no falso tom de casualidade? O medo escondido na decisão repentina? Os dois, deitados no banco do jardim, eu, feito um criminoso, ralmente camuflado detrás de um arbusto subnutrido. Que situação! Em casa, passo a habitar o mundo da lua. Meu filho, espantado: Que alubrimento é esse, veio? Acorda, cara, tá na hora do

rango, tô morto de fome, pô! Estou aqui na TV, filho. Falo do pensamento, veio, é rabo de saia, é? Que é isso, menino, respeita a memória de sua mãe. Você, com seus namoricos, é que me tira o sono. Eu, pai, sem essa, nem namorada eu tenho. Amigas. Além disso, sei me cuidar, paizão. Sei me cuidar, sei me cuidar!, todos dizem a mesma coisa, eu que não fique de olhos bem abertos. Mas não é só isso não, além dos namoros tem outra questão que me aporrinha. Nunca te ofereceram? O quê? Droga, maconha, sei lá. Ah!, então é isso? Claro que já, mas eu não topo não. Só uma vez, lá na pracinha do cinema, pra saber como era. Uma vez? Santa Misericórdia, então já experimentou! Daí pra dependência, eu sabia, sabia do perigo e não agi. Filho, ser pobre não é defeito não. Calma, velho, tá tudo bem. Vou nessa de droga não, pai, a galera do baseado, uns mentecaptos, acaba brocha, brochinha de dar vexame, eu, hein! Entre eles quase não rola sexo, só droga. Quando rola, é no tranco, feito bichos, depois cada um cai pro lado, sem se lembrar do que aconteceu. Não sou besta não, pai. Esses carinhas aí que me chamam de babaca um dia vão me chamar de senhor, de chefe. Enquanto eles negam a vida chapinhando no vício, estou alerta. Sabe, pai, não pretendo queimar etapas não, encaro numa boa minha cara espinhuda, o esqueleto magrela, a grana curta. É isso que eles não suportam em mim, a falta de motivos pra autodestruição. A capacidade de encarar os problemas assim olho no olho. Sabe, pai, não quero ser gabola não, mas eu nasci com disposição pra desvendar o escuro. A noite acaba de engolir o mundo. A noite é minha, pai, com todas as estrelas e planetas. O escuro profundo que os faz gemer e uivar e que a mim ilumina o autoconhecimento. É tudo meu. E, quando amanhecer, o dia vai ser meu com tudo que ele abarca de bom e de ruim. A questão, pai, é saber. Eu tenho o tempo que eles renegam. É essa riqueza que os incomoda.

Promete, promete, filho, que você não vai usar droga nunca mais, nunca mais? Fica frio, veio, não tô te dizendo?

É um chamado, uma ordem, quanto a isso não tenho a menor dúvida, não sei é da procedência nem da razão, mas não se nega a um chamado. O problema foi deixar a casa às vésperas do Natal, meu filho sozinho, quer dizer, com a sirigaita da namorada, umazinha de saia tão curta, umbigo de fora, econômica a garota. Eu, o guardião da casa, da memória de minha mulher morta, a mãe de meu filho. Largar a oficina, as encomendas de móveis, a reforma do colégio. Minha obrigação era ir e ficar ao mesmo tempo.

Andando atrás da garota, observo seus cabelos fartos derramados pelas costas, o andar esperto, numa agilidade que julguei impossível num corpo tão magro, a brancura da morte nos membros finos. E se for um fantasma? Se todos eles forem fantasmas? Ciganos? Quando eu era criança tinha medo de ser roubada pelos ciganos, falo assim bestamente. As costas magras de Madá, meio curvas, perguntam: Por quê? Sei lá. No colégio eu era portabandeira, fazia aquelas acrobacias ridículas de colégio do interior, o povo aplaudia. Tinha pernas grossas, quer dizer, ainda tenho. Algum maluco poderia se interessar por mim. Ninguém me deu garantias. Também nunca quis me apegar a ninguém, quer dizer, quis, mas não deu certo. Sei como é, garantem as costas de Madá. Tento me desviar da rota traçada por ela. Ela vira o rosto calmo. Não há censura em seus olhos escuros, grandes e vivos, apenas determinação. Pra despistar, inicio novo papo. Que que você tem, anorexia? Não, que ideia, falta de fome mesmo, o vício nos deixa assim, sem vontade de

carne, de legumes. Até chocolates me causam náuseas. Larica é coisa de maconheiros. As outras drogas roubam a fome. Entendi, tem dias que eu também fico assim, sem vontade de comer.

Caminhamos em fila indiana, Pedro atento para que ninguém se perca no burburinho de carros, pedestres anônimos e ambulantes confessos te enfiando mercadorias inúteis na cara. Buzinas irritadas, olhares acusadores confirmam minha suspeita de que o grupo incomoda. Calados, atravessamos ruas, cruzamos praças, vielas. Pedro, como um profeta, cumprimenta um ou outro, levantando seu braço comprido num gesto de bênção que soa grotesco para quem não acredita em unção. As ruas se estreitam, as casas se achatam, a distância se encomprida infinita. Cachorros e mendigos nos olham enternecidos, cúmplices na miséria dividida. No descampado escuro que nos engole, o som da cidade mal nos alcança. Divisamos ao longe o contorno escuro dos prédios. Não há mais casas, o terreno irregular por onde andamos sequer é loteado. Cansados e trôpegos, andamos por sendas tortuosas, tropeçando em monturos de lixo, restos de construções que os carroceiros jogam de qualquer jeito. Andamos sem descanso. Tom Hanks... como é mesmo o nome do filme? *Forrest Gump*. Pra onde vão com tanta pressa? Atravessando a Amazônia, seguindo pela América Central, dá pra chegar à América do Norte. Com tanta pressa, pode ser, pode ser. Autistas. Metidos em devaneios, emparedados num mundo próprio. Se não tivessem demonstrado algum tipo de emoção, ou até mesmo comoção, eu juraria que pertencem à classe dos autistas. Certos da cachola é que não são. A mochila magoa meus ombros. Cruz. As pernas

não obedecem mais ao comando. Alienados, ninguém me oferece ajuda. Penso em me rebelar, dizer a eles que estou fora daquela caminhada absurda, que nada ali faz sentido, que vou pegar um táxi (como se fosse possível) e ir pra casa de meu pai, pra mesa farta, pra vida fácil. Madá grita alegrinha: estamos chegando, pessoal! Onde, criatura, pergunto mal-humorada. Na gruta. Gruta aqui nesta planura? É assim que nos referimos ao nosso refúgio.

Por desconhecimento do lugar ou por timidez, sei lá, vamos ficando pra trás, o retardatário da rodoviária e eu. Somos os últimos a entrar. Tocos de vela são acesos. Sacos de estopa espalhados pela imundície do chão, pontas de cigarros, seringas usadas. Muitas. Um riso estridente me sacode inteira antes que eu comece a cantar, fazendo voz infantil: “Era uma casa muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada...”. No primeiro momento pensei que ele fosse me esbofetear. Depois foi baixando a mão espalmada e apenas falou com os dentes cerrados, que é o jeito de Mateus falar: como não tem teto, irmã, em que parte do mundo você iria encontrar uma abóbada de tamanha magnitude? A vida fácil te roubou a sensibilidade, percebe-se. Envergonhada, olho pro alto. No fundo escuro do céu que nos acalenta, brincam pontinhos de luz. Profundo, misterioso e simples, tão simples, verifico embasbacada. Deus é solidão. Só quem for capaz de atravessar a própria escuridão chega aos Seus domínios. Sou obrigada a reconhecer, sem a poluição, o teto do mundo é magnífico. Apesar do encantamento, da vergonha de me saber diferente deles, ainda sinto a rebeldia corroendo minhas entranhas. Posso saber por que me trouxeram aqui? Tenho fome, sede, estou morta de cansaço, de saco cheio

de vocês, de suas ideologias, seus mistérios, seus propósitos ou da falta deles. Estou fora, cara, fora, continuem vocês sua festinha xucra, eu quero mesa farta: pão, vinho, carne. Calma, irmã, a hora ainda não chegou, fala um Pedro novo, complacente. Mas não era eu a única com ideia de insurreição. Protestos começaram a pipocar. É isso mesmo, Pedro, você nos arrastou, a gente taquí, *todomundo* reunido, e o aniversariante, por onde anda o aniversariante? Alguém tem notícias dele? Algum sinal? Mensagem? Quem ele pensa que é pra nos abandonar assim? Que festa de aniversário é esta sem aniversariante, sem bebida, sem comida? Maria tem razão, fala uma voz na semiescuridão. Não é justo submetê-la a tamanho sacrifício. É isso aí, vai ver ele se escafedeu pra nunca mais voltar, pondera não sei quem, a gente aqui esperando e o cara por aí, bermudão, sandália franciscana, mãos no bolso, assobiando uma valsinha, tranquilo, tranquilo, em alguma praia do Atlântico, vai ver. Pra mim ele não volta, fala um terceiro, não depois daquela baderna toda, perseguição, prisão, cruz, pensa que foi moleza? O cara se acovardou, no mínimo. Covardes são vocês, retruca Paulo com sua voz polida, porém firme. A ressurreição é a prova viva da divindade do Cristo e a parúsia é uma promessa do Messias, que será cumprida. Cabe a nós esperá-la sem angústia ou frustração. Ele virá. Virá, fala um Paulo convicto, esbanjando fé.

Pela primeira vez, Pedro demonstra a sensatez que sua condição de líder exige. Ergue-se vagarosamente, demonstrando força na magreza. Um homem sólido como uma pedra, porém calmo e digno. Vejo-o belo na simplicidade rude de um pescador, homem do povo. Penso, arrepiada, que ele vai iniciar um discurso inflamado,

arrasar com a tropa toda, começando por mim, mas não, o homem fala manso, a voz de trovão, contrita. Maria tem razão, erramos ao induzi-la, trazê-la sem explicações. Mas foi você, Maria, é você a eleita. Apenas você, purificada por tantas dores, possui os requisitos necessários, merece a glória desse papel por um dia que seja. Quanto à ceia, irmãos, vocês vão ver, está aí fora, é a mais rica que jamais experimentaram. Como? De onde veio?, perguntam vozes famélicas. Pedro dá uma risadinha marota. Foi oferecida por uns sujeitos magros que aterrissaram no rabo de uma estrela. Magros, quantos eram? Três. Trouxeram a ceia completa. Estão satisfeitos ou vocês preferiam ouro, incenso e mirra? Tomé não se dá por satisfeito: e o aniversariante? Estamos aqui por ele, em honra dele, pela fé que depositamos nele, não estamos? Ele que venha, ou mande um mensageiro; se é tão importante assim, que dê sinal de sua presença pelo menos. Pra mim, ele nos abandonou, não volta nunca mais. Quanto ao Aniversariante, homens de pouca fé, continua Pedro, incrédulos, mal-agra-decidos, quando é que vão aprender a buscá-Lo por si mesmos? A encontrá-Lo? Serem capazes de ter com ele o encontro verdadeiro? Onde, chefe? Eu não vejo ninguém, não vejo sinal de sua presença, nada, Tomé pergunta desafiador. Onde mais poderia ser, Tomé, onde é que se guarda uma amizade verdadeira, a fé, a certeza, Tomé, senão aqui no lado esquerdo do peito? A confusão da mente me faz lembrar dos remédios. Cadê minha mochila, grito apavorada. Mochila? É, a mala, meus troços todos, as bugigangas, o dinheiro. Dinheiro?, admira-se Paulo, como se eu tivesse me referido a coisa maldita, peçonhenta. Dinheiro, Paulo repete desdenhoso. Aqui você

tem tudo, Maria. Tudo o quê? Tudo, ele repete, fazendo com os braços descarnados um gesto abrangente. João interfere: é verdade, irmãzinha, você se encontra entre amigos, quem tem amigos tem tudo, não precisa de mais nada. Mas... *tudo* que eu tenho está na mala, falo num gemido fundo: os cigarros, meus remédios, as calcinhas, Espantalho, eu não durmo sem ele. Espantalho? Sim, ele mesmo, meu macaquinho feio. De repente começo a rir. Entre tantos espantalhos vivos, ainda vou me preocupar com um feito de trapos? Vamos ensiná-la a praticar o desapego, gente, falam todos ao mesmo tempo. O desapego, repito num fiapo de voz. Quem teve a infeliz ideia? Que se dane o desapego, resmungo, sabendo que vou chorar. Que o pratique quem for capaz, eu quero a minha mala, falo como uma criança birrenta.

Familiarizados com o lugar, indiferentes à dor que a perda provoca em mim, eles vão se ajeitando dentro do casebre destelhado. No centro da casa fica o único móvel, uma espécie de cocho usado para ração animal. Pedro coloca sobre ele as caixas com os presentes. O grupo se aproxima atento. Surgem, primeiro, o tonel de vinho e as taças de cristal. Barulhentos, cada um pega a sua. O vinho jorra vermelho, espumante como sangue derramado de uma veia grossa. Da outra caixa surgem um pernil de cabrito e dois coelhos pelados. A visão da carne viva me embrulha o estômago fraco. O vômito sai num jato forte alimentando a terra. Com gestos canhestros, o retardatário, cujo nome é José, tenta enxugar com a fralda de sua camisa a umidade fria de minha testa afogueada. A luminosidade da fogueira e o cheiro da carne na brasa completam o clima de festa. Vindo de muito longe, o som doce de uma

flauta embala o ambiente. Madá, leve como uma pluma, inicia uma dança oriental. Pés descalços. Miúda, comovedoramente singela. Graciosa. Nunca imaginei que um corpo tão frágil guardasse tamanha energia.

Não sei como a briga começou. Também ignorava que João e Mateus disputassem o amor de Madá. Sob a luz do braseiro, lâminas afiadas faíscam a rinha mortal de dois machos enciumados. Os muito bêbados permanecem no lugar, atordoados. Os adversários, rugindo como leões, rodopiam em ataques e defesas que me zonzeiam a cabeça. Em vão, Pedro tenta usar sua autoridade de chefe. Golpes rápidos ameaçam ora a cabeça de um, ora o abdome do outro. Esturros de machos demarcando o território assombram a noite. Os dois se igualam em força e ira. Encurralados, vermelhos de cólera, buscam o desfecho fatal. Explosões de fogos, badalos estridentes de sinos amortecem o urro de morte. O sangue jorra banhando paredes, misturando-se ao vinho, salpicando rostos e mãos. Saciando a goela da terra. O corpo estendido no chão, bugalhos estarecidos na plateia. Mateus se contorce no estupor da morte. Madá, com os olhos secos de dor, ampara com suas mãos vazias o tufo de sangue que jorra da ferida exposta. O que fazer numa lonjura daquelas? A morte tem hora certa, marcada. A morte não espera. Não negocia. Não barganha.

Assim, pois, como Cristo padeceu na carne, armai-vos também vós deste mesmo pensamento: quem padeceu na carne rompeu com o pecado, a fim de que, no tempo que lhe resta para o corpo, já não viva segundo as paixões humanas, mas segundo a vontade de Deus. (Pedro, Primeira Epístola, 4, 1-2)

O horror ao sangue me mantém estática. A cidade é um borrão laranja além da escuridão. A polícia não vai chegar tão cedo. Se chegar. Talvez o bando de loucos enterre com as próprias mãos o corpo indiferente. Talvez façam coisa pior. A fuga. Se vencer a escuridão, estarei salva. A salvação está em romper o escuro. Romper o próprio escuro e o alheio. De repente sinto que estou me locomovendo em direção ao ferido. Meus pés descalços mal tocam o chão. Levito. Sou levada. Atraída pelo espetáculo do ventre aberto, o sangue de Mateus pulsando numa respiração dolorosa, sou levada. Pelo desespero, talvez, sou levada. Por uma força maior, sou levada. São gestos mecânicos, não premeditados. Gestos alheios ao meu comando. Estou num filme de horror, no entanto me mantenho calma. Retiro de dentro da caixa dos presentes um guardanapo de tecido adamascado. Sua brancura angelical contrasta com o escuro da morte anunciada. O que fazer numa lonjura daquelas? Mãos que não são minhas comprimem o lenço contra a ferida sangrenta. O moribundo geme num último espasmo, talvez. Depois, aquietar-se como um bebê no seio da mãe. A boca aberta, os olhos revirados. O sangue não jorra mais. O desespero emudece os presentes. Morte ou milagre?, pergunto-me, aturdida pela dúvida. Morte ou ressurreição? O que for será de todos. Será de todos. De todos. Todos. Condenação ou absolvição? De todos. Ajoelha o bando esfarrapado. De suas bocas mudas saem preces desencontradas. Obedientes à vontade do Pai, aguardamos o veredicto. Um leve suspiro anima o peito seco de Mateus. A princípio, duvidamos do próprio ouvido. A frase sai mais espremida do que nunca: por que o silêncio, irmãos? Que siga a festa, é Natal, Natal,

minha gente, flauta, dança! Dança, Madalena! A tatuagem no ventre de Madá começa a se contorcer como um útero anunciando a proximidade do parto. Súbito, tomo consciência de que o tempo é uma ilusão, de que somos repetições sucessivas de nós mesmos até o infinito.

O instinto materno, como um botão maduro, me deflora. Primal, pré-humano. Vem dos ossos, rasga a carne. Deságua na azulice infinda do oceano de amor profundo que me aquece as entranhas. Ungida pela música, cubro meus cabelos com um xale oriental, tentando esquecer perdas materiais, intrigas, preconceitos, diferenças raciais. Filhotes de cordeiro se aconchegam a mim, aquecendo-me os pés doloridos. Tímido, José se senta ao meu lado. Percebo no homem tão miúdo, tão *pouca coisa*, qualidade nunca vista em ninguém: a capacidade de ser um pouquinho de um bando de gente. Seus dedos calejados tocam de leve a fimbria de meu véu. Envolve-me inteira num olhar protetor. Não diz palavra. Sorri com os olhos, e eu entendo que ele aceita, sem mágoa, o fardo que lhe foi imposto.

DIAGNÓSTICO

Uma multidão a bordo
Crianças
Bebês inclusive

Vuuu! Vai subir! Tá subindo! Subiu, grandão!
Urru!!!

A gente tava num avião grande assim. Eu olhava pela janelinha. Avião é bonito e voa alto, mais alto do que o super-homem. Que urubu. Pra cima das nuvens. Tão alto que fiquei com medo. Sabe de que era o meu medo? Meu medo era do avião trombar no telhado da casa do Deus. E aí o Deus ia ficar muito bravo e o Deus, que tem dois braços assim fortes, plaft, jogava o avião no chão. Mamãe disse que não tem perigo não, que tem gente controlando a aeronave, pra aeronave não bater em nada (aprendi hoje esse outro nome de avião, achei bonito). Confio nela, mamãe é sabida! E mamãe confia no Deus. Alana também tava no avião. Eu tenho três anos e ela, dois. A gente brincou de correr pelo corredor comprido da aeronave. Alguns olhavam de cara feia pra gente, assim, outros riam de boca fechada e perguntavam quantos anos você tem. Será por que todo mundo pergunta quantos anos você tem? Eles perguntam pra toda criança, até pras crianças que eles nunca viram na vida.

Os moços que guiavam o avião, dois, eram bonzinhos. Percebi isso no fim do túnel que leva a gente pro avião. Um deles piscou o olho pra mim, como a gente faz quando a gente é o assassino, o *killer*, sabe? Eles deixaram a gente conhecer a cabine de comando, só não apertar os botões. A mãe de Alana tirou retrato dela com o boné do motorista do avião. Depois mostrou pra gente. O boné era grande. A Alana ficou parecendo um pato cabeçudo. Quando eu crescer, vou ser motorista de aeronaves, resolvi. Criança não pode sentar uma perto da outra no sofá do avião. Alana e eu combinamos de chorar. Papai disse pra mamãe: não dê moral. A mamãe deu moral. Choramos mais alto ainda e a aeromoça deixou a gente ficar um ao lado do outro, assim bem pertinho. Fizemos desenhos. O da Alana ficou borrado, o meu não. E também ela fala aelomoça, eu não. Acho que a Alana ainda tem muitas coisas para aprender na vida. Ainda bem que a vida é comprida. Vida. Eu gosto da palavra vida. Da palavra fogo eu não gosto não. Perguntei pra Alana se ela queria ser minha namorada. Ela não disse nem que sim nem que não. Mas eu sei que as mulheres são assim mesmo, difíceis... Depois o motorista do avião falou umas coisas, segurando o microfone, e os adultos começaram a brincar também. Acho que faziam concurso de gritos. Eu torcia para os homens, mas quem gritava mais alto eram as mulheres, como sempre. O moço falou bem bravo pra todo mundo ficar abaixado e com os cintos afivelados (gosto quando eles falam cintos afivelados, é bonito).

De repente a Alana estava diferente. Parece que ela cresceu. Crescer é ficar grande ou é aprender coisas? Acho

que ela aprendeu coisas. Aprendeu até a flutuar. Ela flutua sem ficar tonta, eu não. Alana me pegou pela mão e disse muito séria, com aquele jeito de mãe mandona: vem, Breno. Quando mamãe fala daquele jeito, eu obedeço. Agora estamos subindo uma escada comprida e estreita. Aqui de cima, eu vejo que eles fizeram uma fogueira gigante. Tem muito fogo e muita fumaça. Vejo gente correndo. E vejo o rabo de um avião.

Trapaças

O primeiro paciente. Do primeiro paciente ninguém se esquece. O primeiro que eu visitei foi um homem. Um homem que se dizia dono de mim. Qual é, veio, ninguém é dono de ninguém não, principalmente aquele, um escritorzinho merreca, metido a besta. Fazer sucesso é fácil quando não se tem escrúpulos. Por meio de trapaças e engodos, o homem conseguiu o apoio da imprensa. Agora seus livros medíocres deixaram de ser comida de ratos, agora eles migraram do porão de nossa casa para as estantes dos endinheirados. Eu é que sei, se não fosse a ajuda da Rafaela ele não teria escrito uma linha que fosse. Epa, ia me esquecendo que não posso falar mal do escritor. Nem contar segredos de família. O tipo não está mais aqui para se defender. Não se fala mal de um ausente, isso aprendi com minha mãe quando eu era bem pequeno.

Mas o que eu ia dizendo mesmo é que meu suposto dono foi o primeiro paciente a receber minha visita no hospital, poucos minutos antes de ir para a UTI. De lá saiu algumas horas depois, desprovido da alma, se é que

teve uma, um dia. Quer dizer, saiu morto, assinado e paramentado. Acho que deu para perceber que eu não nutria lá grande estima pelo escritor. Fica a pergunta: se eu não gostava do gajo, por que fui visitá-lo no hospital, lugar impróprio para a criança que eu era então? Sabe que nem eu mesmo sei responder a questão? Curiosidade, talvez. Destino, quem sabe. Ou, em última hipótese, o impulso que acabaria alavancando minha inusitada carreira de...

O certo é que segui os passos da esposa do escritor, ela, sim, grande e única amiga que eu tinha naquela casa de gente desnaturada, de carcereiros e torturadores de animais indefesos. Não bastasse a implicância do romancista, a cozinheira, uma megera gorda, me enxotava a vassouradas de seu laboratório particular, departamento de sua exclusiva responsabilidade, onde ela queimava as panelas e os miolos, experimentando receitas complicadas. Negra mais maluca, implicava comigo por causa de minha cor, será que ela não tinha espelho não? E os pássaros engaiolados que ela deixava sem água e sem comida!

O hospital onde o escritor medíocre estava internado ficava a poucos quarteirões de nossa casa. Algumas vezes Rafaela preferia ir a pé, apesar do risco de ser assaltada. Tenho a impressão de que ela foi salva pela leseira que a acometeu naqueles dias. É bem provável que os trombadinhas tenham ficado com medo do estardalhaço que a tonta poderia aprontar. Em uma dessas ocasiões, eu estava no portão de nossa casa. Acompanhava o voo ralo de uns poucos pássaros que ainda se aventuravam pelos céus de nosso bairro, num desafio inútil à revoada dos aviões, aqueles, sim, os verdadeiros donos de nosso espaço aéreo. No que que eu pensava? Pensava no tempo em que

a imensidão de um céu infinito pertencia aos pássaros, aves inocentes que não ameaçam ninguém. É verdade que os aviões facilitam a vida de muitos, mas parece que complicam a de vários outros. Saí de fininho atrás de Rafaela, guardando distância suficiente para não ser notado, nem perdê-la de vista. Era uma daquelas manhãs de sol aceso, um espalhafato de luz sorrindo para as gentes que andavam pelas ruas, uma multidão ocupada que nem sabia do sol. A pobre da Rafa olhava, ou desolhava, o mundo numa tristeza de dar dó. Amava o marido, a infeliz. Munida de grande compaixão, não reconhecia as babaquices do escritor, aceitava o companheiro do jeito que ele era.

No hospital, fui precavido. Amoitei-me dentro do balcão da recepcionista, que era assim meio vazado. Enquanto esperava a oportunidade de entrar, eu olhava debaixo para cima, com um olho só, as pernas da moça. Com o outro, controlava o movimento no quarto do doente. Esperei que o ambiente se esvaziasse. Entrei com meus passos de veludo, minha marca registrada.

Certeza

Confusão

Histeria

Ligado por uma veia alta e arroxeadada a um frasco de soro, o escritor dormitava de boca aberta um sono desassossegado. Tinha olheiras fundas, a cara amarela, os beiços brancos e secos. Suguei com força o cheiro que seu espírito azedo exalava. A constatação arrepiou-me o pelo. Espirrei, tossi e vaticinei, numa piedade tão fingida que até tive vergonha: cara, lamento o teor negativo da

informação, falei, mas tua hora é chegada! Chegaste ao fim da linha, babaca. O tempo de tua cretinice se esvaiu. Findou-se. Boa viagem, e que o diabo te tenha para sempre, amém!

Sorvendo em gotas finas minha euforia, não percebi a entrada da enfermeira. A mulher e o uniforme ficaram do mesmo branco. No fundo de suas pupilas assombradas pela presença constante da morte, piscava um pavor genuíno. Ensaiei o mais sublime de meus olhares. Não adiantou nada. À histeria das mulheres, não há força humana ou felina que resista. A enfermeira destrambelhou uma gritaria tão fora de propósito que até eu me assustei: socorro!!! socorroooo!!! Tem um gato preto aqui! Gino, depressa!

Por aquela eu não esperava, fiquei tão ou mais exasperado que a enfermeira. Fosse quem fosse esse tal Gino, não fora convocado para me alisar o pelo. Com a gritaria da enfermeira, o doente saltou de sua madorna forçada e, atarantado, foi arrancando agulha, desmantelando o frasco de soro e por pouco não caiu do leito. Assim que consegui raciocinar, tratei de me escafeder dali. E posso jurar que o infeliz condenado pôde ver meu rabo desaparecendo pela fresta da janela. O rabo preto de um gato agourento.

Cheguei em casa ressabiado, o rabo entre as pernas. De pálpebras baixas. Jeito de quem comeu o peixe e não teve tempo de enterrar o esqueleto, a prova visível do crime. Mas cheguei a tempo de ver, confirmado no pranto convulso de Rafaela, minha bela e agora desamparada dona, meu prognóstico fatal. Tive pena dela, claro. Mesmo consternado, não fui capaz de chorar o morto.

Nem poderia. Primeiro: a sobrevivência do escritor se constituiria em meu descrédito profissional. Segundo: eu tinha aquele mulheraço em casa todinho para mim. Lamentar o quê? Fiz a mais contrita de minhas caras, à Gato de Botas, deitei-me sobre seus chinelos de cetim, lambi seus tornozelos rosados e esperei a mágoa passar. Eu sei que as mulheres têm memória curta.

Fugas

Debandadas

Passei a monopolizar Rafaela, ninguém era mais próximo do que eu. O relacionamento era bom, feito de afagos mútuos, olhares compridos. Como toda enlutada, ela preenchia os dias servindo cafezinho para as visitas e tecendo o finado em fios de ouro, cravejados de brilhantes. A figura que nascia ficava a anos-luz da que tinha partido. Tamanha alucinação muitas vezes me torrava o saco, mas ia passar, eu sabia. Nossos sentimentos eram contraditórios. Enquanto ela curtia o luto, eu curtia sua presença. E, por estranho que pareça, minha felicidade não era completa. E olhe que não sou exigente nem ingrato. Eu precisava de mais. Urgia-me a necessidade de voltar ao hospital, comprovar minhas habilidades. Mas sob que pretexto? A ocasião surgiu quando a bisavó da Isabela, amiga e confidente minha, foi internada. Bela, criança carente como eu, sabia avaliar meu estado de espírito e era mestra em burlar os adultos. Não ficava aí dando voltinhas dentro de si, olhava em volta, via a necessidade do outro. Então agia. Grande menina, toda vez que ela me encontrava assim meio sorumbático, deitado sobre o muro de sua

casa, o olhar perdido escarafunchando o horizonte, ela surrupiava um bife cru bem suculento (prazer que me era expressamente proibido) e me dava em pedaços miúdos, enquanto desafogava suas tristezas de garota incompreendida. Naquele dia, eu devorava a carne, lambendo os beiços, quando Bela, puta da vida, contou, choramingando, que a Bisa tinha ido de novo para o hospital e que agora sua mãe e sua avó só pensavam na doente. Ela que se virasse com o pai e a empregada. Dando pinotes de alegria por dentro, consegui fazer olhos de compreensão. Depois fiquei por ali aguardando a oportunidade de descobrir o nome e endereço do hospital onde dona Leocádia repousava, sobre plásticos enrugados, seu corpinho decrépito. Prometi a mim mesmo ser mais cauteloso que da vez anterior. Nada de me deixar surpreender pela histeria de enfermeiras supersticiosas. Que que a cor tem a ver com a índole do indivíduo, com o caráter? Porra, eu sou preto, mas e daí? Todo preto é agourento? Tem mau caráter? Conheço muitos pretos decentes que são respeitados, bem tratados e até adulados. Minha mãe é uma dessas criaturas.

Convivi pouco com minha mãe. Só o tempo da amamentação, que ela, coitada, tentou prolongar ao máximo. Nesse curto espaço de tempo conheci seu bom senso, o lado brincalhão e o sério. E pude notar o quanto ela era bem tratada. Sua ração, variada, era de primeira qualidade. Além disso, escovavam seus dentes e o pelo todos os dias. Bem, esses exageros higiênicos, pra mim, já descambam pra aporrinhção, mas pra ela não, minha mãe tinha o maior orgulho de seu pelo fofo e brilhante. Coisas de fêmea. Outra injustiça cometida contra nossa raça é a pecha de ladrões, acusação falsa que nos pesa so-

bre os ombros. A gente rouba, mas só quando tem fome. E o que dizer daqueles que roubam de barriga cheia e ainda bocejam diante das acusações? Quer saber? Alguns brancos e amarelos são quilômetros mais azarentos do que os escuros. Azaram a vida do povo trabalhador. Além disso, por que é que eu ia querer a desgraça de alguém? Quem pratica o mal trabalha contra si. Não existe desdita individual. No universo estamos todos ligados por uma só energia. A energia cósmica. A desgraça de um indivíduo atinge a coletividade. Falta sabedoria ao povo. Senso para meditar sobre os próprios atos. Quanto mais os alheios.

Voltando ao assunto: cochilei um pouco. Digerindo o bife, acompanhei o voo livre de algumas nuvens no céu cinzento, enquanto pensava no que a vida nos oferece de indestramável. Foi quando a oportunidade imperdível surgiu. A mãe da Belinha balançava a chave do carro, pronta para ir ao hospital. Aproveitando o lusco-fusco, me aboletei sobre o capô do veículo e... ai, ai, ai, meu Deus do céu, meu santo protetor dos felinos, cadê meu equilíbrio??! Cai aqui, arranha lá, consegui, aos trancos e barrancos, chegar ao nosso destino. Será por que que as pessoas desprezam tanto a utilidade de suas pernas, hein? Tão mais seguro contar com os próprios cambitos do que se arriscar sobre rodas inconsequentes.

Lara

Ronan

Percebi que, para a idade (treze anos como eu, soube depois), a garota era segura de si, desinibida. Já no aeroporto, durante o *check-in*, ela me olhou daquele jeito

que as meninas são capazes e que nós, os meninos, não conseguimos. No avião nossos assentos ficavam próximos, em lados opostos. Bastava uma viradinha de seu pescoço longo e fino para nossos olhos se encontrarem. Eu ficava todo vermelho cada vez que a garota me sorria. Tentei manter-me ocupado. Tirei o boné da cabeça, coloquei de novo. Olhei as horas umas dez vezes. Tentei concentrar-me no som. Assim que os sinais de afivelar os cintos foram apagados, ela deixou seu lugar para ficar de pé ao lado de minha poltrona. Retirei os fones dos ouvidos. Ela queria saber como tinham sido minhas férias na Serra Gaúcha, se eu tinha pegado neve, se o lugar era legal, essas coisas. Falou de suas férias em Gramado, mostrou fotos. A cara e as mãos lambuzadas de chocolate. Fazendo careta. Rimos juntos. Fui relaxando. Sem perceber, eu estava falando de meus projetos de vida. Ela também falou de seus objetivos. Lugares que gostaríamos de conhecer, faculdades que iríamos cursar. Eu balançava entre medicina nuclear e psiquiatria. Lara tinha planos arrojados: era ligada em questões cósmicas, queria ser cientista e, quem sabe, um dia fazer parte da tripulação de uma espaçonave com destino a outro planeta. Essa parte ela falou assim meio que de brincadeira, mas eu percebi seriedade na intenção. A garota era inteligente e determinada, chegaria lá com certeza. Depois falamos sobre os Jogos Pan-Americanos. Minha torcida maior era para a seleção de basquete masculina. Lara torcia principalmente para o futebol feminino, uma conquista recente das mulheres brasileiras. Ambos tínhamos orgulho de nosso país, mas vergonha da administração pública, da corrupção, das mentiras deslavadas que os políticos nos enfiavam (e continuam enfiando)

goela abaixo e que nós engolíamos sem protestar. Nossa intenção era de luta, lutar contra esse estado de coisas, só não sabíamos bem como. Trocamos nossos endereços eletrônicos. Quando as aeromoças apareceram com os carrinhos de comidas e de bebidas, Lara voltou para seu lugar. Dormi pensando nela.

Será que estou sonhando ou é pesadelo? Onde estou? Estou fazendo uma viagem além do corpo físico ou morri de verdade? Onde está ela em meio a esse fogaréu todo? Lara? Socorro! Só tenho treze anos. Tenho muitos planos. Eu mereço viver. Eu quero viver! Lara?! Sei que a vida tem direito a nós. Aos nossos projetos.

Um desastre atrás do outro

Resolvi esperar pelo fim da visita ao apartamento de dona Leocádia na entrada do hospital, pelo lado de fora. A rua é pública e, apesar da ameaça das carrocinhas, nós, os gatos, temos livre trânsito pelas ruas da cidade empestada de latas de lixo. Acontece que a visita não acabou nunca. Aquela foi a primeira noite que passei fora de casa. Só pude entrar no quarto da doente pela manhã, depois que a mãe de Isabela se foi.

Como da primeira vez, havia a agulha na veia arrexeada, o frasco de soro, os olhos encovados na cara amarela, os lábios brancos e secos e o sono agitado da doente. Cheirei o ar. O arrepio foi quase imperceptível (com o tempo ele iria desaparecer). Tossi, espirrei e vaticinei com a maior convicção: três dias no máximo. Nem tive tempo de consolar a sentenciada. Abriram a porta. Fiz pose de casualidade. Tentei ser natural ao inventar a mais deslavada

das mentiras: sou evangélico, sabe como é, dediquei minha vida ao Senhor, tudo que eu sou, que eu tenho a Ele pertence. Abri mão de tudo, de tudinho em favor do próximo. Vivo para isso, para levar a palavra de Deus àqueles que sofrem, ia passando pelo corredor, resolvi entrar, fazer uma visitinha, sabe como é, entrei. Não adiantou nada, acho que sou menos hipócrita do que imaginava. A enfermeira tapou a boca com a mão espalmada, arregalou as butucas e perdeu a compostura. O mesmo estardalhaço da outra vez aconteceu. Estiquei, mas o piso do corredor era liso, escorregadio. Eu corria em ziguezague, esbarrando em pernas trêmulas de mulheres assustadas. Por minha causa bandejas caíram, copos espatifaram-se. As crianças riam torcendo por mim. Enfermeiros troncados tentavam me pegar pelo rabo. Escapei por pouco.

Para compensar o apuro, sem falar no estrago, vi meu diagnóstico confirmado. Três dias depois, Isabela e eu comentávamos, na garagem de sua casa (eu comendo meu bife suculento, como sempre), o enterro de sua Bisa. No fim das contas ela ficou assim meio abaladinha, coitada. Falei o que todo mundo fala em momentos como aquele, que o dia da Bisa tinha chegado, que Deus é Quem sabe. O de sempre.

Havia um mal invisível na minha nova condição. Um inconveniente que o orgulho de possuir um dom não me permitia ver. Virei um gabola de carteirinha. E a vaidade não é coisa boa de cultivar. O dom não é privilégio de poucos. Hoje eu sei. Ele tem faces diferentes, claro, mas existe em qualquer indivíduo, é só escarafunchar. Na minha ignorância, me fiz de superior, olhava os outros de cima como se eu fosse o tal. Fiquei escravo da vaidade. E,

como todo vaidoso, eu precisava me confirmar. Consultei as páginas amarelas da lista telefônica e toda semana estava eu em algum hospital da cidade. Depois, diariamente. Nem sempre foram dias de glória. No início enfrentei a estridência dos alarmes, a fúria das enfermeiras, a perseguição dos vigilantes, vassouradas, pedradas. Na debandada, perdi pelos sem conta. Nunca errei um diagnóstico, porém.

A consagração

Finalmente, chegou o momento. O momento meu de subir ao mais alto do pódio. A glória veio pelas mãos de doutor Ariel, um médico novo, sensível e perspicaz, diferente da corja velha dos hospitais, para quem a morte é tão natural quanto o nascimento. Seguindo meus passos, doutor Ariel, hoje meu grande amigo, percebeu que os pacientes por mim visitados fatalmente iam a óbito. Ficamos os dois, gato e rato, um negaceando os passos do outro. Fomo-nos aproximando: ele, me conquistando com pedaços de carne fresca, alimento que em casa era proibido; eu, rodeando suas pernas, mordiscando de leve seus dedos finos. Quem você acha que inventou que gato gosta de ração? Quem poderia ser, senão um humano desgraçado qualquer, interessado em lucros fáceis sem levar em conta o paladar refinado dos felinos? Outra questão crucial é a do banho. Somos higiênicos e temos nosso método próprio de limpeza corporal. Pensa que o banho de tanque, o secador, os perfumes nojentos, as gravatinhas ridículas que nos infligem, além de nos descaracterizar como raça, não ferem nosso brio de macho? Doutor Ariel era diferente, alisava meu pelo, massageava meu ego.

Depois de muita embromação, muito faz-de-conta, chegou o dia do teste. Fui convidado pelo doutor a visitar a enfermaria, com seus quase oitenta leitos. Fiquei de rabo baixo. Fiquei. Um bando de doentes meio amontoados num espaço comum, suas mazelas mais íntimas expostas sem nenhuma piedade. Senti câibras no intestino. Andávamos devagar, o médico e eu. O pavor de errar atravessava meu espinhaço. Finalmente avistei, em um leito magro, um ser tão castigado, mas tão castigado que seu gênero e idade perderam-se nos escombros da doença. O indivíduo não tinha mais identidade e nenhum interesse pela vida. Seu peito murcho arfava uma respiração ossuda, áspera, dolorida. A boca, uma caverna escura, desdentada e de lábios engolidos, gemia e clamava pela morte. Mesmo consternado, não pude evitar a onda de ira que me esquentou o corpo. A infeliz, sempre pronta quando não é invocada, parecia ter se esquecido do pobre esqueleto. Caminhei decidido. Sequer tive que cheirar o ambiente, atitude descabida ali. Não só a enfermaria quanto os arredores recendiam ao inconfundível odor da morte. Apenas tossi e espirrei.

Meu grau de exigência tinha crescido, ficado alto. Eu queria resultados imediatos. Paciente, doutor Ariel aguardava, enxugando a testa do infeliz, fazendo perguntas inúteis sobre a saúde do candidato voluntário à partida imediata. Quando dei por mim, eu estava miando grosso: porra, esse gajo morre ou não morre? O cara (era um homem, concluí graças a uns fiapos de barba que ainda lhe restavam na cara enrugada) arroxou os lábios, estrebuchou, piscou as pestanas ralas uma, duas, três vezes. Fixando o nada, ensaiou com a mão ossuda um adeusinho

patético. Aquietou-se, afinal, num vago sorriso de triunfo meio tardio e assim se foi, feliz da vida, deixando o médico completamente abobalhado. Gastou, no processo tão adiado, não mais que uns poucos segundos. Você pode até pensar que é demagogia minha, mas juro que não. Sabe que fiquei mais contente pelo desencarnado do que por mim? Comemorei antes sua libertação da carcaça carcomida para só depois louvar meu êxito.

Fui submetido a uma rigorosa bateria de testes, dessa vez por uma banca empenhada em me desmoralizar. Aprovado com louvor, doutor Ariel convocou a equipe médica do hospital. Fui apresentado como perito na arte do diagnóstico. O pessoal do Diagnóstico por Imagem não gostou. Dizia que eu não tinha qualificação, não passava de um impostor, um primário metido a besta. Fui submetido a nova batelada de testes. Passei com louvor, é claro. Eu estava com o nome feito. Comecei a ser disputado pelos grandes hospitais da cidade. Não sou ingrato. Dei preferência ao Hospital Nossa Senhora da Boa Morte.

Sem medo de voar

Quando a sorte é azar

Foi por pouco. Por pouco não perco meu voo. Que sorte, camarada, não fosse a boa vontade da funcionária do balcão, eu tava lá embaixo chupando o dedo. Na volta, vou agradecer-lhe direito, tem tempo, vamos ser colegas na TAM, se Deus ajudar. Tudo que eu preciso é passar no exame psicotécnico para chegar ao cargo de piloto. Realizar esse meu sonho bobo, sonho de menino iludido, sonhando voar alto. Tenho que segurar o estresse, não

permitir que ele ponha tudo a perder. Controlar os nervos. Nunca tive medo, sempre pratiquei esportes radicais. Não há de ser um profissional da área de psicologia que vai me intimidar.

Sonho antigo. Acalentado desde sempre. Pequenininho assim, eu desenhava aviões e me imaginava dentro deles, pilotando. Qualquer papel. Até miolo de pão, quando eu via, tinha virado aeronave. Meus pais eram contra, preferiam uma carreira menos arriscada. Arriscado é nascer, quer aventura maior do que essa?, eu costumo dizer, acariciando os cabelos brancos do velho. Mas agora, agora que estou na reta final, a corrida praticamente ganha, tudo ali, ao alcance dos dedos, dei para ter pesadelos, sonhos agourentos. Na semana passada saí do ar, pleft, apaguei. Acordei e não sabia onde estava. Qual é, cara?, sem essa de estresse. Duas noites tendo pesadelos, sonhos complicados. Dois dias acordando com a sensação de alguém ao meu lado, tentando me dizer alguma coisa. Não vi o rosto do homem, mas sei que ele estava lá, ao lado de minha cama. Pode até ter sido meu vô Douglas. Sua intenção era acalmar, queria me acalmar, dizer que tudo ia ficar bem no final. Será que agora dei para ver assombração ou tudo não passa de projeções minhas, de *doppelgängers*? Bobagem, sem essa de sobrenatural, tô é borrando de medo do psicotécnico. A possibilidade de ser avaliado, medido, pesado mexe com meus miolos. Moleza, meu, sei que passo no teste. Não sou louco, ou sou? Não é segredo pra ninguém que a aviação brasileira tá passando por maus bocados (só o chefe maior não sabe, repara não, ele é o nosso distraído de sempre, em todos os assuntos. Não sabe de nada. Não vê nada além de seu umbigo gigante, é

claro). Pilotar sucatas é coisa de maluco, eu sei. Mas onde há segurança num país de gatunos feito o nosso? Dirigir ônibus, caminhões e carros em estradas esburacadas é mais seguro? O que é que funciona aqui, veio? Amo minha namorada, preciso de dinheiro para me casar com ela. Só não queria que meus filhos crescessem ouvindo mentiras, desculpas esfarrapadas daqueles que estufam o peito e se autodenominam autoridades. Autoridade porra nenhuma. Uns bostas. Não, descrença hoje não. Ela, minha gostosinha, espera por mim no aeroporto de São Paulo. Aposto que soltou os cabelos e tem no sorriso a convicção que me anima, me empurra pra frente. Se não podemos contar com os dirigentes, contamos com a sorte. Foi a sorte que me ajudou a embarcar, ou não foi? Segura, meu, sem essa de aranzel, nessas mãos benditas, avião nenhum vai se dismantelar. Palavra de Douglas, um quase comandante. *That is my dream*, camarada! Eu chego lá!

Santa misericórdia, tem alguma coisa errada com os freios dessa joça. Para, desgraçado, para! A pista acabou! Vai bater, vaiiii BATERRR!!!

Perda da infância

Tudo passa. Alegria. Tristeza passa. E, como tudo passa, minha euforia foi breve. Dias depois de minha consagração definitiva, fui intimado a visitar um hospital. A exigência vinha da família do paciente. Sempre trabalhei nas imediações, indo e voltando a pé. Tiveram o maior trabalho para me convencer a entrar no carro do doutor Ariel, médico do paciente em questão. A velocidade me desnorteia. Perco o rumo, fico enjoado, perco o controle

de meus movimentos. Só entrei para não desapontar o doutor Ariel, amigo e responsável pelo meu reconhecimento profissional. Sentei em cima do rabo, fechei os olhos, tapei os ouvidos, encolhi-me todo e segurei o pavor. O tempo parou, travado por arruelas de ferro. Ao volante, o desgraçado do Ariel zombava de minha covardia.

Ainda zozzo, fui solto num pátio onde crianças como eu brincavam... ou tentavam brincar. A maioria usava gorros coloridos, umas tinham o cocuruto reluzente exposto à luz de um sol inclemente. A outras faltavam partes do corpo. Chocado, não pude deixar de pensar que fim teriam levado as partes que faltavam aos corpos das crianças: um braço, uma perna. Parte da orelha. Um corpo é um todo. Não me parece justo parte de um corpo ir parar na lata de lixo, enquanto o corpo continua a andar, falar, defecar. Pensar. Ou você acredita que os hospitais se dão ao trabalho de enterrar a parte de um corpo que foi descartada?

Olhei fundo nos olhos de meu descobridor. Eu estava ali para distrair aquelas crianças ou... A mágoa que vi na alma exposta de meu amigo confirmou-me a suspeita. Elaborei o plano. Faltou-me tempo para a fuga. As crianças que ainda tinham pernas para andar me rodearam dando gritinhos de alegria. Minha animação era pálida, falsa, escorregadia. Ainda assim dei pinotes, corri atrás de seus passos trôpegos, mordisquei seus pezinhos ossudos. Permiti que a garotada me puxasse o rabo. Aceitei constrangido o afago de mãozinhas condenadas. Depois fui convidado a visitar um apartamento na ala nobre do hospital. Assim que entrei no quarto, dois seres desfigurados pela angústia me olharam súplices. No fundo do leito, o paciente não

dormia. Nem fazia de conta. Simplesmente não tinha ânimo para abrir os olhos. De que adiantaria a piedade de uma mentira se a vida daquela criança não valia um tostão? Saí do apartamento como tinha entrado: mudo. Os fiapos de infância que ainda viviam em mim morreram ali, estrangulados pela angústia da irreversibilidade.

Agora dizem que sou adolescente. Na cúpula de um redemoinho de sentimentos, descobri, abismado, a diferença entre uma bela gata e uma gata qualquer. Aprendi o significado das madrugadas barulhentas. De uma boa briga pelo cio de uma fêmea. Mas esse é apenas um lado do processo de viver. Lá bem no fundo de minha percepção, eu pressinto rugas de uma velhice precoce.

Os compromissos do dia a dia me roubavam de casa, da família. Em compensação, tinham o efeito de abafar a melancolia. A inapetência por uma vida regrada me levou à desgraça. O inevitável aconteceu: perdi Rafaela para um novo carrasco. Como o outro, ele não gosta de felinos. E, para piorar, tem inveja de meu sucesso na carreira. Qual é, veio, ele que vá cuidar da própria, que da minha vida cuide eu. Cuida nada, o malandro dorme o dia inteiro e à noite sai para vadiar. Disputar a Rafaela com um madraço daqueles dói, meu, se dói. O consolo é que, gozando de prestígio e, assim, de bigodes crescidos, as gatas do bairro não me dão trégua. E um cara com fama de ganhão feito eu não pode desapontar a plateia, ou pode?

Vocês já sabem, tornei-me exclusivo do Nossa Senhora da Boa Morte. Lá a gente vivia se esbarrando pelos corredores, minha parceira de trabalho e eu. No devido tempo, aprendi a não temê-la. Até mesmo a respeitá-la. Mesmo porque em toda relação de parceria há depen-

dência. Eu chegava, dava o diagnóstico. Ela vinha atrás e, pimba!, levava o indivíduo. Com todo o cuidado, carinho de mãe, é o que ela afirmava. Isso já não sei, constitui mistério lá do além. Um aliviava a consciência do outro, sabe como é! Em caso de dúvida, um sempre pode culpar o outro, e, na barafunda que é este país, o culpado nunca aparece. Muito cômodo para os médicos, que só têm o trabalho de assinar o atestado de óbito, bem como para as autoridades, que são mestras na transferência de responsabilidades.

Minha função, fácil na aparência, às vezes me deixava estafado. Sentia que eu ia me morrendo nas mortes dos outros, me autoespoliando como se a vida fosse um bem de consumo qualquer. Dei para lamentar até a morte dos velhos. Com eles, perdiam-se regras, valores que os novos não reconheciam mais. Temia pelo futuro de nosso povo desmemoriado. Fiquei dividido entre o orgulho de ser um gato com profissão própria, não um vagabundo qualquer, e a sensação de estar apenas contribuindo com algo que eu não sei bem se é bom ou ruim. Em momentos de dúvida, comecei a deixar tudo por conta da morte, passei a matar serviço sem avisar e me entregar à fartura da sacanagem que a vida de um gato bem-sucedido sabe oferecer. Com meu par de óculos escuros, à VictorValentin, eu provocava arrepio nas gatinhas. Os machos invejosos me chamavam de esnobe. O que todos desconheciam era a utilidade das lentes: elas camuflam os condenados que desfilam na multidão das ruas. Com as lentes escuras eu podia olhá-los nos olhos sem me trair.

O dia e a hora de cada um
Um gato preto
O estrondo

Vinte e cinco segundos. Ou foram vinte e oito? Um mar de dor e um calhamaço de perguntas. Aquele dia. Dia de Fênix que se queima na pira funerária, dia que morre em chamas para renascer glorioso. Quero acreditar, preciso acreditar no renascimento dos mortos e, principalmente, preciso acreditar no renascimento do respeito e da moral. Na credibilidade do homem. Preciso. Perguntas cruzam os ares. A verdade é única. Não se inventa nem se tece em brumas frágeis a verdade. Ela existe por si. É Deus a verdade? Sei que vão encomendar respostas como quem encomenda um carro novo. A verdade única, presa num emaranhado de irresponsabilidades, nunca vai aparecer. Quanto a mim, como foi que me tornei testemunha ocular do cataclismo? Agi por impulso? Não fui convocado pelos médicos do hospital, mesmo porque cheguei antes deles.

Vi. Alguém pode me dizer como estão meus olhos depois da visão? Duros? Opacos? Fixos? São meus ainda os olhos que viram o horror? Ou passaram a pertencer a um estado de coisas acima e além de mim? Fora de mim? Fora de tudo que é permissível? Meus olhos agora fazem parte de uma substância química adulterada. Eles viram. Fotografaram carbonizados corpos humanos. E isso é obsceno. Que mais meus olhos podem ver sem macular? Posso encarar a inocência de meu filho pequeno sem compartilharmos a monstruosidade de minha visão?

Em algum momento deste relato falei do lugar onde moro? Se não falei, falo agora. Minha casa fica no

centro de São Paulo (sei que vocês vão arrepiar), próxima ao aeroporto de Congonhas. Sempre gostei de assistir, de cima do telhado da garagem de nossa casa, à revoada de milhares de aviões que perambulam em volta das pistas de pouso. O aeroporto de Congonhas é amaldiçoado pela população do bairro. Não sem motivo. Com o tempo, a ganância imobiliária foi engolindo os arredores das pistas, a área de escape foi encurtando até desaparecer. E a fiscalização?, você deve estar perguntando. A fiscalização? Essa faz parte da nova geração de cegos e surdos deste nosso país. Nós, os gatos, por causa de nossas sete vidas, eu acho, ficamos na nossa. Além disso, botamos fé em nossa agilidade. Saltar obstáculos faz parte de nosso aprendizado infantil. Então por que foi que saí naquele dia? Bem, digamos que eu tenha agido por impulso, ele veio em um momento qualquer daquela tarde enfadonha. Por causa da chuva, eu não podia trepar no telhado, que estava muito escorregadio. Assim, depois da inspeção ao hospital, eu bocejava um sono ralo no piso úmido da garagem de nossa casa. Evito sair em dias de chuva. Pular poças d'água não é um grande esporte. Naquele dia, saí. Naquele dia, perambulei pelo nosso bairro. Quase feliz. Os pingos de chuva. Brancos. Puros, me faziam pensar em neve, em anjos. Acho que a pureza daqueles pingos acendeu em mim o desejo de redenção. De justiça para com o Criador. Convenci-me de que a vida, com tudo que ela oferece, vale a pena. Conquistas, derrotas, vitórias, desafios e contradições, tudo vale a pena. Juro, eu estava em paz com o desatino do mundo. Logo fui alcançado pelo Frajola. Frajola é um gato de rua. Um paulistano metido a carioca, cheio de gingas e de *ixis*. Tenta imitar

os cariocas em tudo, principalmente no jeito de falar. Anda meio que puxando de uma perna e tem uma pálpebra mais baixa que a outra. Figura, o Fra. Perebento e subnutrido, não pega nenhuma gata. Tentei me esquivar do malandro, mas era tarde. Como sempre ele lascou de primeira: Teinsh aí alguma grana, brother? Grana, eu? Tu mesmo, que agora éis um figurão da medicina. Retruquei na hora: o que eu ganho, descontados os impostos, mal dá para o gasto. Pros gashtos... É, pode ser, óculos maneiros tens aí na cara, meu. Tu éis um autêntico mané, brother, um gato metido a beshta, é o que tu éis. Mané, eu? Tu meshmo, brother, tu, com teus ares de executivo, de gato de família. Não vou discutir com você, Fra. A gente se vê, falei, apertando o passo.

Livre do malandro, eu ia quase tranquilo pela cidade molhada. Na Avenida Washington Luís, já bem próximo ao aeroporto, ouvi um grito histérico vindo do interior de um carro: olha lá, mãe, um gato preto! Esse bicho chama o azar! Olhei na direção da voz. Minha intenção era mandar a pessoa à puta que a pariu. Nem foi preciso. Soube imediatamente que ela não ofenderia os brios de mais ninguém. Se tivesse tido tempo, talvez até tivesse sentido pena delas. Não tive: mãe e filha foram colhidas pelo abraço da morte. Partiram desta abraçadas. E eu que me cuidasse. O ronco de um monstro de 37,57 metros de comprimento e 11,76 metros de altura vinha com tudo em minha direção e não tinha nada da elegância das aeronaves que eu acompanhava de longe, me sentindo pequeno, insignificante diante delas. Saltei de lado, e o monstro foi engolido pelo prédio à sua frente. Ficou com o rabo de fora, o coitado. Um clarão. Um estrondo.

O caos. Ninguém do lado de fora parecia correr perigo. Cabeças iriam rolar, mas depois. Um tufo de fogo e fumaça ameaçava meu pelo lustroso. Gente ameaçava saltar pelas janelas do segundo e terceiro andares. Meu impulso era entrar na fornalha em que se tinha transformado o depósito de cargas da TAM, mas tive que esperar pela chegada dos bombeiros. Meu trabalho poderia ser de grande utilidade, evitaria perda de tempo com os condenados. Pela primeira vez, eu tinha oportunidade de trabalhar em parceria com a morte numa dimensão maior. Estufei o peito, orgulhoso de minha profissão. Mas não ri como alguns canalhas envolvidos no processo. Quando finalmente consegui entrar no depósito, cara, desejei estar a quilômetros dali. Minha utilidade estava limitada a zero. Não havia praticamente nada a fazer. Ela tinha agido por conta própria. Com uma rapidez monstruosa e eficiência impensável. Estava feito. Pronto. Selado. Nivelado. A morte tem esse dom. Para os que a desprezam, a morte tem a seu favor o dom de nivelar. Diante da morte não há diferenças. Outro fato: quando o número de mortos suplanta o dos vivos, todos, mas todos mesmo, ficam impregnados do cheiro fatal. Não pude fazer nada. Quem se safou, safou-se por si mesmo ou com a ajuda dos bombeiros. O perigo corrói o raciocínio dos homens. Diante do perigo muitos viram heróis. Outros, bestas. Tudo é possível, do mais alto ao mais sórdido sentimento, ato. Naquele dia, a morte só não morreu de exaustão porque está acostumada com mutirões de extermínio.

Finalmente, depois de muito esforço e frustrações, foi restabelecida uma calma relativa. Com o pelo coberto de cinzas, perambulei solitário pelo necrotério em que o

depósito de cargas tinha se transformado. Reinava uma confusão de odores do diabo. Tive náuseas e acabei contribuindo para o aumento da fedentina.

A hora da verdade

Repeti tantas vezes que a frase retumbava na minha cabeça como um estribilho maldito: tomara que hoje seja um dia normal na aviação brasileira, tomara que todos os voos atrasem, tomara que o voo dele atrase mais que os outros. Tomara, tomara, tomara. Queria que ele tivesse perdido a hora, que o trânsito engarrafasse. Queria... Sabe o que eu queria? Queria que este dia nunca chegasse. Ou então que já tivesse passado, que eu já tivesse falado, acabado com a agonia. Ah! Sei lá o que é que eu queria. Chegou a hora e pronto. A hora da verdade. O que tiver que ser será. De que adianta ficar nessa de se isso, se aquilo, se ele me ligou de dentro da aeronave segundos antes da decolagem? O voo está no horário. *Hoje* o voo está no horário. Nenhum controlador fez greve, não haverá desvio de rota, fumacinha na asa, apagão. Nada, nenhum distúrbio, previsível ou não. Se houver, será de outra natureza. Fiz o que pude. Soltei os cabelos como ele gosta. Atarraxei na cara o ar de felicidade que ele espera de mim. Enquanto me troco, vou ensaiando a abordagem. Acho que vou começar assim: te amo, Douglas. Muito, muito, muito. Vou te amar para sempre. Planos a gente refaz, sentimentos, não. O que mudou não altera nada entre nós. Não, ficou péssimo, formal demais, parece teatro. Ele vai pensar que estou de gozação, brincadeira de mau gosto. Não vai funcionar. Estou em pânico, tonta de pavor. Vou

é ligar pro médico dele, aquele sacana que me jogou a batata quente nas mãos.

E agora, doutor, que é que eu faço? Diga a verdade. Conforme lhe expliquei, a doença em si não é grave, apenas acarreta algumas limitações. Medicamentos todos os dias e algumas restrições quanto a diversão e trabalho. Eis aí o nó, doutor, a carreira na TAM, o psicotécnico marcado para amanhã. A vida é assim, minha filha, mais pródiga em perdas do que em ganhos. Existem tantas profissões menos exigentes. O senhor não tá entendendo, doutor, não entendeu nadinha dessa barafunda toda: vinte e cinco anos, doutor, o sonho da vida inteira ali, ao alcance dos dedos e, de repente, bum, vai tudo para o ar. Não falo não, doutor.

Dirigindo-me para o aeroporto, tento me concentrar no trânsito. EPILEPSIA. A palavra dança diante de meus olhos, zomba de mim, embaralha as cores do semáforo: EPILEPSIA. Um tipo brando, *pequeno mal*, completamente controlável. Não há perigo de ataques convulsivos. Apenas ligeiras vertigens. Grande parte da população convive com a doença sem desconfiar, foi o que disse o médico, um canalha, um presunto gelado. Disse com a maior frieza, sem a menor comoção: muitos portadores da doença morrem por outras causas, sem nunca terem sido molestados pela epilepsia. Coisinha à-toa. Queria ver se fosse com ele. Porém... Porém nada de estresse, porres, esportes radicais. Em cada passo de Douglas, cada gesto, eu sinto energia, determinação. Daqui a pouco, devo jogar um balde de gelo no seu otimismo. Tenho que ter tato, saber dourar a pílula, dividir com ele a frustração. Beber sem pestanejar a porção do fel que me cabe. Dizer a ele com todas as

letras: Douglas, meu amor, você é epilético. E sua reação qual vai ser? Talvez fique um pouco zozinho, desorientado. Por mais que eu tente suavizar as consequências, sei que a visão de um ataque convulsivo vai aterrorizá-lo. Ele vai se imaginar, eu me imaginaria, na calçada, com a boca torta cheia de baba, os membros retorcidos, cercado de uma multidão apalermada. Estou sem argumentos, não sou boa nisso, nunca fui. Sou econômica nas palavras. Em mim, elas demoram a sair, ficam entaladas. Talvez eu possa acrescentar: se isso te serve de consolo, meu amor, muitos reis e rainhas sofreram do *pequeno mal*. Até do grande, e isso não os impediu de governar. Bem ou mal? Aí é que tá, não sei. Mas... e os que não têm a doença também são uns... Vai ver são todos epiléticos. Bela porcaria ser governante. Desde quando se exige deles equilíbrio? Você sabe de algum partido que exige teste de sanidade mental? Quanto mais louco, mais respeitado. Penso nos filhos que vamos ter e fico triste. Penso na guerra que estamos vivendo. Com ódio. O ódio é mais forte que a tristeza. O ódio é bom? Ajuda a viver?

Caralho! Tem um nó no cruzamento. Sirene de polícia. Corpo de Bombeiros. Mais um assalto, decerto. Ou mais um confronto entre policiais e bandidos. Mais mortos. E quem tá se lixando pros mortos? Corpos no asfalto, bom nome para um filme brasileiro. Ou para uma minissérie de televisão. Penso na guerra. Nossa guerra. A guerrinha brasileira. Sem vergonha... Qual o fundamento de nossa guerrinha particular? O direito de matar? O direito de legitimar a contravenção? Direito. Legitimidade. O legítimo direito de matar a juventude iludida, alienada. Destruir cabeças. Anular. Cabeças que poderiam pensar,

um dia. O pensamento é mais perigoso do que as armas. Do que as drogas. Soldados de rostos infantis. Duros rostos de criança. Mãos que mutilam. Matam. Mãos mortas. Mutiladas mãos que poderiam trabalhar. Mãos voltadas para o céu. Para o nada. As escolas públicas precisam ser ruins para que não falte soldado na guerra do tráfico. A cabeça dos meninos que estudam nas escolas boas deve ser ceifada para não faltar combustível na guerra do tráfico de drogas. A legitimidade de uma guerra está na sua banalidade. Uma guerra se torna legítima quando o cheiro dos cadáveres nas ruas deixa de incomodar os moradores. Quando pisamos nos cadáveres sem nos desviarmos.

O trânsito para. Vou chegar atrasada ao aeroporto. Droga!

O conselho

Eu me negava. Negava ser parte de tão asqueroso legado. Nem era outro ainda. Impossível suportar o peso de tamanho desarranjo sem ficar todo desconjuntado. O descaso, a indiferença, a irresponsabilidade... Como ficar indiferente a isso, virar as costas e sair como se nada tivesse acontecido? Acontecendo? Minha intuição avisava que novas calamidades viriam. Eu queria fugir, apagar da memória a visão catastrófica. Limpar da retina agredida a tinta negra da coisa. Existe um buraco negro. Intransponível. Estou só no meu buraco negro. Isolado. E não me sinto preso a mais ninguém. A nada que possa justificar o que vi. Aquela é uma noite individual. Cada um sustenta o próprio peso. Cada um se pesa e se mede. Eu precisava pensar, agir, antes que fosse engolido pelo próprio peso,

antes que fosse tarde. Mas tarde para quê, exatamente? A população estava sozinha (já que ele não sabe, nunca soube de nada). Diante de tamanho descalabro, urge pensar numa solução rápida e eficiente. Nada que envolva *autoridades*, está claro. Intuí que a solução estava no tempo, passado ou futuro. O presente era um lapso, um engano a ser banido da história. Embarquei nele, no tempo. No túnel do tempo, navegando de ré, cheguei à mitologia romana e, lá na mitologia, quem me surge? A polêmica figura de Mercúrio, o mensageiro dos deuses e também deus das estradas e das viagens. Ninguém mais apropriado, pensei. Jovem inteligente, belo, astuto e trapaceiro. Meio sacaninha. Eu teria preferido alguém com um histórico melhor, mas dizem que é bom de serviço e o momento cobra agilidade, presteza. Aí concluí: por que não? No desespero vale tudo. Relaxar e gozar, conforme aconselhou a ministra, faz tempo que deixou de surtir efeito. Eu sei, se conselho fosse bom, seria pago, e caro. Na emergência apegar-se a tudo. O avião foi feito pra quem tem pressa, não foi? De repente, virou tartaruga e até bomba-relógio. Então, me veio a ideia. Modéstia à parte sou bom nisso. Quando se tem pouco, exercita-se a inteligência. Essa é a única vantagem que os que pouco têm levam sobre os que têm demais. Exercitar a inteligência. É aí que mora o perigo. Então, pensando em Mercúrio, pensei: por que não inovar, parafusar no avião um par de talaes, as sandálias aladas responsáveis pela presteza de Mercúrio, o deus da velocidade? Se dava certo naquele tempo, por que não daria hoje? Afinal, nunca saímos de lá, do ontem. Não há mudanças no ontem de nosso tempo, qualquer anúncio é ilusório. Quanto aos passageiros, os de boa vontade, claro,

embarcariam munidos de seus pértasos, aquele capacete de aba larga e asas que o nosso salvador usava. E nas mãos levariam seus bastões alados, o caduceu. Figura, né? Mas antes disso do que dormir em aeroportos e, no fim, ainda se espatifar em pleno chão e virar tição irreconhecível. Eu não voo, Deus me livre e guarde de uma tal aventura, mas para quem depende de aeronaves fica aí minha sugestão. Acho que eu procedia assim, divagava feito um lunático para me afastar da realidade, dura demais para a fragilidade de um gato. E da maioria dos brasileiros. Só os podres por dentro, acomodados na própria fedentina, conseguem rir diante da tragédia.

Cinismo

Charuto

Risadas

A certeza

De repente, nova explosão, novo clarão. Agora, dentro de mim, o clarão. De repente, eu sabia, tinha certeza quanto ao motivo de minha convocação. Cães sarnentos, demônios disfarçados de humanos. Os culpados iam permanecer confortavelmente embrulhados em suas couraças cínicas. Como das outras vezes, seriam poupados. Havia, sim, um culpado. Quem era o culpado? Alguém duvida? O azar. O gato preto. O gato preto sou eu.

Voltei para casa pisando duro, corroído por uma revolta seca, estéril. Triste. Acabrunhado. Andando devagar, verifico os pingos de chuva no chão. O asfalto não reconhece os pingos da chuva. O asfalto na condição de matéria é muito mais duro do que o verde, o vermelho

da terra. Os pingos de chuva rolam pelo asfalto. São lágrimas sem dono. São verdadeiros os pingos de chuva. E são os mesmos de antes. Há, entretanto, um muro entre o antes e o depois das lágrimas sem dono. O muro é de fumaça, de chumbo. A natureza se esforça para ignorar a construção do muro no tempo. O homem fraqueja diante do muro construído. Nas ruas lavadas pelas lágrimas sem dono, apenas os apressados de sempre. Alguns cospem de lado. Outros olham duro pra frente, os olhos fincados numa névoa escura. Pra frente, pra frente, dizem seus passos puídos de tanto procurar o amanhã. Os passos puídos de tanto buscar o amanhã pedem a cabeça dos culpados. Andam e não sabem pra onde vão. Um dia. Um dia as ideias se transformam em ação. Uma ação que às vezes parece pobre e isolada, pode fazer toda a diferença. A força está na intensidade da ação, não no seu corpo físico.

Será que a catástrofe tinha mesmo acontecido? O cheiro de carne assada vinha de onde? De meus companheiros transmutados em churrasquinho? Ou é cheiro de carne humana assada na brasa da irresponsabilidade não esclarecida? Cadê os caras pintadas? Os narizes de palhaço? Onde estão os *cansei*? Cadê o povo brasileiro?! Ninguém nas ruas, nenhum protesto. Que diabo de gente é essa que aceita ser tangida? Eu, que nem gente sou, ando de saco cheio. Em vão, eu tentava invocar as palavras de um sabichão, Sartre, eu acho: “Não importa o que fizeram de ti, mas antes importa o que vais fazer com o que fizeram de ti”. Podia até ser consolo. Um dia, quem sabe? Hoje não. Hoje paira no ar molhado da cidade dos mortos uma poeira diferente. A face paralisada do país não se move. Ainda.

Dias consecutivos amarguei a mesma desolação. Tão desanimado que até recusava o bife que a Belinha me oferecia. Comer seria atentar contra a carne dos inocentes. Rebanho imolado dentro do depósito de cargas. Eu não tinha estômago para comer. Como é que eles tinham disposição para festas, condecorações, risadas, charutos? Humanos! Piores que o mais selvagem dos bichos.

Meu dom ficou perdido, soterrado nos escombros da tragédia. E, claro, perdi meu emprego no Nossa Senhora da Boa Morte. Não percebi nem de longe a iminência da morte do segundo marido de Rafaela, minha amiga, paixão maior de minha vida. O homem se foi na estridência de mais uma noite de farra. Bebida, mulheres. O infarto fulminante pegou Rafa na cama. O infarto do marido farrista. Sorte minha não ter renunciado aquela morte, assim não padeço de novos males da consciência. Rafaela jura que não quer mais saber de envolvimento com viuvez. Para evitar o risco, não se casa mais. Agora passeamos tranquilos pelo pequeno jardim de nossa nova morada, longe da implicância de maridos e empregados. Mas, como nada é perfeito, acabo de ouvir o ronco nervoso de um avião.

Possibilidades

Como não lhes dar crédito?

O mundo tem grandes problemas, todo mundo diz. Acho que um deles está ligado à questão das possibilidades. Ao fato de elas serem tantas e tão variadas. A infalibilidade é própria das leis da natureza. Mas confiar cegamente nas possibilidades pode derivar em erro. E o erro, nós sabemos,

quase sempre degradingola em catástrofe. A possibilidade de um desastre aéreo é ínfima, bem como a de sair vivo de um desses desastres. Ronan e Lara sabiam disso. Eram livres para embarcar ou não naquele voo. Eles eram crianças, mas sabiam do risco que iriam correr. Em todo embarque há um risco, calculado ou não. Embarcaram. Ou não? Dentre tantas possibilidades, vamos encarar apenas uma.

Lara e Ronan. Seus nomes fazem parte da lista das vítimas do voo 3054. Meu coração sangrou por eles na ocasião. Muitos anos depois, a surpresa. Ou apenas suposição. Desejo de que fosse verdade. Foi daquele jeito? E se não foi? Se não fosse? Há explicação lógica para o que vou contar? Mas quem é que precisa da lógica para viver?

Alguém disse, só não sei quem foi: “O último passo da razão é reconhecer que há uma infinidade de coisas que a ultrapassam”. Ronan balançava entre medicina nuclear e psiquiatria. Lara, mais decidida, seria cientista, estão lembrados? Ambos mudaram de ideia. Ninguém, aos treze anos, sabe de verdade o que quer. Hoje, ele, engenheiro mecânico, trabalha numa filial da Shell em Aberdeen, na Escócia. Ela, formada em Direito, é tradutora bilíngue. Como é que eu sei disso, eu, um pobre gato que nunca saiu dos arredores de Congonhas? Vou contar. Além das possibilidades, existem também as coincidências. Essas são muitas vezes traiçoeiras.

Um dia, anos depois do acidente da TAM, quando eu já era o início da ruína que sou hoje, ouvi um relato que deixou arrepiado meu pelo opaco, ralo, cheio de fios brancos. Naquele tempo, eu ainda ouvia bem. O dom da profecia nunca foi recuperado, mas eu era capaz de

fazer intrincadas associações. Rafaela acabara de chegar de uma viagem ao Reino Unido. Como é costume entre os brasileiros que não viajam tanto, reunia os amigos para assistirem ao filme da viagem, folhearem distraídos o álbum de fotografias. Distribuía presentinhos, a maioria deles *made in China*. Voar tanto para comprar porcarias que se encontram em qualquer beco de mundo, dá pra acreditar? Não é implicância minha, juro, mas tudo aquilo era bem ridículo. Não sei como a Rafaela, uma mulher tão inteligente, se presta a esse tipo de cafonice. No colo dela, eu (de banho tomado, barba aparada e uma horrenda gravatinha vermelha no pescoço) exagerava na dose de minha carência. A viagem da Rafaela tinha me custado alguns quilos. A faxineira, uma megera que não gostava de gatos, como era de esperar, não tinha vindo me dar a ração todos os dias conforme prometera. Se não fosse a falta de apetite do Rambo, o gato do vizinho, que me cedia boa parte de sua refeição, neste momento eu podia até estar morto e insepulto em algum matagal da redondeza. A Rafaela nunca mais ia me ver, nem eu a ela. Lágrimas marejam meus olhos só de pensar na hipótese. Minha magreza não era de fome, era de ciúmes dela, dor de cotovelo, essas coisas. Tudo que eu queria era esquecer a solidão daqueles dias, encerrar o assunto, que agora prolongava-se em sessões intermináveis de pormenores sobre a viagem, como se ir à Europa fosse um grande feito, uma conquista rara. As mulheres são mesmo caixinhas de surpresa, desde Pandora. Rafaela não constitui exceção. Coitada, é incapaz de distinguir um gramado de uma pastagem para animais, um touro de um dinossauro, de repente, num acesso desmedido de amor à natureza, estava

simplesmente deslumbrada com a Escócia e sua população branquela. Descambou a dizer maravilhas daquela gente risonha, louvando principalmente a atitude dos que vivem em pequenas cidades ou no campo, em casas de pedra, rodeadas de ovelhinhas brancas e rolos de feno. Horroriza-me o caráter volatilizante das mulheres. Com voz calma de professora aplicada, bebericando em doses miúdas seu Malt Whisky Liqueur, adquirido diretamente da Glenfiddich Distillery, nos arredores de Aberdeen (o que fazia toda a diferença), ela até forçava uma melancolia absurda. Eu já estava de saco cheio daquele emaranhado de lugares com nomes complicados, nem prestava mais atenção ao falatório de Rafa. Até que dois nomes bem brasileiros mandaram para longe minha modorra. Mas vou começar do começo para vocês entenderem direito. De bom em tudo isso apenas o cafuné que Rafaela fazia na minha cabeça, sem interromper seu discurso melancólico.

Escócia. Terra de brumas e contrastes (pausa para um pequeno suspiro). Elevações agrestes, vales verdes e imensos lagos cintilantes. Podem rir se vocês quiserem, mas a impressão que eu tinha era a de que, se eu estendesse a mão e tentasse tocar o cenário, ele se desvaneceria em pó. Vocês sabem, já visitei muitos lugares especiais, mas nunca antes tinha sido tocada por tantas e tão intrigantes sensações. A incrível combinação de força e leveza foi o que mais me impressionou no país das Highlands. A agressividade das montanhas, o multicolorido dos vales, a suavidade dos lagos. Loch Lomond, imenso como um mar. Loch Ness, tão profundo que suas águas parecem negras. Nelas se esconde o simpático Ness Monster, bicho esperto que não se deixa apanhar. O romantismo dos castelos.

Batalhas históricas. Para mim o mais impressionante é o Castelo de Edimburgo, uma enorme construção de pedra aninhada no centro de granito de um vulcão extinto. De dimensões espetaculares, o castelo já foi fortaleza, palácio real, guarnição militar e até prisão. Olha a cidade do alto, desafiando a potência do vulcão. Mas quem garante que um dia a besta não resolve botar suas manguinhas de fora, hein? É de arrepiar. Existem outros mais bonitos e menos impressionantes. O Stirling Castle, que deu origem e nome à cidade que o cerca. Do castelo, veem-se sete campos de batalha. Em um deles os ingleses foram derrotados em 1314. O Holyrood Palace, dourado e imponente, é a residência oficial da rainha Elizabeth II na Escócia, e muitos outros. Depois de percorrer belezas infindas, hospedarmo-nos em charmosos *guest houses*, chegamos a Inverness, capital das Highlands. Se não fosse pelo clima chuvoso e frio, era ali, numa daquelas charmosas casinhas de paredes brancas com flores nas janelas, que eu queria viver até que a morte viesse me apanhar. Não precisa arrepiar o pelo, Negrito, você ia comigo para a Escócia. Ia numa caixa bem bonita, com laço de fitas e tudo. Treze, catorze horas de viagem não matam ninguém, muito menos um gato forte como você. Claro que não levei a sério a possibilidade, era o entusiasmo de toda viagem. Ia passar, eu sabia.

De repente, a face de Rafaela ganhou um cunho de distância, de fim de tarde, de início de noite. Suas palavras conferiam ao ambiente um tom cinza pálido, quase azul. Na posição em que me encontrava, enrolado sobre a maciez de suas coxas, mais adivinhei do que vi a mudança. Intuí naquele semblante angustiado sulcos profundos de

saudades. Adivinhei também ranhuras, marcas de futuras batalhas. Entretanto, posso garantir que o véu de melancolia caía bem naquele rosto delicado. Nunca foi tão bonita. Nem me escapou tanto. Temi que Rafaela se esvaísse na fumaça da própria divagação. Suspirou fundo e continuou: não, não sei. Tem um outro pedaço da Escócia que mexeu com minhas convicções. Foi assim como um bastão tocando de leve minha face escondida. Tocou fundo. Ilha de Skye. Nosso primeiro encontro ficou gravado na pele de minhas recordações mais queridas. Não digo que aquele seja o lugar mais bonito do mundo, mas há no conjunto da ilha uma beleza quieta, sutil. Que oprime. Angustia. É um lugar de encontros. Foi para mim. Sem pieguices, a beleza, a perfeição da natureza às vezes machuca. Dói. Mete medo. Aperta o peito, incomoda. A eternidade da natureza abrevia, encurta a vida. Na ilha, num dia ameno do mês de setembro, descobri verdades nas quais eu nunca tinha pensado. Vocês sabem, nasci em São Paulo. Cresci protegida pelo estardalhaço dos grandes centros. Cercada de perigos. Protegida pela noção da violência. Ocupada com a questão da sobrevivência. O perigo, num grande centro como São Paulo, é ruidoso, encorpado, real, mas combatível. O perigo nos mantém alertas, permanentemente ocupados com o agora. Na ilha, pela primeira vez, ouvi a fala macia da solidão. Na calmaria dos pântanos, no respirar pausado da manhã, na linguagem muda das montanhas escarpadas. Em dado momento, peguei um caminho estreito e fui me afastando dos outros, da condição de turista. Uma urgência descabida me empurrava morro acima. Caminhei em passos largos por um caminho estreito e pedregoso. No topo, parei ofegante. A respiração

suspensa. A vista era magnífica. Lagos azuis de águas salgadas, planaltos vulcânicos e majestosas cadeias de montanhas. O azul esmaecido de um céu envolto em brumas. Asas invisíveis de insetos no campo de flores arroxeadas, pétalas leves acarinhadas por um vento macio. E os animais! Que coisa mais linda as ovelhinhas brancas, os bois peludos de chifres enormes, a língua vermelha lambendo as narinas, feios de doer, mas mansos de coçar. Todos vegetarianos, me garantiram. Casinhas brancas ao longe. O horizonte em paz. Tudo calmo. Leve. Insuportavelmente perfeito. De repente, me veio a visão de minha casa no Brasil, do que ela representava no gigantismo absurdo do universo. Minha casa era o cenário de um filme. Um filme construído, inventado por mim com todo o cuidado para justificar minha existência, atestar minha presença. Quem era: eu ou minha casa com suas paredes que abrigavam pequenos tesouros? Senti que eu estava tonta, tonta de pavor. Havia no ar rarefeito uma ameaça velada. Havia, havia sim, por trás do que era visível, uma força inexplicável: sutil, inatingível. Uma presença-ausência escarnecia de minha fraqueza. Em vão tentei combatê-lo, o medo veio com ganas de ficar. Busquei proteção na solidez de algum perigo concreto, real. Na capa encorpada da violência. Se ao menos um daqueles bois horrendos tentasse me atacar pelas costas, me atirar montanha abaixo. Mas nada, eles continuavam ocupados com a monotonia de suas vidas pachorrentas. Onde o perigo, então? Sim, eu sei que ele existe. Está em tudo, em todo lugar, por que não no isolamento de uma ilha? O perigo nos cerca. Protege. Fortalece. O perigo nos ensina a viver. Sua ausência é a negação do que sei, do que sou, do que aprendi a ser. Eu

estava preparada para o que a vida nos oferece de áspero. De repente, sem nenhum aviso, a leveza. A leveza do ar que se respira naquela ilha assusta. A mim, assustou. Senti nele a fatalidade do encontro. O peso da vida, tão grande que pode até matar, está na consciência escondida da leveza, que é a negação do peso. No horizonte calmo da ilha, não havia a mais remota reminiscência de perigo. Havia a ameaça. De que sombras vinha a ameaça? Vinha do meu de dentro? Do escondido de mim? Vinha da descoberta de uma força cujo nome eu desconheço? Uma força que eu não tinha como negar? A brisa na cara exposta da alma. O silencioso ruído das horas passando. A eternidade do tempo gravada na pedra. O tempo que nos foge pelas mãos. Dói. A certeza. Doeu-me fundo bater de cara com a harmonia possível, para a qual eu não tinha contribuído. Nem sequer acreditado. E em breve alguém chegará com a carta de abdicação assinada por mim em um momento qualquer de sensatez. Se levarmos em conta apenas o fator idade, ainda tenho algum tempo, mas o que isso representa diante da perenidade que me rodeia? A natureza em toda sua pujança estava ali para ser vista, admirada. Para nos hipnotizar. Era real e eu a possuía, mas não tinha meios para aprisioná-la. Olhar, sentir, era tudo o que eu podia. Você pode fotografar. Filmar. Você pode comprar um mundo de bugigangas, levar consigo, mas o principal é intocável. A beleza de uma região, de um lugar, de uma coisa pertence a quem lhe pertence. Vocês percebem? Sabem do que estou falando?

A plateia estava embasbacada. Eu, de cabeça erguida, sentado sobre as patas traseiras, temia pelo pior. O álcool não é bom companheiro do homem, menos ainda da

mulher, ser sensível, exposto a abruptas mudanças de humor. Não, ninguém tinha entendido bulhufas do falatório destrambelhado da viajante melancólica. Do emaranhado absurdo entre peso e leveza. Qual é, meu? Se é leve, não tem peso; se tem peso, não é leve. Atropelar a lógica é extrapolar. De uma coisa todos sabiam. Do medo. Todos sabiam. Conheciam seu peso, não viviam sem ele. Algum tipo de peso. O peso do medo torna o homem cauteloso, precavido. Gostavam particularmente do peso do metal. Ou da culpa. Falavam em transparência, mas corriam dela como o diabo da cruz. Todas as mãos recorreram sôfregas ao copo de bebida, na tentativa de clarear as ideias já meio nubladas. A Rafa, pouco importava ser compreendida. Fazia-lhe falta ouvir a própria voz. Explicar-se a si mesma, o que os outros classificavam de anomalia. Os presentes tinham ouvidos atentos, desconfiados, alguns, mas atentos. Ninguém arredou pé. Quanto a mim, permaneci de butucas acesas. A madrugada veio nos colher de pálpebras pesadas, alguns de sono, outros de bêbados. Apesar de preocupado, eu, o único ali que não podia se manifestar, aplaudia o início da abertura de Rafaela para uma vida mais verdadeira. Evidentemente desorientada, ela continuou seu estapafúrdio discurso.

Pegamos o ferry para passar algumas horas na ilha de Skye. Ficamos três dias e saímos de lá com os olhos compridos, pregados na magnitude das montanhas preguiçosas. É impressionante como a vida nos oferece surpresas. Meus amigos, com os quais eu viajava pela Escócia, brasileiros como eu, moram em Edimburgo e nunca tinham explorado a região dos lagos, as Highland. Urbanos por natureza, eles olhavam com admiração, mas também com

certo receio, a vegetação diversificada da ilha, a impressionante arquitetura das montanhas. O contraste da água com a pedra. O isolamento. Mal informados, temiam não encontrar um lugar seguro para fazer uma boa refeição. O que a população local chama de cidade, várias delas não passam do aglomerado de umas dez, quinze casas. Apesar de confusa, eu começava a confiar na coerência do lugar. O campo e a cidade num convívio absolutamente harmônico. Sem admitir ainda, eu sentia uma secreta peninha de São Paulo, cidade que se autoestrangulou. Condoía-me do ar irrespirável das ruas congestionadas, da vegetação morrendo asfíxiada, da falta de limites da cidade. Meus amigos queriam voltar para o continente em busca do almoço, que já beirava a jantar.

Foi aí que tivemos a grande surpresa: descobrimos em Dunvegan um restaurante-hotel construído com todo o capricho, com o sugestivo nome de The Three Chimneys. O que começou como uma cabana erguida em pedra ganhou sofisticação e requinte. *Chimneys*, chaminés em português, nos lembra Natal e Natal nos lembra família. Foi o suficiente para entrarmos. Ali fizemos uma refeição divina. Como entrada, pedimos *cullen skink*. Preparada com o *haddock* quase vivo de tão fresco, a sopa veio fumegante. Como prato principal, escolhemos *haggis*, *neeps* e *tatties*. Uma delícia. Na hora de pagar a conta, mais uma surpresa (sim, o preço era *high* como a região, mas não foi isso): os proprietários da casa eram... brasileiros, minha gente, paulistanos feito a gente. Lara e Ronan, o casal mais afinado que já vi. Ela, muito viva, alegre e desinibida, rosto lavado, os cabelos castanhos presos em um nó, casaco e botas meio puídos. Despida de qualquer vaidade,

soubera, entretanto, conservar a sensualidade própria das mulheres de nossa raça. Bonita. Ele, sorriso meio tímido, calado. Camisa xadrez e calças de flanela desbotada. Os cabelos, muito pretos, começando a embranquecer. Percebi, com pesar, que o sol tímido da Escócia desbotara o dourado de sua pele morena. Um homem atraente, sem dúvida. Daqueles que caminham por um aposento esbanjando charme, obrigando as cabeças a se voltarem para admirá-lo, sem, no entanto, ter a menor consciência do poder de sedução. Ela, sim, tinha conhecimento do poder de ambos. Percebi de cara que qualquer investida seria não só inútil como arriscada, não que fosse essa a minha intenção. Acabaram nos convidando para um local reservado do restaurante. Do licor, voltamos ao uísque. E, para encurtar a conversa, passamos três dias na ilha. Entre copos de *tennent's*, uma cerveja escocesa deliciosa, cigarros e a gaita de fole tocada por eles, fomos tomando pé de sua história: dois brasileiros saudosos da pátria, mas desiludidos com o Brasil. Não foram pródigos em detalhes, nem nós fomos bisbilhoteiros.

Coincidência?

Loucura?

Naquele ponto da narrativa, eu, de pé sobre as coxas de Rafa, já não me aguentava de tanta curiosidade. Lara e Ronan eram nomes que me remetiam a um passado trágico. Mas a suposição era absurda demais para ser levada em consideração. Para piorar minha urticária, Rafaela ainda fazia aquelas pausas estudadas, irritantes.

Vocês aceitam mais alguma coisa? Gente, ninguém comeu nada! E pensar que eu trouxe tudo no colo, com tanto cuidado. Que que eu estava falando mesmo? Ah, dos donos do restaurante. Uma gracinha, os dois. Vocês sabem, conhecem meu romantismo incurável. Adoro amores verdadeiros, eternos. Eles se conheceram quando tinham treze anos. Treze anos, e nunca mais se separaram. Lara disse, meio brincalhona, que os dois não tiveram tempo de especular sobre o amor, que ele, o amor, caiu-lhes sobre a cabeça como um acidente inevitável. Foi um encontro casual, em um dia aziago, mas com características de fatalidade, disseram. Data que nenhum brasileiro gosta de recordar. Apaixonaram-se e estão juntos até hoje. Não é incrível? Em tempos de tanto troca-troca, encontrar um casal assim? Falar das circunstâncias de seu encontro, das dificuldades, frustrações com o País... Falar disso longe daqui foi emocionante e triste ao mesmo tempo. Relembramos fatos antigos. Marcantes. Ronan e Lara se conheceram, imaginem, no aeroporto de Porto Alegre, no dia da tragédia com o avião da TAM. Aquele que matou 186 pessoas, a maior parte delas da capital gaúcha, e que deixou o Brasil todo com cara de velório. Lembram-se da noite infernal, do desastre no solo do Aeroporto de Congonhas? Coisa mais absurda morrer de desastre aéreo em plena terra. Um clarão, vinte e oito segundos e uma vergonha indelével. Acho que nenhum brasileiro se esquece. Pois é. Para o casal aquele dia representa um marco. Atravessando as turbulências próprias da adolescência, eles ficaram profundamente chocados com a tragédia. Então, prometeram trabalhar por um Brasil mais sério: humano, organizado. É fácil sonhar quando se tem treze anos e uma baderna

à disposição de quem quiser bancá-la. Naquele tempo, além do caos aéreo, enfrentávamos o caos político e moral. Lembram do mensalão? Do presidente da República que não sabia de nada? Do presidente do Congresso que usava laranjas para enriquecer com o dinheiro do contribuinte? Com seu dinheiro, meu dinheiro. Tempos terríveis aqueles. A gente sentia vergonha de ser brasileiro. Pois é. Lara e Ronan, apesar de jovens, arregaçaram as mangas. Pela internet, na escola, na rua, arrebanharam multidões. Picharam muros, vaiaram *autoridades*. Foram vaiados, advertidos. Sofreram ameaças, pressões. Não desistiram. Mas chegou o momento de pensar num lugar seguro onde pudessem construir o ninho e chocar os ovos. Convidado para trabalhar na Escócia, Ronan aceitou. Lara foi para Londres aperfeiçoar seu inglês. Casaram-se. A cerimônia – ele de *kilt* branco e ela de camponesa estilizada – foi em junho, o melhor mês da Escócia, num cenário lindo de arrepiar. Vi o filme. Aconteceu no campo, numa manhã de sol entre nuvens, tendo como pano de fundo as ruínas douradas do Urquhart Castle e o azul profundo do lago Ness. A lua-de-mel, como vocês devem estar imaginando, foi na romântica Ilha de Skye. Nunca mais perderam o contato com a ilha. Alguns anos depois, resolveram diminuir o ritmo de suas carreiras e abrir o restaurante-hotel. Têm três filhos que falam português, inglês, um pouco do dialeto da ilha e uma saudade louca do Brasil, além de planos arrojados. Por precaução, deixei meu quarto reservado no The Three Chimneys para o próximo verão escocês. Espero continuar meu aprendizado.

Eu estava abestalhado. Ela que fosse para o Reino Unido, para quantas ilhas isoladas lhe desse na telha.

Que batesse de cara com sua metade escondida e depois aguentasse as consequências. Quanto a mim, queria mesmo era tirar aquela história a limpo. Saí de fininho da sala e fui para o quarto dos fundos, onde Rafaela guardava jornais e revistas com fatos importantes de nossa vida político-social. Tossi, espirrei. Lasquei-me todo com o pó acumulado na papelada, mas encontrei o que procurava. A revista *Época* n. 479, com data de 28 de julho de 2007. Senti meu coração acelerar. Nas narinas, o cheiro da fumaça. No coração, o peso da catástrofe. Sobre um fundo preto, em letras brancas: voo 3054 e vários rostos, muitos deles sorridentes. Todos confiantes. Nas páginas 37 e 38, imagens e nomes. Morena. Olhar esperto. Jeito de menina sapeca. Bonita. Nome: Lara. Rosto redondo. Cabelo bem penteado. Olhar firme. O filho que toda mãe queria ter. Nome: Ronan.

Juntei a papelada toda, guardei no baú. Quanto à explicação, onde buscá-la?

TIJOLO E VIDRO

Dois de fevereiro de 2009, assim afirmava o calendário. Entretanto, o calendário nada mais é que a humana necessidade de estabelecer limites, cindir, fracionar o tempo. No jogo rápido do telejornalismo, o assunto já era outro, uma banalidade qualquer, quem sabe até risível. Não foi capaz de fazer a transição, de rir com eles, os inconsequentes. Não era um deles, não podia, não queria ser. A notícia anterior, com gosto de sapo morto, inchado e fedorento teve o poder de um murro em pleno estômago. IRREVOGÁVEL! Conseguiram, os filhos da puta, conseguiram! O grito ecoava dentro de si, lamento animal, uivo de mãe sobre o filho morto, de torturados nos porões das madrugadas. Aprisionada em suas entranhas, a leveza do riso permaneceu em prudente quietude, quem sabe aguardava dias melhores. Sentiu, agora com força, uma vontade insana de desaparecer, de aproveitar o estiramento do Universo (mais uma loucura dos cientistas?), pegar carona com uma daquelas galáxias que estão sendo empurradas pela expansão do espaço e tchau, mundinho estreito! Solução boa demais para ser de fácil execução.

Notícias são como bombas, têm efeito imediato e retardado. Naquele caso, em primeira mão, brotou a irracionalidade, o ímpeto em estado puro: vontade insana de quebrar a televisão, de rasgar a carteira de identidade,

o registro de nascimento. Ao impulso seguiu-se o entorpecimento. Finalmente, misturado à descrença profunda, foi emergindo assim meio sorrateiro, um pálido e tímido reflexo de indignação. E a ira era necessária. O país inteiro precisava dela. De repente, um corisco longínquo de esperança: e os outros? Não estava só no mundo. Havia outros, e eram muitos. Como receberam eles a notícia, os outros? Como se sentiam? No estertor da morte, feito ele? A morte no sentido amplo, devastador; aquela que nos leva o último lampejo de qualquer esperança? A data, bem definida, tinha um significado claro, inapelável: representava a hecatombe moral de um povo, do povo brasileiro. Seria ingenuidade contar com a reação do povo? Provavelmente. Não sabia explicar, mas no fundo talvez soubesse: esteve sempre na contracorrente do povo. Assim sendo, talvez o melhor fosse admitir o fracasso. Quem sabe na condição de fracassado, isento de qualquer expectativa, pudesse finalmente encontrar a tão procurada paz. A paz sombria dos fracassados.

Dividido, incerto, o seu de dentro continuou buscando a leveza do ar, a luz, mas a força da notícia (bomba) tinha adulterado a natureza das coisas. Pesada, a atmosfera fazia-se irrespirável. E, naquele momento parado, de completa desilusão, de solidão extrema, aconteceu um fato, no mínimo, extravagante. Espantado, fincou a vista na figura e duvidou de sua autenticidade. Não, não podia ser! Depois, veio a certeza de que era ela, sim. Junto com a emoção veio a curiosidade: que que a criatura tinha a ver com seu estado de espírito, com as falcatruas de nossos dirigentes, suas malandragens, as negociatas escusas, o desejo insano de se perpetuar no poder? Por acaso, mesmo depois de

iniciado seu vaguear pela eternidade, ainda lhe dizia respeito a paciência bovina de nosso povo? A passividade de um país absurdamente grande e fraco? Será que a fraqueza de nossa nação vem exatamente de seu gigantismo físico?, ele pensou. É verdade que ela sempre foi mais preocupada com as questões sociais do que ele, mesmo assim a aparição era absurda. Outra dúvida: o sofrimento tem a mesma perenidade da alma, continua nela?

Brás encontrou-o diante da televisão, confuso, apalermado e, ao mesmo tempo, eufórico. Para espanto do recém-chegado, desandou num falatório desconexo. Dizia muito sem dizer nada.

Agora, sim! Minha opinião sobre o mundo se confirma. O mundo é o que sempre imaginei: um lugar onde a piedade não tem vez, e a solução passa à margem das coisas, das causas.

Tá bom, amigo, concordo. Viver é a maior das bestialidades, é uma esquisitice à qual nossos pais se sentiram no direito de nos obrigar. Assim sendo, vamos tocando o bonde, do jeito que der. Olha, tive uma puta ideia: que tal a gente deixar esse seu moquiço fedorento e sair por aí contando estrelas, filosofando a vida, hein? Tomar um daqueles porres monumentais e vazar a noite num bar ensebado, conhece coisa melhor de se fazer?

Mais tarde, quem sabe, agora eu preciso falar! É urgente, cara, você pode não acreditar, nem toda verdade é aceita, mas ela esteve aqui e parecia real, criatura de carne e osso, feito você, eu. Era real: eu ali parado, parada ela, com o semblante marejado de nostalgia, o jeito único de ser, que a uns intrigava e a outros encantava. No rosto enigmático, o mesmíssimo ar de mistério que nem

a morte conseguiu apagar, e nos olhos muito negros o brilho baço dos místicos religiosos. A auréola de misticismo que cingia sua cabeça bem assentada era relativamente nova, foi acontecendo devagar, depois que, sem essa nem aquela (pelo menos para os outros), Elis desistiu da vida. Desencantou-se do viver, sei lá. Não tinha nem cinquenta anos, não era nem parecia velha. No palco, ainda era a número um. Conservava o invejável poder de concentração do início da carreira, não só no palco como na quadra de tênis ou na mesa de pôquer, onde varava noites, sem perder muito. Gostava de desafios. Conhecia a alegria genuína do mesmo jeito que sabia mergulhar num poço sem fundo. O eco de suas risadas soltas ainda perdura na pele de minhas lembranças. Mesmo assim, decidi que era tempo de desocupar o pedaço para quem nele apetecesse aventurar-se. Está me ouvindo, Brás, ou eu falo para ouvidos surdos?

Estou ouvindo e muito bem. Você acaba de afirmar que viu uma pessoa que pertence ao passado, é isso?

Vi, vi, sim. Elis, a primeira mulher de minha vida. Aquela cujo cheiro nunca logrou me abandonar.

Peraí, cara, isso tá me cheirado a exagero. Obsessão. Você não acha que está se envolvendo demais com a ciência e os cientistas, querendo transformar especulação em verdade comprovada? Abraçar a teoria de que tempo e espaço são a mesma coisa? Sem essa, camarada, ninguém perde a miopia original, sai perambulando no tempo, pra frente e pra trás, como bem lhe apetercer, anda por aí ressuscitando defuntos, inventando futuros. Isso é pura maluquice. Teoria é teoria, realidade é outra coisa bem diferente. Os físicos que se virem com suas verdades e

desverdades. Uma hora apostam suas fichas na perfeição, noutra já dão preferência à imperfeição. Por mim o cosmo que ande pra frente ou de ré, dance quanto quiser sua dança quântica, navegue em supercordas, que seja uma orquestra destrambelhada, nada disso afeta minha mísera vidinha, não mesmo!

Não fiquei louco, não, viu, Brás? Quer dizer, não mais que os outros. Meio louco, como todo mundo. Elis, minha Lis. Além da certeza de ter sido amado por ela, ainda guardo, sobre a pele curtida de desencanto, o roçar de asas de suas mãos macias e o bater pausado de seu coração contra meu ouvido sonolento. Na verdade, aquela mulher sempre me intrigou um pouco. A determinação meio absurda, até mesmo em questões cruciais, em que normalmente ocorrem tentativas de suborno, negociações, propostas de adiamento. Elis, não. Quando resolvia, estava resolvido. Para o bem ou para o mal, tanto fazia. Por amor a um moleque irresponsável, deixou o marido, os dois filhos. Por minha causa, que não soube amá-la como se deve amar uma mulher verdadeira. Depois, assim como quem programa uma mudança de endereço e, de certa forma, era isso mesmo, ela deu início ao processo com uma ampla e irrestrita faxina. Interna e externa, sendo a última mais visível. Causando espanto à família, que não estava nessa de desapego material, Elis começou a doar tudo o que ela sentia como seu e que os filhos e noras, herdeiros naturais, reivindicavam para si. Distribuiu os vestidos de grife, as joias novas e as de família, os móveis da casa. Objetos decorativos comprados na Índia, na Indonésia. Na China. A primeira sapatilha de ponta, relíquia

guardada com carinho, foi disputada num leilão de objetos de famosos. Deixou apenas o estritamente necessário. Na parede solitária de uma sala de jantar, sem mesa nem cadeiras, ausências que obrigavam os comensais a fazer as refeições na cozinha, o relógio continuou dando conta do tempo. E, na sala de leitura, obras sem idade garantiam a perenidade das artes. E isso era tudo e era suficiente. Livre de móveis e de tapetes, o assoalho respirava seu brilho sossegado. No vazio trêmulo dos espaços livres, seres invisíveis, novos amigos de Elis, ensaiavam mirabolantes passos de dança. No centro, cada dia mais leve, mais etérea, ela, minha amada. Ainda me incomodam seus olhos perdidos em olheiras, fixos em lugares onde ninguém mais podia penetrar. Após meses e meses na prática do desaparego, Lis adquiriu consistência de pluma. Leve e solta, planava acima das questões familiares e sociais. Além de mim, do nosso amor. Isso só fui compreender bem depois, quando começou a me faltar a verdade das coisas. Então, meu egoísmo era grande demais para admitir seu desaparego. Teve certeza do voo. Estava pronta para dar início à segunda fase de seu intento, agora mais rápido, menos complicado. Sem titubeio, minha deusa contratou um câncer radical, daqueles rebeldes a qualquer tratamento. Competente, em poucos meses, a doença deu cabo à empreitada. Calada e afável, fez tudo na mais absoluta surdina, sem alterar o ritmo sossegado de seus passos, a respiração calma, até o último fiapo. A família e os amigos foram pegos de surpresa. Eu fui pego, porque os olhos cavos da morte são evidências que preferimos ignorar até mesmo nos outros.

Quantos indivíduos uma carcaça comporta, hein, Brás? Um, um milhão, dez milhões, hein, Brás? Quantos

disfarces nossos armários interiores conseguem armazenar? Por trás da aparente tranquilidade de Elis, grassava uma imensa insatisfação, inquietude ignorada por todos, por mim principalmente, cuja obrigação era conhecer o mais íntimo de seus pensamentos. Aconteceu à mesa, no almoço de domingo, no Clube Campestre, quando, para desgosto geral, um de meus sobrinhos começou a cuspir a gororoba, mistura de peixe com espinafre, que sua mãe lhe enfiava goela abaixo. Naquele momento de desordem extrema, de repente a voz de Lis sobrepôs-se às demais, dando vazão à mágoa cuidadosamente escondida:

Deixe o pirralho ser criança, gente! Se toda sujeira do mundo fosse dessa natureza, nossa existência estaria justificada. Olha pra ele! Um dementezinho lindo, poderoso, empanturrado de direitos, de regalias que os grandes, coitados, nem em sonho podem desfrutar. As crianças, sim, podem tudo. Nelas até a insanidade fica engraçadinha, não é mesmo?

Insanidade, que é isso, Elis? Você não acha o termo um tanto pesado?, estrilou a mãe do pirralho.

Demência, sim senhora, quem não tem consciência dos próprios atos é o quê? Insano. Mas no caso dos pequenos, figurinhas cativantes, a alienação, além de ser permitida, ainda provoca admiração. Portanto, esteja tranquila, minha amiga, ninguém vai censurar sua criança. Os adolescentes também podem se armar contra tudo e todos. Sua rebeldia tem razão de ser, está justificada. Vai para a conta dos hormônios. Quanto ao adulto, embora esteja sujeito a leves reprimendas, merece respeito, mesmo porque é o único a arcar com as contas, a garantir a sobrevivência dos que estão nas extremidades. Criticar o

mantenedor é cometer suicídio, não é mesmo? E o velho, quais são suas regalias? O que vocês me dizem da situação dos velhos, hein? Quais as suas prerrogativas, os direitos? O privilégio de ser criticado, reprimido, repudiado? O velho é ultrapassado; um incapaz, um inútil que perdeu o direito ao amor. Ao sexo. Absolutamente desnecessário no mundo atual, cada vez mais envolvido com a estética. A perfeição. Perfeição! É inacreditável que até hoje cientistas e filósofos ainda perdem tempo trabalhando exaustivamente na busca da simetria perfeita. Por outro lado, no mundo inteiro, religiões as mais variadas tentam nos reconectar com a perfeição divina, perdida por obra e graça de uma certa maçã. Até Ele? Quanto mais vivemos, mais distantes vamos ficando do ideal de perfeição cobrado por Deus e pelos homens. Somos imperfeitos, em espírito e corpo, mas e daí? Que que há de errado com a imperfeição? Qual o problema se com o tempo nos surgem borrões na pele, manchas horrorosas, rugas profundas, cabelos brancos? Se nosso andar já não é tão firme e elegante? Que se dane a elegância, porra!

Olhávamos uns aos outros completamente bestificados. Lá fora, um sol descaradamente amarelo afirmava a vida, anulando qualquer tentativa de descrença. De questionamentos sérios. O domingo pedia cerveja, praia, beira de piscina. Anedotas e risadas alegres. Por que não rir dos disparates que ela dizia?

E não façam cara de dúvida, continuou Elis, estou dizendo a mais pura verdade. O pecado maior do velho, o imperdoável, é a feiura. A deformidade dos velhos agride os jovens.

Que é isso, cunhada? Afinal de contas a quem você defende com tamanha veemência se aqui somos todos jovens? Ainda se você fosse velha, alguém protestou sem muita convicção, talvez pensando nos quase dezoito anos que separavam nossas certidões de nascimento.

É isso mesmo, o velho é um borrão na estética do mundo. A gradual e inevitável degeneração do idoso constitui séria ameaça ao jovem. Ela desafia a sociedade de consumo, desmente a infalibilidade dos cosméticos e de outras porcarias espalhafatosamente anunciadas pelos vendedores de ilusão. O velho pode e deve ser criticado, espezinhado e anulado até o ponto de aniquilamento total.

À mesa, os garfos ficaram momentaneamente paralisados. Para terminar o discurso, Lis falou com suavidade, porém com firmeza: eu recuso o papel de caricatura, não aceito ser ridicularizada. Assim sendo, não vou esperar que me atirem porcarias nas fuças nem que me chutem o traseiro.

De repente, o sol escondeu-se atrás de uma nuvem não muito grossa, nuvem passageira. Em meio à algazarra do almoço, o desabafo de Lis, a mais poderosa dentre todas as mulheres à mesa, soou estranho, inadequado, sem, no entanto, causar preocupações. Pensamos que sua reação não passasse de um daqueles chiliques próprio dos artistas, seres exagerados na maneira de sentir, dados a abraçar causas alheias. Nosso erro foi não ter levado em consideração a consistência do barro que moldava o perfil suave de Elis, termos ignorado que ela jamais se sujeitaria à condição de chantagista.

Por outro lado, o equívoco pode ter sido bilateral. Erros, todos cometem. O de Elis talvez tenha sido a

precipitação. Custava esperar, dar crédito à ciência que vem trabalhando com afincos na peleja para erradicar os inadmissíveis sintomas da velhice? Anunciaram (anunciar é fácil) que, finalmente, o milagre aconteceu. Pesquisando em águas profundas, descobriram a mina, ou seja, o funcionamento dos canais de irrigação, batizados por seu descobridor com o estranho nome de aquaporina, e que promete o espantoso milagre da aparência de 20 anos para peles de 90. Custava ter esperado, Lis, flor de minha vida?

O sentido daquele encontro ele só vai entender no final deste relato. E, por tabela, você.

O escritor (era um escritor) não sabia exatamente a data em que sua apressada amante tinha dado início ao processo de se morrer. Mas desconfiava que, então, ele vivia empanturrado de ilusões, de certezas. Compareceu ao enterro. E ficou chocado. Ver-se rodeado da morte, ele, uma poça de vida, foi de uma brutalidade sem par. Pisar pela primeira vez o chão santo dos cemitérios, onde tudo é explícito e irrevogável: o espetáculo de rostos e corpos engolidos pela terra, rostos que, um dia, tiveram o frescor das manhãs; o peso da terra sobre mandíbulas cerradas exibindo sorrisos dentuços a escancarar aos vivos a solidão dos esquifes; a perenidade da noite sem o consolo do amanhecer. O acúmulo de tantas afirmativas souou forte, com a estridência de um alarme disparado. O evento, um quase espetáculo classificado por ele como macabro, tinha o som áspero de um tapa na cara do sol, que, radiante, dava cobertura ao rapaz, aplaudia sua desmedida confiança em si mesmo, na vida.

Com o intuito de esquivar-se da estranha despedida, de evitar a cena de sua amante puxada para o interior

infinito da morte, o rosto expressivo de sua Elis engolido pela voracidade da terra, o início de um desespero que ele não conseguia controlar, tinha resolvido passear por ali. Numa casa muro a muro com o cemitério, alguém cantava uma canção alegre; em outra, mais longe, cães protestavam com vozes esganiçadas. O mundo, indiferente às razões que dilapidavam o ânimo do jovem, prosseguia. Voltou, quase correndo, atropelando tumbas, derrubando inocentes vasos de flores. Numa lápide de mármore escuro, sob o retrato de um grandalhão, o aprendiz de escritor leu e se horrorizou: “Ontem eu fui quem tu és. Amanhã serás tu quem eu sou”. Humor negro da pior qualidade!, rosnou raivoso.

Agora ele sabia, todos acabam sabendo, uns cedo, outros tarde: 2 de fevereiro de 2009. Aquela data marcava o início de seu processo. O início da travessia sem volta, onde o negro predomina e não acaba na aurora de um novo dia. Indolor ou doloroso? Como é que ele sabia do processo? Pela cor. Ou pela ausência dela. De repente, não existia mais o consolo do verde, do vermelho, do azul. Do amarelo. De repente, tudo se vestia de cinza escuro, como se veste a eternidade dos dias aprisionados na mesmice dos esquifes. De repente, o desespero. O desespero de ser corpo sem o ânimo da carne, o vazio do pensamento, sem a vontade de pensar, de dizer. Tão natural assim a face da morte? Basta a perda das certezas, da crença no próximo, em si? Quem era ele, afinal? Uma caricatura daquilo que acreditava estar sendo, que prometera ser? Um animal pensante ou um capacho macio, próprio para a indiferença dos sapatos? Qual o poder de sua caneta?

Seu poder como cidadão? Onde a confiança de antes, o peito estufado em convicções?

Admirava-se de uma simples notícia ser capaz de causar tamanho estrago. Apesar do seu teor catastrófico. Não era a primeira, nem seria a última. Outras viriam: roubo, suborno. Corrupção. Todas sem provocar revolta na população. Palermas anestesiados! Apalpou com mãos medrosas o ontem sem encontrar nele a firmeza do agora; resvalou, isto sim, na ausência do amanhã. Tateava no escuro, na busca desesperada da antiga capacidade de se indignar. Massageava a mente, devagar, implorando: aflora, aflora, vontade! Porém (a vida é cheia deles, de poréns), sua indignação tão apropriada não teve resultado prático por tratar-se de revolta solitária. As revoluções, como sabem os líderes, precisam do eco das multidões. Quando solitária, a revolta veste-se de novo caráter: leva o indivíduo à solidão, que é a loucura em estado puro. E, no caso particular do escritor, a indignação poderia ser, em si, um fim, caso ele atingisse o extremo de atirar uma bomba sobre o Congresso Nacional durante uma daquelas sessões concorridas em que se votam matérias de interesse dos próprios votantes. É ideia absurda, maluca ou nem tanto? Ele sabia da possibilidade. Bastava dedicar-se com afincos à empreitada para obter sucesso tanto na limpeza quanto na condenação. A dele, claro! Como não era bandido assíduo e recorrente, o afoito escritor seria preso, julgado e condenado. E a coisa acabaria de bom tamanho, uma vez que no cárcere havia a possibilidade de ele encontrar companheiros de índole superior aos que aqui vivem comendo e bebendo a liberdade. Os cidadãos do lado de cá, empanturrados de si mesmos,

satisfeitos com a bagatela de, vez por outra, encontrar o próprio retrato estampado no jornal, seja por razões nobres ou escusas, desconhecem seu próprio tamanho. A insignificância. Entretanto, dois fatos seguram a bomba na mão do escritor: primeiro, a meia dúzia de inocentes que tentam em vão fazer a faxina da Casa; segundo, o respeito aos pulmões da humanidade. Tamanha podridão atirada ao mesmo tempo no espaço, cara, era bem capaz de estourar para sempre os já desgastados pulmões do planeta.

Assim, em meio à saraivada de denúncias que sucedeu à eleição da presidência do Senado, denúncias que naturalmente não levaram o honorável bigodudo para o lugar aonde um humilde furto de bananas levaria qualquer um de nós, ele, o escritor, como todos os brasileiros que têm vergonha na cara, teve ganas de rasgar a carteira de identidade, mas, como o resto da população, permaneceu de braços cruzados.

Por mais precária que seja uma situação, sempre aparece um salvador da pátria. A grande maioria dos salvadores de pátria aposta nas viagens como meio infalível de cura, principalmente se a doença for de ordem coronária ou ideológica. Aniquilado e triste, o escritor tramitava entre a culpa e a indignação quando Brás, o amigo que fizera acordo de paz com o mundo, consigo mesmo e que não via motivo para passar mais de uma semana no mesmo lugar, convidou-o para uma aventura meio maluca.

Edinburg International Festival?

Ou Festival Fringe de agosto, acho que dá no mesmo. Quem já assistiu garante que é o maior barato. Vamos nessa, amigo?

Sei como são esses festivais: música clássica, teatro, ópera, tudo numa miscelânea de línguas para poliglota nenhum botar defeito. Somos mesmo muito eruditos...

Companheiro, eu só quero sentir o clima, entrar no clima, entendeu? Se der para pescar mais alguma coisa, tanto melhor, se não, deixa pra lá.

Clima, que clima? Todo mundo sabe que a região é fria pra capeta, ninguém precisa ir lá pra comprovar.

Não se faça de besta, camarada, estou falando de outra espécie de clima.

Que que você espera encontrar na Escócia? O patriotismo desmedido de William Wallace? Quer aprender com ele o jeito de salvar um povo da autodegradação? Não tenho grana nem disposição pra viajar pra nada. É tarde, não há exemplo nem filosofia que possa recuperar este país de gatunos. A vaca já foi pro brejo.

Sem essa, amigo, vai requerer para si o privilégio da culpa, vai? A realidade é o caos, camarada, em todos os sentidos, até no físico ela é muito mais feia do que os sábios de antigamente imaginavam. Até os cientistas, não que eu lhes dê tanto crédito assim, já estão aceitando essa condição. O mundo é uma incógnita, Will, uma esfinge confusa, indecifrável e, quanto à velha e boa culpa, essa nunca foi mérito de um só, a culpa é democrática, é herança de todos, é questão a ser repartida, distribuída. Todo acontecido termina em passado: hoje é assim, amanhã, quem sabe? Só não podemos desperdiçar o nosso agora, que é único, irrepetível. Que que você esperava? Todo mundo sabia que o Honorável seria eleito. O mundo é o que é. Agora, a vida é o seu pensamento, a vontade. Pensa grande, meu amigo, pensa colorido. A ciência tá para

garantir o poder do pensamento, da vontade verdadeira. Quer outra alternativa? Não pensar. Por mim, prefiro a segunda opção: quem pensa acaba se entristecendo. Pensamento e tristeza caminham juntos, ali, lado a lado, um alimentando o outro. Eu, hein, quero lá saber de malandros e malandragens?! Foi o tempo em que eu metia a mão na massa e acabava de cara quebrada. Agora, espero acontecer. Deve haver um jeito de levar essa gente ao tribunal. Há de haver. Quando, onde? Não sei, nem me interessa. Que se danem! Você mencionou um cara peitudo, uma figura que merecia ser copiada: William Wallace. Cá pra nós, o Brasil tá carecendo de mártires tutanudos feito aquele, não tá? Os poucos que a gente possuía, uns fracoides inventados, laranjas arrebanhados na última hora, perderam a validade, viraram retratos de museus, presenças amareladas pelo tempo. O escocês, não, aquele continua firme sobre seu pedestal gigante. Cara peitudo, morreu de cabeça erguida, defendendo sua causa, a causa de sua gente. Taí um bom jeito de dar uma ajudazinha ao mundo e, de lambuja, escapar do tédio que a vida é. Os ingleses renegam o homem, dizem que ele não passava de um aventureiro, um mulherengo bebedor de uísque. Para outros, William Wallace é lenda. Seja lá o que tenha sido o escocês em questão, uma coisa é certa: toda nação precisa do exemplo de seus heróis. Aqui no nosso torrãozinho, a coisa anda braba. Muitas vezes me bate uma saudade danada daquele patriotismo que estufava a camisa dos subnutridos nos bancos das escolas públicas. Tá faltando liderança, tá faltando um cara peitudo pra enfrentar a gatunagem, a bandidagem. Tá faltando vergonha na cara de quem vota.

Mas como nenhum de nós tem disposição para oferecer a própria pele em troca da moralização, vamos ficando na amenidade, vamos meter o pé na estrada e conhecer esse mundo destrambelhado enquanto ele ainda se aguenta em pé. Quanto às despesas da viagem, deixe comigo, companheiro, dos meios eu me encarrego, prepara apenas o espírito. Alto astral, menino, o resto se ajeta no tempo certo. É bem possível que eu não consiga acomodações no Balmoral, seja no castelo ou no hotel, mas algum jeito sempre se dá. Se os Honoráveis conseguem tudo, absolutamente tudo, alguma lambuja há de nos sobrar... Ah! falando nisso, já tenho até o tal Passe de Edimburgo que proporciona ao turista um bocado de vantagens, como entrada grátis nas principais atrações da cidade, essas coisas.

Você não está entendendo, Brás, eu não tenho dinheiro nem para as passagens quanto mais para hospedagem. Hotel pago em euro. Francamente, seu otimismo vai além do permitido!

Tô te falando, Will, eu financio a viagem, quando você puder me pagar, paga. As passagens já estão garantidas.

Peraí, não vai me dizer que você também está metido com a corriola das passagens aéreas!

Que é isso, amigo, na escola andei padecendo com algumas epidemias, como a de piolhos, de sarampo, mas sarna eu nunca peguei. Que bandalheira, hein? Que família! Cinquenta décadas de pilantragem, quatro gerações de pilantras, é sarna da braba, não tem cura não, camarada, passou da hora. De minha parte, eu já entreguei pra Deus, Ele que conserte se for capaz. Não vou cair em depressão por causa da safadeza nacional, desperdiçar meu tempo

com causas perdidas. Um dia, a gente pede um tsunâmi gigante emprestado a um desses países fodidos e acaba de vez com a palhaçada.

Fala sério, Brás, não te incomoda assistir passivamente ao enterro da ética, ver seus filhos crescendo na mentira, aceitando, vivendo nela, alheios aos valores que devem credenciar um povo? A mim incomoda. Infelizmente incomoda. Até gostaria de ter amor à pilantragem, apego ao alheio, acontece que não tenho. Não suporto mais ficar de braços cruzados enquanto a humanidade caminha na contramão da lógica. Descrer dos outros, ainda vá lá, mas duvidar de si mesmo está acima do suportável, significa a grande perda, a total.

Você não está totalmente fora. O simples fato de não concordar já te deixa no lucro. Mas olha, tô te falando, amigo, fecha os olhos, tranca os ouvidos. Ganha quem se aliena ou faz bom uso do pensamento. Pensa positivo e bola pra frente, camarada! A velha Edimburgo nos espera, urru!

O escritor vasculhou a memória e, lá bem no fundo de uma sala estagnada no gosto pela decoreba, encontrou uns lampejos de informações sobre a gélida e brumosa Escócia, país pouco visitado pelos brasileiros. Em primeiro plano, viu homens de bochechas vermelhas usando saiotes pregueados e marchando muito tesos ao som de gaitas de fole. Em seguida, uma avalanche de rótulos de uísque. O resto foi aprendendo, ao vivo e em cores, assim, meio aos trambolhões.

Realmente, Brás tinha dinheiro para comprar as passagens... de ida.

Pouco antes da saída para o aeroporto, houve um pequeno entrevero entre os companheiros de viagem.

Sua mala é grande?

Mala, como assim?

Mala, Brás, aquele trambolho sobre rodinhas que todo mundo arrasta nos aeroportos.

Não, amigo, eu não tenho mala e acho melhor você também não levar.

E onde coloco minhas cuecas? Dentro da meia?

Leva uma mochila média, não muito pesada.

Mochila?! Cê tá brincando! Passei da idade de usar mochilas, faz é tempo.

E você acha que alguém vai perguntar sua idade?

Não interessa, minha coluna sabe muito bem a idade que eu tenho.

Tá bom, leva o que você quiser, depois não vá dizer que eu não avisei!

Chegada a Edimburgo

Aconteceu no aeroporto da capital escocesa, numa fila quilométrica à espera de um táxi. Ali, tarde demais, começou o despertar do escritor para a irresponsabilidade, o amadorismo de seu financiador e companheiro de viagem.

Atordoados eles, atordoados os outros. Atordoamento geral. No aeroporto, os viajantes foram recebidos por uma avalanche humana, gigantesca confluência de águas, massa indefinida, disforme. Homens. Mulheres. Difusas e indecifráveis imagens, o começo de um entrelaçado ao fim do outro. O ar era uma sinfonia confusa. Germinada no asfalto, a miscelânea de sons: vozes humanas e de instru-

mentos, ranger de pneus, aplausos bailavam em torno da cabeça da multidão, rodopiavam indecisos e, finalmente, se perdiam ao longe num lamento surdo. Brás, um menino diante do primeiro par de patins de sua vida, berrava rente ao ouvido do escritor:

O Festival Fringe! Finalmente! Me belisca, companheiro, ainda não consigo acreditar! A maior frustração de minha vida foi perder o festival de Woodstock em 1969. Todo mundo numa boa, peladão, fumando seu baseado, lembra disso? Naquele tempo, eu era um pirralho, tenro demais pra uma aventura daquelas dimensões. Aniquilado pela frustração, jurei que um dia eu ia me chafurdar num festival de grande magnitude feito aquele. Agora, aqui estou! Olha pra isso, camarada, não é sensacional?

O escritor tentou impedir, mas era tarde. De repente, para seu espanto e de uns poucos que ainda tinham a retina limpa, viu seu amigo esparramado na plataforma do aeroporto, a cara fincada no cimento. Nas costas, a mochila, pêndulo endoidecido, subia e descia a cada beijo que Brás lascava no chão estrangeiro pisoteado pela multidão cosmopolita. Missão cumprida, o brasileiro levantou-se serelepe, no exato momento de embarcar no táxi. Ninguém parecia ter visto a cena, como se beijar chão de aeroporto fosse a coisa mais natural do mundo. O motorista, gordo e sorridente, perguntou pelo endereço num inglês impossível.

Endereço?, espantou-se Brás, Milha Real ou Princes Street, é isso.

Sim, mas onde, exatamente, *sir*?

Onde? Onde houver aglomeração, diversão.

E onde não há festa nesta cidade, *sir*?

Digamos... nas imediações do monumento a Scoot, por favor.

Espera aí, Brás, você não está pensando em mergulhar de cabeça nessa loucura toda sem antes dar entrada no hotel, está? A gente tem que se livrar das malas, deixar o passaporte em lugar seguro, essas coisas.

Claro que tô, companheiro, não foi pra isso que atravessamos o planeta? Hotel! Tô pouco me lixando pra acomodações.

Mas eu faço questão. Não vou pro meio desse furdunço todo de mala nas mãos.

Que foi que eu te falei? Falei pra você não trazer mala, não falei? Agora, aguenta! O negócio aqui é mochila, companheiro. Mochila é feito Bom Bril: é leve e tem mil e uma utilidades.

Tá, concordo, mas, de qualquer jeito, tem a questão das reservas, ou você pensa que eles vão ficar esperando pela nossa boa vontade, hein? Esses troços têm hora pra vencer. Chegou atrasado? Botam outro no seu lugar.

Tem tempo.

Tem não.

Quer saber a verdade? Não temos reservas porra nenhuma. Edimburgo inteira é nosso hotel, nossa casa. E que casa, companheiro: bonita, charmosa, alegre! Olha só pra esse espetáculo! Duas cidades numa só: a velha e a nova. Cansou de uma? Passa pra outra.

Não sobrou tempo para o protesto. O escritor nunca conseguiu entender como aquele motorista que falava um dialeto absurdo conseguiu levá-los ao coração da cidade sem atropelar os bêbados e as bêbadas que, de

copos nas mãos, riam alto e mijavam nas calçadas, sem a menor cerimônia.

O festival

Parece que todas as nações mandaram seus representantes, escolhidos entre os mais malucos do planeta. Aturdido, mal-humorado, o resmungão desceu do táxi e, usando a mala como escudo, enfrentou a multidão.

Edimburgo! Então, era aquilo: a Cidade Velha com suas ruelas empedradas, o Castelo Medieval e a elegante Cidade Nova. A combinação das duas facetas dá à cidade um caráter único: cinza na arquitetura, mas vibrante na pulsação. Vigiada pelo Castelo de Edimburgo, abraçada pelo verde e pelo azul, inflava o coração até de um descrente feito ele. Naquele momento, Edimburgo sediava todas as alucinações, permitindo qualquer fantasia: a dele incluía até uma mala amarrada ao peito. Para espanto próprio, o escritor percebeu que o clima mágico da Escócia penetrava em sua pele ressequida de descrença.

Os festivais têm a faculdade de nos transportar para dimensões outras, inimagináveis, inatingíveis. Despídos de nossas identidades caretas, somos, podemos, fazemos. Pouco importa a idade, transformar é a meta. E a solidariedade de momento campeia solta. Embriagados pela mistura fatal de álcool com manifestações artísticas, os dois amigos abriram suas comportas do pode-tudo. Outra característica dos festivais: a troca de e-mail e endereços que dificilmente serão acionados, mas que acontecem em todas as esquinas. Determinados a serem tão afáveis quanto os escoceses, eles entraram numa de *thanks* e *sorry*

acompanhados de sorrisos meio bestas e gestos largos de boa-vontade. Logo ficaram íntimos dos meninos de saio e xadrez e das gordinhas rosadas que bebem tão bem ou até melhor que os homens. O espanto maior ocorreu-lhes quando descobriram que, por baixo do *kilt* xadrez em tons de azul e roxo de James, o novo amigo íntimo, não havia nada, além, é claro, de seus documentos horrivelmente vermelhos. Toda vez que o irreverente James levantava seu saio, o sensível estômago do escritor dava pinotes de nojo. Se alguém perguntar aos dois brasileiros por algum espetáculo em especial, passariam o maior vexame. Tudo o que sabem é que a população inteira portava fantasias, ou parecia portar, de modo que não se sabia quem era ator e quem era espectador. No fundo, achavam que todos representavam.

A camponesa

No quarto ou quinto dia de orgias alcoólicas, Will acordou como vinha acontecendo todos os dias: pescoço duro, um horrendo torcicolo, a boca pastosa a exalar um forte bafo de uísque, porém mais sóbrio que nas manhãs anteriores. Não chovia naquele momento, o que era uma bênção. Entretanto, uma camada de névoa embrulhava a cidade. Olhado de baixo para cima, o escuro, complicado e gigantesco Castelo de Edimburgo parecia ainda mais espetacular. De repente, a visão. Debruçada sobre a mureta do pátio que antecede o castelo, uma camponesinha muito compenetrada olhava a cidade com indisfarçável ar de ternura. O delicado perfil da moça, tingido de nostalgia, fez o rapaz compreender que há belezas no mundo

para as quais não existem definições. De onde vinha a certeza ele não sabia, era, porém, inquestionável: aqui está uma mulher que se sabe e aceita a si própria sem questionamento, pensou. O jeito da mulher, mulher-menina, algo detectável, porém inominado, na serenidade de seu semblante, deu ao escritor a certeza de que sua sabedoria e conhecimento iam muito além do que ela via. Talvez repassasse seu texto, pensou. Talvez, a representação, para ser perfeita, exigisse do intérprete a total imersão na pele de seu personagem.

Era manhã sobre a cidade abraçada pela bruma. E, sendo manhã, ele, de mãos estendidas, agradeceu todas as crenças que as manhãs nos oferecem. Animado pela visão, embarcou no sonho de, sendo homem, ser filho no regaço morno da mulher que, depois de tantas tentativas frustradas, lhe acenava grandes possibilidades de uma comunhão verdadeira. Sempre teve uma quedinha pelas camponesas dos filmes de faroeste a que, na infância, assistia ao lado da mãe. Aquela era real e estava a poucos passos dele. Colocou um pouco de pasta de dente na ponta do dedo, simulou uma escovação e aproximou-se da donzela que, a princípio, o ignorou. Sem conseguir fechar a boca, ficou contemplando seu perfil suave, o nariz pequeno, ligeiramente arrebitado. O sulco fundo entre o nariz e os lábios rosados, um charme a mais.

De repente, ela o encarou de um jeito tão profundo que ele teve certeza de que a moça andou lendo seus pensamentos. Para disfarçar o embaraço, perguntou:

Que espetáculo você está fazendo?

Espetáculo?

É, espetáculo, peça teatral, sei lá, falou, tentando uma irreverência impossível. O papel é de camponesa, claro!

O que te leva a pensar que eu esteja representando?

E não está? Desculpe (lá vinha o *sorry* outra vez). A fantasia. Foi ela que me fez acreditar que você é atriz.

Ah! sim, a fantasia. E você não está fantasiado?

Eu? Não, de jeito nenhum!

Pensei que estivesse.

Pensou? É, quer dizer, de certa forma, estou. Todos nós usamos disfarces, não é mesmo? Eu, com minha mala atada ao corpo, a barba por fazer; você, com seu traje de época. Aliás, muito bonito, a estampa floral, a touca de piquê, isso te dá um ar assim meio angelical. Não, é sério, assim, em meio a essa bruma toda... Você parece personagem de romances de época. Posso ser franco?

Claro!

Posso mesmo?

Já disse que sim, não disse?

Então, lá vai. Eu sempre tive uma quedinha pelas camponesas. Uma mistura de fetiche, com ideal de mãe, mãe pura, de mãos calejadas, não sei explicar direito, mãe que faz sopa de legumes, que afaga os filhos, aquela coisa toda que não existe mais, sabe como é? Por favor, não ria de mim, estou sendo sincero pra burro, pela primeira vez, estou. Tem a cena de um filme que ficou aqui, oh!, na minha cabeça. É mais ou menos assim: do local não me recordo mais, pode até ser a Escócia ou a Irlanda. Madrugada. Distante, o sol tinge de rosa os campos gelados, cobertos de ovelhas brancas. Uma camponesinha de pele clara, linda de morrer, explorada pelo patrão, caminha pela pastagem orvalhada em passos apressados de quem cami-

nha sob um frio intenso. Tem o nariz e as mãos vermelhas, e de suas narinas saem dois fios de nuvens brancas. Abre com dificuldade a cancela do estábulo e, entre mugidos de protesto, amarra o bezerro na pata da mãe. Pega no armário de madeira o balde de metal e começa a ordenha. Mas o sono é tamanho que a garota acaba dormindo com a cabeça encostada no úbere da vaca. Tudo muito poético, porém triste. Cristalino e sujo pela falta de caráter do patrão. Fiquei com aquela visão sublime na cabeça e tenho a certeza de que só vou morrer em paz se conseguir dormir debaixo dos cobertores de uma camponesinha feito aquela. E agora, meu Deus, numa manhã brumosa, fria como a do filme, com propensão ao romantismo, encontro você! Não parece, assim, coisa premeditada?

De repente, parou assustado. Que tonto estava sendo, por certo a garota, uma artista bem-sucedida, moderna e livre, iria protestar, quem sabe, até lhe esmurrasse as fuças pela besteira que tinha deixado escapar. Sem perceber, começou a esmurrar a própria cabeça. Quando parou, ela continuava a olhar para ele, muito séria. Não viu no semblante suave da moça o mais leve sintoma de censura ou de deboche. Continuava com o mesmo ar tranquilo, a mesma segurança à qual homem nenhum seria capaz de resistir. No fundo azul escuro de seus olhos, viu compreensão e quase ternura. Ou apenas via aquilo que desejava ver? Que precisava ver? Não, era ternura mesmo. Então, rezou com todas as forças para que aquele sentimento dissesse respeito apenas a ele, que não fosse um tratamento universal.

A brisa que começava a dispersar a névoa matinal levantou os cabelos claros e volumosos da garota, deixou

à mostra seu pescoço longo e, certamente, macio. Começou a sentir câibras na ponta dos dedos: aquilo era um convite explícito à carícia. Era quase doloroso sentir-se em tão grande estado de excitação. De súbito, percebeu que a desconhecida entendia seu inglês de sala de aula, e desandou a falar.

Falou de seus três casamentos naufragados. Dos filhos que quase não via e que, nos raros encontros, demonstravam claramente não ligar a mínima para o pai; o Jeremias e o Jônatas, ambos viciados em jogos eletrônicos (do uso de maconha, apenas desconfiava), egoístas e meio mudos, falavam por gestos vagos, imprecisos. De Sula e de Marla, garotas impossíveis, criadas à imagem e semelhança da mãe. Falou, é claro, das mulheres, criaturas egoístas, que só pensam em si mesmas, na carreira, na manutenção da beleza, que só chegam em casa depois do Jornal Nacional e, se o marido, já meio esmorecido de fome, cai na besteira de perguntar, assim, de leve, pelo jantar, ofendidas e injuriadas, dizem que a casa é obrigação dos dois, que os filhos precisam praticar a independência desde cedo, sob o risco de se tornarem adultos incapazes. A pior doença que o ser humano pode contrair é a incapacidade de romper a barreira da competição que hoje engole os fracos, só os fortes e espertos têm vez no mercado de trabalho. Que o mercado exige isso e aquilo. Meu Deus, como as mulheres gostam do mercado de trabalho! Falam e falam em sucesso profissional como se o mundo todo fosse um canteiro de obras. Nem mesmo os insultos as mulheres dispensam: olha pra você, um fracassado, só porque resolveu apostar na carreira errada; estamos vivendo a era do concreto, do objetivo. Cai na real, Will!

É assim que elas tratam os maridos, falou ofegante dessa vez, menos arrependido, mais despreocupado com a opinião da moça. Nada de beijinhos, continuou, de drinques no sofá macio, de chinelos e massagens nos pés do coitado que deu duro o dia inteiro. Nada disso. Depois do discurso pesado, a mulher vai para o quarto conferir as comprinhas do dia. E o infeliz, para não morrer de fome nem ser acusado de pai irresponsável, vai pra cozinha preparar um sanduíche de atum com pão integral. Falou também, é claro, desse mundo maluco que rouba a inspiração de qualquer escritor, seja ele talentoso como o Brás, que, de barriga para cima, cabeça amparada pela mochila, roncava de boca aberta, ou medíocre feito ele. Falou ainda do aquecimento global, fenômeno absurdo (responsável ou não pelas grandes tragédias que apavoram o mundo, quem há de saber?), da corrupção na política, das drogas que estão destruindo mentes brilhantes, outras nem tanto, essas coisinhas básicas.

Parou, de repente, agora arrependido, de verdade, de seu falatório inconveniente, que poderia destruir qualquer chance sua com a menina. Mas a moça era mesmo diferente de quantas ele havia conhecido. E olhe que eram muitas. Meio dissimulado, olhou para ver se a desconhecida não tinha alguma espécie de rabo ou coisa semelhante. Que era diferente, era. Um espanto! Percebeu que ela sabia ouvir; era atenta e compreensiva. Sob a touca de camponesa, seu rosto meigo tinha um ar lindamente enternecido, tão doce que, não fosse pelo hálito podre de quem acaba de acordar, teria agarrado a garota num abraço longo, o suficiente para sufocar sua carência crônica de doçura feminina.

O escritor estava no impasse agarro, não agarro, quando um ronco mais forte despertou o próprio ronca-dor, e um Brás ainda sonolento gritou pelo amigo. Antes de ir ao encontro do companheiro, tentou trocar com a garota seus endereços eletrônicos. Meio espantada, ela disse que morava em Stonehaven, mas que poderia ser encontrada no Dunnottar Castle, distante alguns quilômetros da cidadezinha.

Quando?, perguntou ansioso, anotando mentalmente o nome do lugar.

Quando você quiser. Estou sempre lá.

Acostumado à garantia dos endereços anotados no celular, que não falham nunca, o escritor sentia-se perdido em meio à informação imprecisa da moça.

Um segundo depois, como um fantasma lindo, sua musa tinha desaparecido na bruma ébria da cidade. E, enquanto Brás o arrastava para mais uma refeição, percebeu que a ausência repentina da camponesa cavava no mundo um abismo, um poço fundo de dimensões incalculáveis. Pôs-se a caminhar ao lado do amigo, como um sonâmbulo, e a primeira e única refeição do dia foi um verdadeiro desastre. Não podiam conviver com o luxo de um café da manhã completo. Não, seria uma decisão suicida, de preço altíssimo. Imagine diminuir a idade do uísque de malte, que eles ingeriam a partir das dezessete horas até ao amanhecer! Tratou, portanto, de engolir, às pressas, sua porção de *haggis* e tentou se distrair com as histórias do companheiro de viagem. De tanto comer entranhas de vitela, somado à falta de banho, começava a se sentir um verdadeiro abutre. Naquele momento, não sabia qual era mais indigesto: o picadinho das entranhas de uma pobre e

inocente vitela ou as fanfarrônicas de seu companheiro de viagem. Começava a se cansar da companhia do escritor, bom sujeito, mas um fanfarrão da pior qualidade.

Que mulher, companheiro, assim meio ossuda, falta mais gordura nos pontos estratégicos, mas, na hora do vamos ver, que que é aquilo, cara?! A mulher vira fogo, labareda pura. Se eu não tomo cuidado, ela me engole os bagos, o corpo inteiro. Paixão à primeira vista, irmão. Assim que a vi, com aquela chama de cabelos exposta ao vento, eu soube. Capitulei. Reconheci que, se não conseguisse desbravar aquela floresta em tons outonais estaria irremediavelmente perdido, nunca mais ia conseguir uma trepada em regra.

An-hã, anuiu o amigo, distraído.

Peraí, cara, que que há com você? Eu falo de uma gata com tufo de fogo nos lugares certos e você nem aí? A mulher quase me come, me explode o caralho, me devora os cornos e você nem aí?

Tá bom, faça a maior questão de conhecer sua deusa ruiva. Cadê a mulher?

A mulher? Que mulher?

A rainha do fogo, ora!

Sei lá. Cumpriu seu papel e lá se foi, engolida pela turba.

Marcou novo encontro, deixou endereço?

Endereço? Pra quê?

Pra quê? Como pra quê? Você não acaba de dizer que está bestamente apaixonado por ela?

Apaixonado... Quer dizer, depende do ponto de vista. Estou apaixonado pelos momentos que vivemos juntos, pelo que fomos um para o outro.

Pois a minha deixou endereço. Você é a primeira pessoa a saber, Brás: encontrei a mulher de minha vida, o escritor falou dramático, porém, convicto.

Mulher da tua vida? Todas elas são nossas, cara, todas nos pertencem, pertenceram ou irão pertencer. Não tem essa ou aquela.

Não, amigo, essa é diferente.

Epa! Não tô gostando do tom de tua voz, não tô mesmo. Cadê aquele camarada que prometeu solenemente a si mesmo e a mim nunca mais se enrolar com mulher, hein? Mulher é pura encrenca, irmão, você sabe disso.

Essa é diferente.

Estamos feitos! É assim que a coisa começa. Escuta aqui, companheiro: você já bebeu hoje?

Nada, nem um gole.

Eta, então, é doença grave! Vem cá, presta atenção, Will: pensa na Renata com seu cabelo de gema, a raiz preta, pensa nas exigências descabidas, nos micos que ela te fazia pagar. Concentra na falta de tempo dela até para te dar um beijinho de raspão. Seu autoritarismo de feminista de carteirinha. Depois, pensa na Soraya e seu emprego de 24 horas. Na Eliete, que exige uma pensão descabida. É assim que elas agem, que elas são. Todas elas, não há exceção: mandonas, gananciosas, calculistas. Frias. Todas elas, sem exceção, viu? Pensa nisso antes de se envolver seriamente. Essa que você acaba de encontrar, nem me fale, é um perigo, é nitroglicerina pura. Com aquele arzinho de santa de antigamente, até disfarce a megera usa.

Alto lá, Brás! Você está falando da minha amada musa. Da mulher de minha vida. Por acaso você não vem se envolvendo com alguém, noite após noite?

Sim, todas as noites, mas com uma diferente, por mera diversão. Envolvimento bom, que deixa saudade, não pode durar além de uma noite.

Estou muito velho pra jogos amorosos, amigo, estou cansado de mulheres fúteis, de relacionamentos casuais. Agora é pra valer.

Meu Deus do céu, onde fui meter meu caralho?

Robert Douglas

Quando o festival acabou, os dois brasileiros tinham um chumaço de endereços deste tamanho e toneladas de divergências. Brás, influenciado por Robert Douglas, metalúrgico apaixonado pela literatura escocesa, principalmente por Robert Burns, e com umas poucas e equivocadas informações sobre a literatura brasileira, queria ir para Glasgow, enquanto o escritor ardia de desejo de alcançar Stonehaven, à beira do Mar do Norte e, no Dunnottar Castle, encontrar sua amada camponesinha. Grandes transformações vinham ocorrendo. A essas alturas, o viajante tinha perdido o amor à sua mala, companheira de sarjeta, travesseiro em madrugadas dormidas ao relento. Meio choroso, tinha se despedido dela em plena Milha Real, quando, encharcado até a medula, deixava a Experiência Uísque Escocês. Descobriu que, apesar da convivência diária, da proximidade tão grande, podia muito bem viver sem tantos e tão pesados acessórios. Agora, os poucos pertences que lhe restavam cabiam folgados nos bolsos da jaqueta e das calças frouxas.

Robert Douglas tinha se tornado companheiro inseparável dos brasileiros a partir do quarto dia deles em

Edimburgo. O cara era genro de um venezuelano residente em Glasgow, centro industrial nas Lowlands e sabia da América Latina mais do que Brás e seu companheiro juntos. Sabia da música brasileira, da vocação de nossos dirigentes para a corrupção, de nosso atraso endêmico, da péssima qualidade de nosso ensino e até do individualismo do Lula, questão pouco comentada lá fora. É verdade que, quando o assunto era literatura brasileira, ele cometia erros graves. Mas isso é normal, já estamos acostumados. Falava espanhol tão bem quanto inglês e dizia que, se não fosse escocês, queria ser brasileiro, por causa das mulheres, criaturas cheias de atributos (dizia malicioso e enchia as mãos com a própria bunda).

Robert Douglas abordou os dois amigos num barzinho apinhado de estrangeiros nas proximidades do Scottish Parliament. Na noite em que o metalúrgico se grudou neles, o homem usava um conjunto tipicamente escocês: sapatos especiais, meiões, gravata borboleta, paletó e um kilt. Era madrugada. Na rua, todo mundo caindo de bêbado e o inconveniente seguindo os brasileiros pra tudo que era lado. Will deu um jeito de segredar no ouvido de Brás:

Não tô gostando nada desse sujeito grudado nos nossos calcanhares. Que será que ele viu nas nossas caras, hein? Se está atrás de uma bunda pra se aquecer, bateu em porta errada.

Para com isso, camarada, o sujeito é boa-praça, tá vestido desse jeito porque acaba de sair de um jantar formal no Palace of Holyrood House, a residência oficial da rainha aqui na Escócia. Parece que veio representando a empresa onde trabalha.

Quem te disse?

Ele, ainda há pouco. O figurão é fissurado no Brasil, escutou nossa conversa, viu que a gente é de lá, ficou curioso. Tem gente assim, que se aproveita dos turistas para aprender sobre outros povos. Sai de graça.

Sei não...

Fica frio, camarada.

Ficou. O escocês era discreto, educado, não se drogava, não pegava mulher. Porém, media suas doses de uísque em tempo: de duas em duas horas, consumia uma loura de 18 anos. Sua marca preferida o Chivas Regal, ao qual adicionava água em uma relação de duas doses de uísque para uma de água. Alto executivo de uma empresa petrolífera em Aberdeen, parece que era hóspede frequente da Linn House, onde os Chivas recebem seus convidados especiais.

Que que um tipo tão requintado podia querer com dois mortos de fome feito eles? Isso os brasileiros perguntavam o tempo todo e você também deve estar perguntando. Acabaram se contentando com uma resposta simplista: somos um povo exótico e nosso exotismo desperta a curiosidade do mundo, só isso. Cobiaias ou não, acabaram se dando bem. No final, ficou resolvido que Brás iria de trem para Glasgow, como hóspede do sogro de Robert, e o escritor apaixonado iria com Robert Douglas para Aberdeen, cidade próxima a Stonehaven. Cinco dias depois, todos se encontrariam em Aberdeen, no endereço de Robert. O escritor anotou às pressas, na memória do celular: 4 Earispark Drive – Bielside AB15 9AH – Aberdeen – UK.

Pensa num homem feliz, realizado. Ele, na estação de trem, com uma passagem de ida e de volta no bolso, uns quinze *pounds*, se tanto, rumo a um castelo arruinado, ao encontro de uma mulher da qual nem mesmo o nome sabia.

Em Stonehaven, o viajante nem cogitou a possibilidade de tomar um táxi, mesmo porque havia sido aconselhado a percorrer a pé a distância entre a cidadezinha e as ruínas do castelo. Um verdadeiro cartão postal, diziam. A pressa, entretanto, vendou-lhe os olhos. Caminhando a passos largos, via apenas um rosto suave, emoldurado por uma touca branca, rosto que, para ele, representava tudo aquilo que vale a pena. Chegou sem pernas diante de uma placa verde, enorme: Dunnottar Castle. Varreu com os olhos a quietude dos arredores. À sua direita, sob um denso e escuro bloco de pedras, viu o que ainda existia da antiga fortaleza. Aninhadas sobre um promontório rochoso, ligado ao continente por uma estreita faixa de terra, as ruínas da fortaleza a desafiarem a ação do tempo e a disposição do turista. Uma quase ilha de pedras com protuberâncias e reentrâncias profundas. Horripilantes goelas invadidas pelo mar. Seu coração bateu alucinado. A proximidade da água arrepiou sua pele. Todavia, estranhou que a repentina sensação de frio viesse de dentro de si.

Súbito, o cenário mudou: o que seus olhos espantados viam era um imponente castelo apinhado de valerosos guerreiros na luta pela independência de sua pátria. Impulsionado pela coragem deles, preparou-se para ir ao encontro da mulher de sua vida. De uma construção pequena, pouco mais que uma guarita, saiu um homem com seu cão. O vigia, certamente. Por um momento, o

teto do céu esteve muito próximo da cabeça de Will e os limites do horizonte pareciam uma áspera camisa de força. Dissipada a impressão de que o guarda iria impedir seu ingresso na área do Dunnotar Castle, respirou aliviado. Cumprimentou o homem às pressas antes de atravessar o portão de madeira e, para espanto de um pequeno grupo de turistas, começou a correr. O escritor tinha pela frente um bom trecho de trilha vermelha e lamacenta. Corria sabendo que seus passos não eram seus, porque ninguém é dono dos próprios passos. Estava ali por imposição de uma miragem, em total submissão; reconhecia que a ninguém é dado saber o que está além da pedra, além da montanha: água que mata a sede ou a garganta seca do precipício? Pensou nos dois filhos. Nas duas filhas. Sentiu-se invadido pela mistura inconveniente de raiva e pena. Quanta ingenuidade! Quatro cambetas na equivocada decisão de seguirem os próprios passos, ignorando a ordem implacável das coisas. Ninguém é dono de seus passos, quanto mais dos passos alheios, gritou para o vento. Inútil, seu grito chocou-se com a impermeabilidade do bloco rochoso. Na bilheteria, avisaram-lhe que dispunha de pouco tempo para a visita ao castelo.

O senhor não gostaria de voltar amanhã?, perguntou a sorridente escocesa, que desconhecía sua urgência.

A resposta foi o som de suas botas sobre o piso de pedra que leva ao imenso pátio da fortaleza. Subiu com sofreguidão os degraus gastos pelas solas de gerações e mais gerações de sapatos. Apesar de ser um caminho relativamente largo, saber que estava ligado ao continente por apenas alguns metros de terra era meio assustador. Ao ser devolvido ao espaço aberto, parou indeciso. Sobre o

gramado muito verde de um pátio quadrado, o *quadrangle*, como dizia a placa, uma chuva fina e extremamente fria, para a época do ano, começou a cair. Turistas perambulavam de um cômodo a outro, filmando ou fotografando. Ele não dispunha de nenhum equipamento. De repente, não sabia o que fazer.

Só então se deu conta do absurdo da própria situação: encontrar alguém que tinha visto apenas uma vez, quase de raspão, de quem não sabia sequer o nome. Tudo aquilo era absurdo demais para ser real: ele, um escritor fracassado, com a roupa do corpo, dez pounds no bolso, sozinho nas ruínas de um castelo, em um país estrangeiro, atrás de uma miragem. Em breve, o local iria virar um breu e todo castelo que se preze tem seus fantasmas. Aquilo não fazia o menor sentido, não mesmo.

Entretanto, o mais remoto prenúncio de arrependimento seria absurdo, herege até. Estava ali, sob circunstâncias não explicadas, usufruindo da perfeição em estado bruto. Tinha a mais absoluta convicção de que, nem vivendo cem anos, voltaria ao estado de sublimação daquele momento. Tomado por súbito medo, respirou fundo tentando parecer um turista convencional.

Das ruínas da capela, ela veio ao seu encontro. Usava o mesmo traje de camponesa, porém, sem a touca. Esguia, muito alta, os cabelos longos e fartos respingados de chuva, o jeito calmo de ser: era a imagem da sedução. Inquieto, ele bebia cada detalhe, observando-a com a avidez de quem está prestes a viver o fim inevitável de um encantamento. Com a simplicidade de uma criança, ela pegou o rapaz pela mão. Nenhum dos dois percebia que estava chovendo.

Vem! Quero te mostrar a fortaleza.

Mas eu só vejo ruínas.

É cedo ainda para você. Podemos começar pelas cavalariças?

Tudo bem. Estou literalmente ao seu dispor, falou meio zombeteiro, para disfarçar a ansiedade.

Pela direita, então. Sente o cheiro dos cavalos?

Para ser honesto, não. Sinto seu perfume, que é único, inconfundível.

Meu perfume, e como ele é?

Predominantemente silvestre e assim meio adocicado. Como pano de fundo, sinto o cheiro áspero do mar, só isso.

As estrebarias, por razões óbvias, formavam um conjunto meio isolado, no fim do bloco onde se aninhava a fortaleza medieval em ruínas. A construção termina a poucos metros do fim do terreno rochoso. Era um fim abrupto, um corte reto rumo ao fundo do mar. O visitante sentiu-se ameaçado e atraído pela profundidade do abismo a seus pés, como se o abismo fosse coisa recente, não fizesse parte de sua vida desde o início, desde sempre. Como se não fosse ele sua própria voragem.

Ao lado do mirante em ruínas, parou confuso e extasiado. Tinha os olhos perdidos em indefinições. Acima da mal desenhada linha do horizonte, o céu flamejava em tons de coral. Feito uma donzela indefesa, a luz agonizava numa claridade suspensa sobre a quietude distante das ondas. E lá, muito longe, toneladas de águas engoliam o mundo, porque o mundo acabava na ilusão esmaecida de um azul indefinido, no horizonte incerto. Muito distante, viajando na velocidade da luz, teve tempo de chegar até

nós aquilo que se nos afigura como o nada que se inicia. De lá, o silêncio da paz nos acena em lonjuras indefinidas. Talvez seja ali o começo do reino divino. Talvez. O homem não tinha certeza. Tampouco precisava dela.

Águas geladas do nordeste da Escócia, país de contrastes: montes, vales, relevos. Abismos. Belo e misterioso como a escultura de uma mulher. Mulher(res). Dentre todas, o rosto suave, porém firme de Elis. De repente, ele soube: estrangeiro dentro de si, amargou o áspero arrepio, a convicção dolorida de nunca ter pertencido a nada, a ninguém. Estremecimento que a camponesa tratou de aquecer com o calor macio de sua presença. Mulher menina, mulher amante, mulher mãe. Mulher. Todas elas perdidas para ele, para si mesmas, minadas por dúvidas e divagações. Tempo perdido na pior espécie de escavação, aquela que não nos leva a coisa nenhuma por simplesmente não existir nada além da dor. Incertezas. Tudo esbarra no relativismo das questões, como o limite que nesse exato momento o desafia: onde exatamente termina o mar e começa o céu? O reinado de lá, quem nos pode garantir? E Ele, hein?

Sentiu no rosto nublado pelo início da noite o leve toque dos dedos da camponesa.

Vamos?

Aonde?

Aonde a brisa nos levar.

Será prudente confiar na brisa, encastelados como estamos em uma faixa tão estreita de rocha?

E quem aqui precisa da prudência? Acaso você duvida da perenidade das coisas? Olha para esses edifícios sobreviventes, grande parte deles são dos séculos 15, 16.

Mas uma importante fortaleza existiu aqui desde os tempos das trevas. Os livros contam muitas coisas, entretanto apenas uma filha antiga da Escócia, feito eu, conhece sua verdadeira história.

Antiga?

Por intermédio de meus antepassados, quero dizer.

Caminhavam de mãos dadas, como dois adolescentes apaixonados. Em frente ao que havia sobrado da capela, a camponesa parou e, pela primeira vez, ele sentiu na companheira uma distância que o deixou desnortado.

Durante o domínio inglês, muitas cerimônias de casamento eram realizadas em segredo para evitar que a noite de núpcias acabasse em degradação da noiva. Esta capela foi palco de algumas dessas cerimônias.

Eu conheço esse fato vergonhoso. Você sabe de alguém que tenha se casado aqui?

Talvez.

Como talvez?

Como afirmar sem correr o risco do erro? Mas vamos aos ambientes restantes antes que a noite nos engula.

Algum personagem da História escocesa?, insistiu o escritor.

Marion Braidfute, dizem, casou-se aqui.

Desculpe-me a ignorância, mas não faço a menor ideia de quem seja a criatura.

Eu já imaginava. Por mais verdadeira que seja uma história de amor, ela não é suficiente para que alguém, do sexo feminino principalmente, se torne conhecido.

Sinto muito, de verdade!

O nome do noivo talvez lhe diga alguma coisa: William Wallace. Satisfeito?

Sim, embora perceba que você sabe muito mais do que diz. O que é aquilo ali, cercado por grades de ferro?

É o poço. Quer ver de perto?

Uma chuvinha fina antecipava a chegada da noite que certamente seria escura e fria. No poço negro dos olhos do homem, o reflexo baço do dia que, pouco a pouco, se deixava morrer. E nos dela, claros e profundos, a certeza da luz além das trevas, porque aqueles olhos, ele teve certeza, guardavam toda a luz do mundo. O escritor mediu mentalmente a profundidade negra do poço, cujas águas paradas não indicavam caminho de entrada ou saída. Redondo e profundo, hermeticamente fechado em si mesmo. O poço.

Onde vai dar isso? Qual era a utilidade do poço?, perguntou intrigado.

Não tem como saber sem mergulhar.

A intenção dele era de riso, mas a moça permaneceu séria.

Mergulhar aí com um tempo desses, só alguém muito louco.

Quem sabe não somos loucos ou coisa pior, hein?

Posicionando-se frente a frente, os dois tinham a mesma altura e a fragilidade dela era apenas aparente. Enlaçou-o com seus braços finos, porém, firmes, enquanto os lábios ávidos do homem engoliam a suavidade calculada da moça. Não havia mais turistas ou funcionários. Ninguém. Com mãos sôfregas, livraram-se dos últimos vestígios de convenções. Tão nus e verdadeiros quanto o promontório rochoso que os abrigava, fizeram amor com a impetuosidade de apaixonados num reencontro no qual nem eles próprios ousavam acreditar. Era quase manhã

quando sentiram nos corpos nus a ausência absoluta de qualquer vestígio de peso. Não sentiam frio ou fome. Levitavam, conscientes da libertação.

Está pronto para o mergulho?

Você tem alguma dúvida?

Não, minha pergunta é um convite. É chegada a hora, vamos?

Naquele exato momento, em algum lugar do mundo, um pássaro aprisionado rompeu as grades de sua gaiola.

Glasgow

Em Glasgow, Brás quase caiu das pernas quando viu seu nome, em letras garrafais, erguido numa tabuleta de papelão. Tinha sido informado de que seria recebido pela esposa do sogro de Robert, venezuelana como o marido. Esperava uma senhora distinta, cinquentona ou sessentona. Estupefato, ele foi andando em direção à tabuleta, porque, afinal, lá estava escrito seu nome, e ele duvidava de que alguém no mundo, que não ele, tivesse aquele nome: Brasileiro Americano do Brasil. Parou meio indeciso e, no segundo imediato, sentiu um par de lábios macios e generosos lambuzando de batom vermelho suas bochechas meio flácidas.

Hablas espanhol?, perguntou a esfuziante criatura.

Não, ele não hablava porra nenhuma, o que o deixou em péssima situação.

Não tem problema, eu falo um poquito de português.

Com aquele corpo, aquela bunda, a mulher podia até se dar ao capricho de ser muda, surda, o que entendesse, ainda assim ele topava.

No dia seguinte, logo cedo, teve início a maratona de visita aos pontos turísticos e culturais de Glasgow, tour que durou a semana toda. Começaram pelo Museu da Gaita de Foles. A venezuelana, em respeito à idade das peças, falava baixinho, o mais próximo possível do ouvido de Brás (que não era Cubas). Depois, para descansar os olhos de tanta velharia, organizaram um demorado piquenique no Glasgow Green. Ao final da tarde, o sogro de Robert foi ao encontro da esposa e do escritor em um dos milhões de pubs que a cidade com maior número de diversão noturna na Escócia oferece. Em seguida, foram jantar num belo restaurante, onde embebedar o sogro de Robert foi a mais vil das covardias. Depois, bem, depois, voltaram para casa, carregando o velho adormecido. Assim foi no primeiro dia e continuou ao longo da semana.

No domingo, quando o tédio começou a se insinuar em longos bocejos por parte dos homens, a venezuelana teve uma ideia brilhante. Como brilhava aquela mulher! Por que não apresentar ao brasileiro as Highlands? Podiam partir os três na manhã seguinte. Não, o sogro de Robert não podia ir, de jeito nenhum, importantíssimos negócios de importação e exportação mantinham-no preso ao porto de Glasgow.

Telefonema do Brasil

Não atendo, de jeito nenhum!

Por favor, diga ao seu chefe que compreendo sua recusa, mas que se trata de assunto urgente, que eu, assim como ele, não confio nos brasileiros, muitos deles são mentirosos e trapaceiros.

Que é que você quer, depois de tudo?

Estou à procura do William.

William? Que William?

Meu amigo, o escritor. Estou em apuros por sua causa. Seu último livro foi premiado, um dos prêmios mais importantes do Brasil. Na verdade, são duas as encenanças, o prêmio e a venezuelana, sua sogra.

Ela não é minha sogra, nunca foi. É a esposa de número quatro do meu sogro.

E será que ele não faria a caridade de aceitar a mulher de volta?

De volta? Nem pensar!

Então, acho que não tenho saída: estou pensando seriamente em denunciá-la na Embaixada da Venezuela como inimiga do chavismo, que é que acha?

E eu com isso? Faça o que você quiser, a mulher é sua.

Bem. Quanto ao William, você foi a última pessoa a estar com o escritor.

Sim, ele foi para Stonehaven naquele mesmo dia e nunca mais deu notícias, assim como o senhor também não deu. São iguaizinhos vocês, dois mal-agraçados, os maiores que eu jamais conheci.

Agradeço seus elogios. Você não tem mesmo a menor ideia do paradeiro do escritor? Para o Brasil ele não voltou. E precisamos dele. É muito importante. Eu duvidava que William fosse um escritor de verdade. Nem ele mesmo sabia. Meu amigo anda na pior, a premiação pode levantar seu moral. Salvá-lo da descrença crônica que amarga sua existência. O homem decidiu pelo fracasso.

Diz que a paz tem morada fixa, que seu endereço é o fracasso. Talvez agora mude de ideia.

Pensei que seu amigo estivesse aí, no Brasil. Esquisto... Olha, naqueles dias, disseram algumas coisas, não fui conferir, não era responsabilidade minha. A imprensa falou sobre umas peças de roupa encontradas ao lado do poço, supostamente de um turista.

Poço? Que poço?

Um poço misterioso que existe no centro das ruínas do Dunnottar Castle. Falaram até em suicídio, mas o corpo nunca foi encontrado, e parece que ninguém reclamou as roupas.

É esse mesmo o nome do lugar. Meu amigo não via a hora de ir para lá, atrás de uma atriz que ele conheceu em Edimburgo, uma mulher vestida de camponesa. Não foi por falta de aviso. Será que deu algo errado no encontro?

Como é que vou saber? A imprensa não mencionou nenhuma mulher. Falou apenas de roupas masculinas e de um ramo de flores secas, *thistles*, se não me engano, embrulhado em um lenço de linho encardido, peça muito antiga. Olha, estou fora dessa confusão toda, viu? Não sei nem quero saber de tamanha encrenca, já basta o que você nos aprontou. Coitado do velho, quase morreu. O pobre gostava de fato da megera.

E agora? Que é que eu faço com o prêmio? Com o repentino talento de meu amigo? Que é que eu faço com a venezuelana? Se arrependimento matasse...

SOMOS PÓ

Não há melhor esposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.

João Cabral de Melo Neto

Impacto. Paralisia. Pausa. Pânico. Pateticismo. Há uma fenda no caos universal. Abre-se uma gigantesca *florferida* na crosta poluída do tempo. O pulmão do planeta para sua respiração asmática. Corte brusco. Perda. Morte.

Talvez. Talvez pudesse ter sido um espaço de liberdade, a oportunidade perdida para o recomeço. Talvez.

Quantas vidas atapetam a vala comum do Marco Zero? Impossível contar, dizer. O motivo é simples: ninguém conhece o número de vidas que possui. Podem-se contar cadáveres, vidas não. Pânico. Sua vida – como a de

todos os supostamente humanos que viviam (muitos ainda vivem) neste nosso mundinho disparatado – divide-se em antes e depois do impacto.

Pateta e nem se dá conta da deplorável condição. Ali na esquina da West Street, cabeça levantada, boca meio aberta, olhos escondidos sob lentes escuras, era mais um turista babaca correndo o risco de um torcicolo para admirar a majestade azul-prateada das Twin Towers. Transparentes. Leves como um véu de noiva solto ao vento. Com seus 110 andares, elas anulam o horizonte. Competem. Brigam. Ganham. Atrás e antes das torres está o céu azul imensamente profundo. Aos olhos do turista ávido do novo, escravo submisso da tecnologia moderna, não interessa o céu, pano de fundo comum, observado da janela qualquer de uma construção ordinária. Absorto na contemplação das gaiolas de metal e vidro, ele demorou a perceber que alguém tocava com insistência seu ombro esquerdo. Era Miguel, um amigo brasileiro que não via há anos, e assim no impacto, metido num terno impecável, um completo desconhecido.

Fred bundão, que bom te ver, camarada!

Frederico escancarou ainda mais a boca, enrugou os olhos debaixo das lentes escuras e espremeu o cérebro para buscar na periferia da memória o nome e o apelido do antigo colega de colégio. Sim, porque só podia ser alguém do Externato São Domingos.

Miguelito pau-de-ouro! Cara, como é que você me reconheceu assim de chofre, na confusão cosmopolita desta cidade?

Foi fácil. A fantasia de turista complicou um pouco, reconheço, mas que outra criatura no mundo tem um

ombro mais alto que o outro? Quem mais senão você anda assim, penso pro lado feito siri na areia quente? Você é inconfundível, Fred.

Eufóricos, os dois amigos cumprimentaram-se ao modo do time do tempo do colégio: cruzando e descruzando duas vezes as mãos espalmadas e depois batendo de frente, um nas mãos do outro. Alguns minutos de conversa foram suficientes para o americano por adoção contar de peito estufado que trabalhava no Federal Reserve Bank (é aquele mesmo autorizado a emitir o dinheiro americano, as cobiçadas cédulas verdinhas). Contou também que morava num lugarzinho muito especial (sem dizer onde), talvez ali na ponta sul da ilha de Manhattan, não sei. Enfim, estava bem de vida, era a informação que desejava passar. Informação que certamente seria transmitida aos amigos comuns no Brasil.

Já esteve lá?, perguntou Miguel, apontando para o topo do World Trade Center, a palidez prateada das damas gêmeas contrastando com o azul escancarado do céu nova-iorquino.

Ainda não.

Ótimo, então está convidado para um *breakfast* no Windows on the World amanhã às oito e meia. É a vista mais espetacular do universo, incrível, *unbelievable*, disse profético, você vai ficar deslumbrado, assim de queixo caído, Bundão.

Frederico achou o convite meio fora de propósito. Estava de férias, folga tirada por conta própria, por razões urgentíssimas do coração, correndo sérios riscos de ser demitido. Queria aproveitar ao máximo aqueles dias. Não tinha a menor intenção de se levantar antes das dez.

Na manhã seguinte, menos ainda. Sua paixão, a doença incurável, estava em Milão a trabalho. Tinha certeza de que naquela noite ela dormiria com um daqueles ridículos bissexuais que ronronavam em torno de suas pernas bem torneadas, mas no momento, por exigência da profissão, magras de dar dó. O assédio deles inflava o ego da modelo e assim, sem nenhum pudor, eles tiravam proveito de sua vaidade. Roído de ciúmes, Frederico tinha marcado encontro com uma filipina que ele conhecera no dia anterior, enquanto saboreava um prato de origem africana no Harlem. A filipina era meio magrinha, mas exótica o suficiente para despertar seu interesse. A noite prometia. A garota tinha dito, numa voz insinuante, baixa e meio rouca, que gostaria de lhe mostrar um lugarzinho no Greenwich Village (para ela, uma nova-iorquina por adoção, apenas Village), o bairro boêmio, paraíso de artistas e de gays, com bares e boates que não tinham hora para fechar. Convidar um turista em férias para um café da manhã, só o Miguel. Mas senso nunca foi seu forte, nos tempos do colégio sempre decidiu pela turma, sem respeitar a opinião do grupo. Frederico concordou sem discutir.

Ótimo, aqui mesmo na West Street, às oito e meia. Seja pontual, Bundão. *See you later!*

O nova-iorquino (antes brasileiro) chegou no horário, mas o brasileiro se atrasou 15 minutos. Armação dos deuses, sorte ou displicência mesmo? Não sei, o que sei é que para o resto de suas vidas ficaram obrigados a louvar esse péssimo hábito de nosso povo. Se não fosse aquele atraso, modesto para os nossos padrões, as pessoas encurraladas no Windows on the World naquela manhã, 11 de setembro (o tristemente famoso *nine-eleven*) de 2001,

não seriam 171, e sim 173 corpinhos insignificantes transmutados em pó no maior crematório do mundo, num espaço de tempo tão curto que, apalermada, a humanidade se viu na contingência de abolir para sempre o já meio desacreditado conceito de realidade.

Os dois amigos se dirigiam apressados para a entrada do World Trade Center, o convidador visivelmente contrariado com o atraso do convidado (brasileiro troglodita, raça de gente que não evolui, que eu tinha de me meter com esse terceiro-mundista de uma laia?), quando viram, vindo em sua direção, um Boeing, que hoje sabemos tratar-se do Boing 767 da American Airlines, voo AA 11, Boston-Los Angeles.

Caralho, o que deu nesse babaca pra voar tão baixo?, falou Miguel ainda mais irritado. *Stop it, guys!*

Em volta, pessoas atarantadas corriam sem rumo, atropelando uns aos outros. Só se ouvia *Oh, my God! Oh, my God!* De repente, *everybody around the world* recebeu a ordem: *Stop! Keep quiet!* E, obediente, o mundo parou sua engrenagem enferrujada.

Conheci Frederico Lara do Prado (guardei o nome, porque foi o último passageiro a embarcar, depois de ter sido insistentemente chamado pelo pessoal de terra) na manhã de 13 ou 14 de setembro de 2001, no Aeroporto John Kennedy, eu, como todos os passageiros, fingindo uma tranquilidade que estava longe de sentir, e ele, completamente atrapalhado com duas mochilas gigantes e um ar de estupor na cara congestionada. Tinha o cabelo em desalinho, a barba por fazer, os olhos vermelhos e encovados. Tomamos o mesmo avião para São Paulo,

eu, numa conexão, e ele, partindo de Nova York, aonde, segundo me disse anos depois, jamais voltaria. Chegou acompanhado de um senhor grisalho, a pele curtida pelo sol, rústico e digno, que não abriu a boca durante o longo trajeto. Contentou-se em estar aos pés do jovem e, feito um cão perdido de fidelidade, lambê-lo com olhos interrogativos. A comoção do rapaz era visível. Sentamos lado a lado e tive a prudência de respeitar seu silêncio. Roía as unhas, cruzando e descruzando as pernas. Dava a impressão de morar há muito tempo na cidade, porque ostentava aquele jeito nova-iorquino de nunca encarar as pessoas. As coisas andavam sob controle até que o avião, um Boeing como o outro, entrou em uma zona de forte turbulência. Quase saí pela janela. Meu companheiro de poltrona deu um salto e ficou de pé, segurando o teto da aeronave com as duas mãos, como se aquele gesto tivesse o poder de impedir o desastre iminente. Constrangido, vi que o rapaz chorava, e de repente começou a babar feito um bezerro. Balançava a cabeça e repetia histérico:

Oh, my God, my God, save my life, please!

Espantado, pensei tratar-se de um americano com jeito de brasileiro, coisa rara, porque os imitadores somos nós e não eles. Foi aí que o passageiro começou a gritar em português:

Eu não quero morrer, por favor, não me deixem morrer! É absurdo, completamente ridículo morrer assim depois de ter escapado da carnificina!

Calma, rapaz, está tudo bem, é só uma turbulência passageira, afirmei sem muita convicção.

A aeromoça chegou trazendo um calmante. Histérico, o passageiro recusou o comprimido, mas acabou

aceitando um copo de vinho, que tomou numa sofreguidão trêmula, o líquido tingindo de roxo o peito da camisa amarrotada. O vinho não o acalmou de todo, mas teve o efeito de destramelar sua língua. Acho que se ele não tivesse falado teria morrido entalado de medo. Com a voz embargada pela emoção, entrecortada por soluços secos, ele me perguntou:

Você também estava lá? Viu a porra toda acontecer? Tão dizendo que o safado do Bush sabia.

Fiquei alarmado sem saber que resposta dar. Acabei perguntando:

Viu o quê, rapaz?

Não, você não viu não. Se tivesse visto não tava calminho aí na sua poltrona. Como sempre acontece, foram poucos os escolhidos, poucos puderam apreciar ao vivo o grande espetáculo montado em surdina pela corja de exterminadores fanáticos, camicases retardatários, terroristas filhos-da-mãe. Os que viram? Esses, meu, nunca mais serão os mesmos. Muitos deles devem estar na camisa de força, em estado de colapso nervoso. Coitados, alguns vão se recuperar mais ou menos, outros nunca mais. Nunca mais. Vi tudo, a condenação inapelável e a execução sumária. Imagine a exposição gratuita do que há de pior no ser humano. Histeria. Gente com história bonita, muita pompa e preparo se decompondo em questão de segundos. Pó. Crematório de vivos. Genocídio. A mistura sinistra do pior que já aconteceu no mundo. Gente encurralada feito gado no matadouro. Os de cima viraram farinha. Diretores de empresas, representantes convictos do *benchmarketing*, engravatados sacanas, secretárias eficiente (outras loiras e burras), contínuos, faxineiras. Amantes num café da

manhã romântico. Tudo pó. Nivelados na vala comum dos esquecidos. Nenhum ficou pra contar aos netos. Eu sou um dos eleitos, posso afirmar de peito estufado: ei, camarada, você aí com pinta de bonzinho, escuta essa, fui convocado para dar testemunho da existência do inferno aqui na terra, é verdade, fui mesmo. Nenhuma cruz de cinza borra minha testa, mas tenho certeza da tatuagem vergonhosa. Da covardia. Depois de uma debandada de búfalos, numa distância relativamente segura, testemunhamos o grande espetáculo. Nós, os escolhidos. Miguel tinha desaparecido na confusão. Conhecendo a cidade, deve ter se refugiado num abrigo bem seguro, o cagão. Eu que me danasse. Depois o bundão sou eu. Fiquei lado a lado com pessoas que jamais voltaria a ver. Turistas, pessoas do lugar. *Rednecks* enriquecidos, *yuppies*, mulheres bem vestidas, com pastas de couro nas mãos e algumas ideias estapafúrdias na cabeça, rapazes de camisa listrada. Coreanos, indianos. Sul-americanos. Orientais. Toda sorte de sotaque, no maior caldeirão de etnias do mundo. Alguns nova-iorquinos até me encaravam. A tragédia tem o dom de unir as pessoas, ainda que por um curto espaço de tempo. Depois, cada um retoma o fio da existência com a incômoda sensação de que o mundo prossegue apesar de nós.

O desabafo do rapaz me deixou confuso. A causa de seu transtorno era clara, mas eu temia a delicadeza do assunto. Definitivamente, eu não estava preparado para enfrentar a situação.

A aeromoça voltou para saber se podia ajudar. O passageiro pediu mais um copo de vinho. Segurou o copo com as duas mãos, que tremiam como as de um portador

da síndrome de Parkinson. Por algum tempo, permaneceu calado, num estupor de assassino arrependido. Se fosse uma mulher ali ao seu lado, certamente teria alisado seu cabelo em desalinho, mantido entre as suas a mão trêmula do rapaz, quase um menino ainda, depositado em sua bochecha fria um leve beijo de irmã cuidadosa. Lamentei o machismo que me impedia o gesto. De repente, ele recomeçou a falar. Fiquei quieto, ouvindo tudo no meu posto de terapeuta improvisado.

Canalhas filhos-da-puta! Nunca vou entender a truculência deles. Teste de resistência, sem anestesia, na bruta. Acho que decidiram acabar com a sensibilidade do homem, sabe como é? O tempo todo eu repetia: não é verdade, isto é um filme de mau gosto. Eu cresci à sombra promissora do sonho americano, vivendo a fantasia do País Gigante capaz de matar Golias, vencer qualquer obstáculo. Assistindo a filmes violentos, mas com final feliz, é claro. Ninguém nos preparou para o pior, ninguém. Você vê, sabe que está vendo, mas não pode acreditar. Tão próximo à Broadway, espaço reservado ao faz-de-conta, a realidade tinha a obrigação de recuar, de se manter no lugar. E o que foi que aconteceu? Numa bravata absurda, a realidade não se contentou em suplantar, ela destruiu a ficção. Teatro, cinema, literatura. Tudo. Foi tudo para o espaço. Terroristas filhos-da-puta, depois do atentado nenhum espetáculo será suficientemente grande. Que cena, meu amigo... Qual é mesmo seu nome?

Thomás, com agá, falei bestamente. Que importância tinha o agá num momento daqueles, nunca fui capaz de explicar. Na confusão que o atormentava, Frederico

esboçou um leve sorriso. Tinha senso de humor, notei envergonhado.

Pois é, Thomás com agá, aquela foi uma das cenas mais bonitas que já vi, de uma beleza, uma exatidão estonteantes. Tudo milimetricamente calculado. Preciso. Belo. Agora eu pergunto: até que ponto ficar fascinado pela destruição é sinal de anomalia, de perversão? Eu fiquei fascinado. Talvez muitos outros tenham ficado embevecidos como eu fiquei. Admitir isso é me obrigar a expor o que há de pior em mim, no ser humano: o gosto pelo horror. Belo, sim senhor, quem negar estará mentindo. Depois..., bem, começava uma nova era. O mundo dividindo-se em antes e depois. Segundos após o impacto, o dragão que devorava o intestino das torres começou a mostrar sua língua de fogo e fumaça. Um vulcão incandescente expondo suas vísceras no topo de uma das construções mais arrojadas do planeta. Em meio aos gritos, às lágrimas e ao bafo quente que lambia nossos calcanhares, à fuligem que começava a cair como flocos de neve, a debandada em direção ao mar. O inferno tinha se instalado na torre n.1. A ousadia do terrorismo acabara de suplantar todas as expectativas. Trágico, muito trágico: a humanidade não dispunha de outra potência para colocar no pedestal. Com o tempo, os candidatos começaram a aparecer. Em razão disso ficamos obrigados a engolir o venezuelano de boina vermelha, que tipo, meu Deus! Sabe o que mais me exaspera?

Não, não sei.

Primeiro, admitir que passado o susto inicial o espetáculo me empolgou. Somos pequenos, porém ousados, capazes de grandes ações. Somos grandes, foi isso que os

malditos terroristas comemoraram. A posição de arrivista, de felizardo, em nada me abalou. Ali, cara a cara com a catástrofe, pensa que eu cogitei fazer alguma coisa? Tentar salvar alguém, socorrer uma criança perdida, um velho trôpego pisoteado pela turba desarvorada, os feridos que aos bandos iam deixando a torre danificada? Que nada, o primeiro pensamento foi pra mim mesmo, pra minha pessoinha safada. Pensei no quanto era bom estar a salvo, fora do inferno, livre. Em seguida, pensei na filipina, não com preocupação quanto à sua segurança, que eu não tinha a menor ideia de onde ela se encontrava naquele momento. O pensamento que me assaltou foi o de perda, de nossa noitada perdida, da transa que certamente não iria rolar mais. Penso que naquela noite, em toda Nova York, não deve ter tido um único caso de transa. Será que alguém tinha cabeça e pulmão para trepar em circunstâncias trágicas como aquela? Deve ter sido a noite mundial da abstinência involuntária. O meu pensamento ficou ali rondando meu umbigo de ouro, lamentando a oportunidade perdida de conhecer uma filipina na cama. Na verdade, meio filipina, porque ela se gabava de sua condição de mestiça. A mestiçagem no seu caso conferia status. Seu pai era filho de um soldado americano que desembarcou na ilha de Leyte durante a Segunda Guerra Mundial. Pensei nisso, acredita? O mundo em estado de estupor e eu masturbando meus instintos ludibriados. Sou um monstro ou não sou?, pode dizer.

Calma, rapaz, também não é assim, você teve um momento de fuga, talvez. Diante de quadros feios como aquele, tendemos a acionar nossos mecanismos de defesa. É natural pensar em algo agradável, outros devem ter tido

a mesma reação que você, foi só isso. Realmente, como conselheiro, eu era um fracasso. Nada do que eu dizia surtia efeito. E o passageiro da poltrona do corredor, embora atento, parecia sofrer de mudez.

Não foi só isso, não, foi muito mais. Em meio aos pedaços de metal retorcido, de madeira carbonizada, podíamos distinguir seres vivos voando com suas asas de fogo e fumaça. O primeiro a enfrentar o vácuo surgiu como uma folha lançada ao vento, o arrepio de uma árvore entediada. Depois outro. Mais outro. Milhares. Tochas vivas se contorciam num balé sinistro. Minúsculos pontos dançando no ar congestionado, mas certamente bem mais leve do que o ar que se respirava lá dentro. Anônimos. Insignificantes. Suicidas? Talvez não, talvez no desespero tenham apostado num milagre, em braços aparando seus corpos no ar, não sei. Mera suposição. Ou, torturados pelas chamas, tenham decidido por si mesmos beber a taça de fel e, num estéril gesto de revolta, talvez tenham até bradado: *Éli, Éli, lamma sahactámi*. Conscientes do abandono humano e divino, saltaram para o nada. Um filme muito doido rodava em minha cabeça, ficção, fatos históricos, numa sequência disparatada de tragédias ao longo dos tempos.

Enquanto o desespero levava alguns dos encurralados na torre em chamas à saída que lhes parecia menos dolorosa, fiquei ali ouvindo o baque de seus corpos contra o asfalto de Manhattan. Era um barulho fofo como o de abóboras explodindo. Presenciei tudo como um espectador que tivesse adquirido ingresso para assistir a um espetáculo majestoso, superior, com certeza, ao de Philippe Petit em 1974. Acho até que cruzei os braços, separei um pouco as pernas para me sentir mais confortável. É bem provável

que tenha sido assim. E ao contrário dos que, obedecendo a ordens dos seguranças, permaneceram obedientemente no interior da Torre Sul, fui premiado. Às 9h 02 min, eu continuava entre a multidão que não arredava pé das proximidades das torres.

No início, era uma flecha acinzentada passando por trás da Estátua da Liberdade. Crescia brandamente como se sua missão fosse de paz. Alguns dentre os encurralados na Torre Norte devem ter tido um lampejo de esperança. À minha volta, a multidão começou a mover-se inquieta. Em seguida, recomeçou o frenético *Oh, my God!*, vindo de todas as direções. Diante de aparelhos de TV, do maior ao menor, em todas as línguas, no interior de mansões ou de casebres, pessoas brancas, pardas, amarelas ou negras tiveram a certeza de que estavam definitivamente perdidas. Se a grande potência americana, nossa mãe por adoção, tinha sucumbido aos caprichos do terrorismo, que seria do resto da humanidade? Avalio a decepção dos crédulos viciados no final feliz das baboseiras americanas entranhadas no sangue de infinitas gerações. Insanos não foram os terroristas, foram as autoridades, incapazes de prever o desfecho fatal que acabaria com a segunda torre. Permaneci no local até as 10h28 min, momento do *gran finale*. A torre n. 1 não perdeu a pose nem durante a queda. Levou dez segundos para desmoronar, reta como um foguete, soterrando montanhas de cinzas de fênix anônimas. Depois, como um abutre faminto de carne fresca, ainda tentei divisar nos escombros corpos carbonizados. Humanos destroçados. Cheguei a ventilar a ideia de comprar um telescópio para ver melhor. Um cheiro insistente, mistura de componentes químicos e carne assada, invadia nossas

narinas, suscitando repulsa e curiosidade. As majestosas torres estavam reduzidas a cadáveres mal cremados, uns pobres restos envergonhados de ossos escuros e fumegantes. Esse mesmo monumento, que os homens acreditaram poder eternizar em clara demonstração de grandeza, agora vencido, jazia agonizante. Foi um golpe mortal no coração orgulhoso do povo americano. As conseqüências... Bem, estamos no seu miolo. O fim ainda está longe.

Saciado do espetáculo, virei as costas na intenção de voltar ao meu hotel. Acreditando na vitória, minha vitória contra a morte, dei alguns passos sentindo na alma a leveza beatífica que a comunhão proporciona aos crentes. Não havia em mim intenção de fuga. Naquele momento, eu ignorava que, quanto mais o homem tenta escapar da morte, mais fundo ele se embrenha no processo de autodestruição. Eu acreditava na liberdade dos vivos e era completamente ignorante quanto à vingança dos mortos. Como era boa a sensação de liberdade. Dei alguns passos cobrindo o nariz com um lenço descartável. O ar era denso e fétido. Meus ombros e braços estavam cobertos da mesma poeira branca que cobria o chão. Então senti os primeiros sintomas, o claro sinal de que eles estavam comigo, seguiam meus passos, escalavam-me os ombros, uns amontoados sobre os outros. Penetravam minhas entranhas. Os mortos são vingativos, Thomás, pensa que não? Eles sabem nos envolver nas dobras frias de suas mortalhas. O brilho de loucura que vemos nos olhos dos ex-combatentes é a prova concreta do poder dos mortos sobre os vivos. Naquele dia a imaginação foi minha lupa do diabo. A distância não me permitira ver os corpos esquarterados: braços, pernas, entranhas, órgãos

humanos espatifados. Olhos esbugalhados à procura do dono. Um coração espetado num ferro retorcido. Eu não tinha visto, mas de repente algumas das gravuras de Goya não me saíam da retina. O peso nas costas e uma dor aguda no estômago me obrigavam a andar curvado feito um velho. Parei numa esquina e vomitei o que não havia no estômago, porque o *breakfast* no magnífico Windows on the World tinha ido pras tampas, mesmo assim as contrações continuaram.

Finalmente, para alívio de meu ego estropiado, o passageiro dormiu um sono intranquilo, que durou até o final da viagem. Perdi-o de vista no aeroporto de São Paulo. Saíram ainda meio trôpegos, ele e o velho, escoltados pelo pessoal de bordo. Havia pânico e vergonha nos olhos que cruzaram com os meus, numa despedida rápida.

Cheguei em casa moído e encontrei minha mulher encolhida diante da televisão. Parecia minúscula em meio a um aparato de imagens de santos espalhadas pela casa, velas acesas num velório sem defunto, por sorte. Caímos nos braços um do outro, e as lágrimas vieram silenciosas. Margô tremia como uma criança perdida. Por que tantas velas acesas, meu amor? As velas? Para te proteger, sei lá, iluminar o caminho, foi ideia de sua mãe. Tive medo de que eles sequestrassem seu avião, de que você não voltasse nunca mais, ela falou meio sem jeito. Coloquei minha mulher no colo e sequei suas faces com meus beijos. Foi confortador podermos nos acalentar mutuamente. Pasmado, eu desvendava minha casa. O lar. Meus olhos abismados percorriam móveis, objetos. Retratos sobre o aparador. Lembranças de viagem, quinquilharias sem grande valor, mas que aos poucos iam compondo o quadro de nossa

história. Minha raquete de tênis ao alcance da mão. A mesa posta para dois. Era inconcebível que minhas cuecas estivessem impecáveis na gaveta, a escova de dentes sobre a bancada do banheiro, tudo no mesmo lugar, depois do que havia acontecido. Inconscientemente, eu buscava algum sinal de desordem. Rachaduras. Tomei um banho e, sem entrar em contato com a universidade, dormi por onze horas seguidas, sentindo o corpo de Margô agarradinho ao meu. Quando tivemos chance de conversar, minha mulher, então grávida de quatro meses, falou pela primeira vez no assunto que por cinco anos e meio iria corroer os alicerces de nossa relação. Foi direta, determinada como nunca tinha sido.

Numa casa simples e acolhedora, no Lower East Side, Sâmar passou a manhã do dia 11 de setembro de 2001 na mais absoluta tranquilidade. Como todos os dias, havia chegado às 3h 50min da boate onde trabalhava. Fez uma refeição rápida e após um banho demorado caiu exausta na cama. Por volta das 13h 30min despertou incomodada por um silêncio incomum. Seu primeiro pensamento foi para o brasileiro com o qual iria se encontrar naquela noite. Pele bronzeada, olhos claros, lábios grossos e sensuais. A lembrança daquele corpo másculo foi um sopro áspero arrepiando sua pele macia. Que homem!, falou em voz alta, umedecendo os lábios com a língua. Seu único defeito visível era um ombro ligeiramente mais alto do que o outro. Os pais de Sâmar já deveriam ter chegado do turno do trabalho, ele no corpo de bombeiros e ela na saúde pública. Estranhou a ausência deles, não chegou a se alarmar, porém. Talvez, movidos pela nostalgia que os

atacava de tempos em tempos, tivessem ido ao encontro dos amigos no burburinho multicolorido de Chinatown. Certa de que eles não tinham ligado para não perturbar seu sono, ela voltou a dormir, para despertar três horas depois, angustiada e com um mau pressentimento. Saltou da cama e foi vasculhando a casa, cômodo por cômodo. A ausência de ruídos internos deixavam-na em estado de alerta. O alvoroço na rua também parecia fora do comum. Não encontrou nenhum vestígio da passagem dos pais pela casa. A pia continuava limpa, as cortinas fechadas. Na geladeira, a travessa com o adobo, prato a ser servido no almoço da família, continuava intacto. Sâmar inspirou o cheiro da comida típica de sua terra, uma mistura picante de carne de porco e de galinha. Sentiu também o cheiro de mar e de florestas tropicais carregado pela brisa constante que atravessa as ilhas Filipinas. Pensou no quanto seus pais sentiam falta de seu país de origem. Em situação normal, teria pegado um prato e ligado o micro-ondas antes que começasse a salivar. Mas o que ela sentiu foi uma espécie de enjoo. Fechou a geladeira e ligou a televisão. Abriu a boca, escancarou os olhos e teve um espasmo de dor. Foi quando o telefone começou a tocar.

A voz era a de minha mulher: contida, fina, quase infantil. A pessoa que falava era outra, porém. Cheguei a cogitar a possibilidade de ela estar escrevendo um discurso para saudar o chefe na data de seu aniversário, ou preparando um tema para debate e desejasse meu parecer. Comprimiu o pescoço com a mão gordinha pelo efeito da gravidez. Limpou a garganta. Começou com uma sobriedade alarmante.

Estamos vivendo uma nova era. O tempo da realidade fria. Foram dias duros para a humanidade como um todo. Pra você, pra mim. Deixou marcas, soterrou ilusões. Cabe a nós, esqueletos carbonizados, preparar da melhor forma possível o caminho para aqueles que estão vindo. Sei que não se deve tomar decisões em momentos de grandes comoções como este, mas minha decisão é resultado de uma avaliação profunda. Não quero submeter nosso filho à ditadura do medo. Quero criá-lo numa cidade pequena, brincando nas ruas, soltando pipas, indo à escola com as próprias pernas.

Mudar de cidade, deixar nosso emprego, é isso que você está me propondo?

Exatamente, meu amor.

Isso é incoerente, absurdo. Absolutamente impossível. Ainda mais agora, com um filho a caminho, precisamos de nosso salário mais do que nunca.

Salário se consegue em qualquer canto do planeta. Você é professor, ocupação útil em todos os lugares, no interior principalmente, eu sou bancária, mas pelo bem de nosso filho posso ser qualquer coisa.

Acorda, amor, sei que você tem razão quanto à falta de segurança, mas eu não sou um professorzinho qualquer. Tenho mestrado, doutorado. Rolei muito pra chegar onde estou. Moramos num bairro sossegado, a violência não chega aqui em Moema. Estou acostumado à simpatia dos moradores, à descontração das cantinas italianas, com esse restinho de calor humano oferecido pelos mais velhos do bairro.

Eu também lamento deixar tudo isso. Mas nossa vida não se restringe ao bairro, e a violência, você sabe, está nas ruas, nos semáforos, onde menos se espera.

Tudo bem, prometo que vou pensar no assunto.

Eu tinha certeza de que, quando a televisão parasse de exibir a fantástica imagem das torres gêmeas em chamas, quando o fanatismo islâmico deixasse de ser assunto de primeira página em todos os jornais do mundo, quando as revistas se cansassem do tema, minha mulher engavetaria o disparatado projeto de mudança.

Não se pode, porém, menosprezar a persistência de uma mulher. Pobre Adão! O cinto de castidade não foi suficiente. Posso imaginar a cena: o pobre homem disparado mata adentro, desenvolvendo a velocidade máxima que suas pernas podiam suportar, com a Eva pelada nos seus calcanhares, cabeleira solta ao vento, exalando aquele irresistível odor de fêmea no cio, pega, não pega. Pobre Adão, mês após mês, a tortura renovada, com requintes de sedução cada vez mais aprimorados. Mulheres, Mulheres, com tantos animais por esse mundão afora, eleger como conselheira logo uma serpente! Margô se esqueceu de tudo, até do enxoval do nenê, de mim nem se fala. Passava todas as horas disponíveis consultando o mapa do Brasil, de norte a sul. Nenhum pontinho, por mais remoto que fosse, lhe escapava. Além disso, comprou um despropósito de guias de viagens. Nosso incerto destino zanzava da praia para o sertão, da montanha para o vale. Estarrecido, descobri na mulher que eu julgava conhecer uma versatilidade espantosa. Tanto podia ser catequizadora de índios no tórrido Xingu, quanto proprietária de uma pousada na friorenta Urupema. A ideia de ser fazendeira em Goiás

também foi ventilada. Fui ficando arredio, chegava em casa sempre ressabiado, abria a porta de mansinho, tentando descobrir com que profissional iria dormir naquela noite. Foram dias, meses até, de muito atropelo, eu implorando a todos os santos para que o nenê nascesse logo e fosse uma criança birrenta, difícil, daquelas que implicam com o peito, recusam a fralda, são alérgicas a todos os bichos que povoam o mundo, enfim, monopolizam a mãe dia e noite sem o menor constrangimento.

Nasceu uma coisinha branca, careca e pelancosa. Como todos os bebês, feinha de dar pena. Mas seu principal defeito era a docilidade. No lugar da chupeta, usava o dedo. Nasceu sabendo mamar e a fralda ensopada nunca lhe foi incômoda. Passado o alvoroço das visitas, dos seios empedrados, das rachaduras no bico, minha mulher voltou aos mapas e guias. Com eles, meu tormento. Em vão eu ponderava:

Com nossa filha não vai haver problema. Olha só que prodígio de criança, nasceu sabendo tudo. Há de saber se defender também.

Margô fazia cara de zangada, os olhos começavam a nadar em lágrimas e, caso eu persistisse na negativa, as lágrimas desandariam numa correnteza desordenada, em uivos estridentes que fatalmente assustariam o bebê. Tecia toda sorte de comentários negativos sobre minha índole desnaturada. Que eu olhasse direito pra criança, prestasse atenção na sua fragilidade, um serzinho indefeso, tão medroso que se agarrava ao dedo para ter um mínimo de segurança.

Dias, meses, anos ouvindo aquela cantilena. Nossa filha deixou de chupar o dedo, mas começou a roer as

unhas. E acabou assimilando os temores da mãe. Como todas as crianças de sua geração, buscou conforto no colo do psicólogo, um tremendo puxa-saco que deu total cobertura às insanidades de minha mulher.

No começo tinha sido até interessante ter tantas mulheres disponíveis em uma só. Havia a surpresa de não saber com quem eu dormiria a cada noite. Com o tempo, passei a desejar alguém mais estável, que fosse minimamente previsível nos defeitos e nas qualidades.

Para fugir das neuroses de minha mulher, passei a ficar até mais tarde na universidade. Foi então que comecei a sair com uma colega de trabalho, professora da área de exatas. Mulher intrépida, arrojada, que não temia absolutamente nada, nem a maledicência dos colegas. Talentosa e criativa, sabia fazer deste mundo um lugar habitável. Não tinha vaidade, mas uma distinção inata. Possuía uma vitalidade excepcional e demonstrava grande descaso para com tudo aquilo que não resultasse em prazer imediato. Parodiando Isadora Duncan, talvez, dizia sem rodeios que não há limites para a vida. Juro, não houve premeditação, pelo menos de minha parte, apenas deixei que as coisas fossem acontecendo. No começo a novidade me deu estímulo novo, um colorido ao cinza de meus dias. Porém não demorou nada para que a falta de barreiras daquela mulher começasse a me perturbar. Talvez eu seja complicado além do normal, talvez tenha uma neurose diferente da de minha mulher, mas nem por isso menos neurose. O fato é que tamanha certeza, tanto imediatismo acabaram me deixando constrangido. Todo mundo tem algum tipo de medo, dúvidas, indagações, a Lúcia não. Aquilo era mulher ou um compêndio de

lucidez? Fugindo da água, eu tinha caído no fogo. Insensatamente, cheguei a cogitar a possibilidade de colocar as duas lado a lado, em uma das festas da universidade. Talvez mutações ocorressem de ambos os lados e as duas conseguissem encontrar seu ponto de equilíbrio. Afinal de contas, o meio-termo, o bom-senso foi criado apenas para os homens? Para engordar minha insegurança, Lúcia começou a insinuar que eu era um fraco, que empurrava com a barriga um casamento falido. Daqui a pouco, iria exigir que eu enfrentasse a fera, que deixasse minha esposa, a quem estaria chamando de megera. Essas coisas são bem manjadas. Conhecia meu endereço, o telefone, o e-mail. Comecei a perder o sono. Mais uma vez, pensei em Adão: sujeito de sorte, não correu o risco do engodo da troca.

O tempo passava, a violência, uma praga sustentada por interesses escusos, atravessava fronteiras supostamente bem guarnecidas. Minha filha crescia. Eu tinha certeza quanto a sua inteligência, mas não quanto à possibilidade de se defender. Em casa, estávamos confusos e infelizes. Dois mil e seis chegava ao fim com a perspectiva de um Natal chocho.

Sâmar ficou dividida entre as terríveis notícias impressas na tela e o alarme do telefone. No aparelho, a mãe tentava simular uma calma impossível:

Você está bem, filha? Seu pai já chegou?

Eu estou bem, quer dizer, acho que estou. Estive dormindo esse tempo todo, só agora liguei a televisão. Estou apavorada, mãe, será que aconteceu mesmo o que tão dizendo? Não é estardalhaço, exagero? E vocês, onde é que estão?

Eu estou de plantão, ninguém foi liberado, estamos socorrendo os feridos, que não param de chegar, nunca vi tantos assim, nunca. Você não tem notícias de seu pai?

Não, não tenho.

Por favor, filha, continue tentando o celular, eu tenho trabalho demais aqui.

Você já tentou sem sucesso, mãe?

Sim, ele deve estar tão ocupado quanto eu. Quando você conseguir, diz a ele que estou bem, que estamos bem.

Samar teve certeza de que jamais teria oportunidade de dar o recado ao pai. Bombeiro experiente, em situação menos dramática saberia se defender. A magnitude do acidente, porém, não deixava margem à ilusão.

O desaparecimento do pai, a inútil espera por notícias. A certeza da morte. O desespero das duas mulheres. A ausência do corpo para ser velado, enterrado numa cova digna, com velas, orações. A ausência do choro dos conterrâneos. A vala comum nivelando patrões e empregados, americanos e estrangeiros, negros e brancos. O imenso útero da terra cumprindo sua função. A febre alta, a convulsão, o longo internamento. O diagnóstico.

Como era o comportamento de sua mãe antes da perda do marido?

Minha mãe? Bem, ela sempre teve uns tiques nervosos. Quando criança, eu achava graça de suas mímicas, sem saber que eram involuntárias. Ria quando minha mãe fazia caretas, torcia o nariz, mordida os lábios, dava pulos, fazia uns movimentos estranhos com os ombros e a cintura. Apesar de ser uma mulher recatada, às vezes nos surpreendia com xingamentos, palavras de duplo sentido. Outras vezes dava para imitar pessoas conhecidas

ou da televisão. Sempre rimos, meu pai e eu, assim como os amigos mais chegados, desses seus acessos de humor, digamos assim. Coisas esporádicas que iam e vinham por si mesmas. Nada que nos preocupasse, mesmo porque isso só ocorria quando ela estava sem atividade, coisa difícil de acontecer com minha mãe. Inquieta por natureza, ela estava sempre desenvolvendo um projeto novo, cuidando da casa e do jardim, além do trabalho no hospital, onde era chamada de East River, por estar sempre em movimento.

E depois da morte de seu pai, da convulsão?

Houve um aumento na frequência e na agressividade dos tiques. Minha mãe ficou mais nervosa, passou a questionar a morte do marido, a ausência do funeral. Diz que os mortos devem ter a modéstia de ocupar pouca terra, mas fazer parte de um monturo, descansar os restos numa vala comum também já é demais. Outras vezes, alega que sem o corpo não há certificado que garanta seu estado de morto. Recusa-se a sair de casa na expectativa de que ele volte a qualquer momento. Sente nojo da cidade. Diz que Nova York está poluída, que a cidade é um cemitério a céu aberto, que o atentado terrorista foi a vingança dos nativos algonquianos contra os caras-pálidas que trapacearam na compra da ilha. É o caos, doutor. Seu comportamento me assusta. Ela promove sessões de toques simétricos e obsessivos na testa e no queixo. Às vezes, passa horas agitando a chave do carro no chaveiro, com toques alternados, sempre iguais. Deu para se atirar ao chão como se quisesse punir a si mesma de alguma culpa, a se contorcer de uma forma absurda. Quando tento impedir aqueles gestos, ela diz que *precisa* fazer aquilo. Nesses quase três meses de convalescença, teve duas crises

de pânico e uma de ira, sem nenhum motivo aparente. Além disso, adquiriu o hábito de atirar coisas na parede. Sempre no mesmo lugar. O senhor não imagina a situação do papel de parede da sala. Às vezes, passa dias repetindo uma palavra ridícula, sem sentido, que depois desaparece para dar lugar a outra igualmente esdrúxula. Há ainda o problema de Charles, filho de um casal de amigos nossos que trabalhava no Fugi Bank, 81º andar da Torre Sul, última a ser atingida. No dia fatídico, o pai do garoto teve a infeliz ideia de ligar de seu celular para o de minha mãe. Desesperado, perguntou se ela sabia alguma coisa sobre as operações de resgate. Disse que todos tinham sido proibidos pelos *security guards* de deixar a Torre, intacta naquele momento. Deveriam aguardar a chegada dos bombeiros. Minha mãe, é claro, não tinha notícias do resgate. Num acesso de choro, Fukuda entregou o filho de nove anos aos cuidados dela, no caso de ele e a esposa não voltarem para casa. É claro que não voltaram. O garoto continua em situação ilegal em nossa casa. Minha mãe, que se sente responsável por ele, entra em pânico cada vez que falo em avisar o juizado de menores. Vamos acabar tendo encrenca com a lei. Mas isso não é tudo nem o pior. O garoto não chora, não reclama. Continua indo à escola. Age como se nada tivesse acontecido, mas o medo, o desespero que vejo em seus olhos secos me exaspera. Como o senhor vê, doutor, a implosão foi muito maior do que se pensou no primeiro momento.

Com o tempo, as coisas se ajustam. Quanto à sua mãe, talvez seja um diagnóstico apressado, não definitivo, não sei: ela vai continuar em observação. De qualquer forma, o mais urgente a fazer é levá-la de volta ao trabalho.

Assim como está?

A ocupação vai ajudá-la a melhorar.

Melhorar apenas? É doença incurável?

Doença... Eu não diria que se trata de doença. É uma diferença, digamos assim. Uma exceção à regra geral. É preciso aprender a conviver com as diferenças. Alguns pacientes se dão bem com medicamentos, outros não. Cada paciente responde de um modo próprio. Atividade e tolerância quanto aos tiques é a melhor conduta. Caso o diagnóstico seja confirmado, induza-a a dizer abertamente, sem pejo: eu sou portadora da síndrome de la Tourette. Com o tempo, as pessoas se acostumam e deixam de perceber os malabarismos próprios da síndrome.

Síndrome de la Tourette? O senhor está me dizendo com essa calma bovina que minha mãe é portadora de uma SÍNDROME?!! O senhor é o quê, afinal, médico ou monstro?

Desculpe. Determinadas palavras muitas vezes assustam mais que as atitudes. Na verdade todos nós, cada um de nós carrega seu lado diferente. Somos seres intransferíveis. Para o bem e para o mal, somos indivíduos cheios de manias, cacoetes incuráveis. A questão é saber conviver com as diferenças, apenas isso. Você não conviveu com sua mãe todos esses anos, colocando-a na coluna dos normais? Pois continue assim, e que se danem os outros. Acho até que já li em algum lugar: de perto, ninguém é normal. Quem foi mesmo que disse isso? Agora me lembro, foi um cantor brasileiro, Caetano Veloso, que pôs em circulação uma frase criada por outro brasileiro, o dramaturgo Nelson Rodrigues. De perto, ninguém é normal. Esses brasileiros sabem viver, satirizam tudo. E

nada de protecionismos com sua mãe, a vida continua. Trabalho, trabalho faz bem.

Não é fácil. Um desmoronamento chama outro. Junto com as torres ruiu também o ânimo das pessoas. O meu está no chão. Mas prometo, prometo que vou tentar.

O telefonema me alcançou por volta das dez horas. Eu estava no supermercado comprando vinho para a ceia natalina. João Antônio, professor da universidade e grande amigo meu, quase um irmão, tinha sofrido um acidente próximo à divisa de São Paulo com Minas Gerais. Ele retornava de Uberaba, onde se encontrava havia uma semana ministrando um curso de Administração Empresarial. Não tinha família, e o único nome que lhe ocorreu foi o meu.

Não seria mais fácil removê-lo para São Paulo?

Infelizmente não é possível.

É tão grave assim, doutor?

Eu sou apenas um médico. Respondo pela saúde, não pela vida de meus pacientes. A vida a Deus pertence. Dentro de um hospital, se vê de tudo. Até milagres.

Apesar de apreensivo, dirigi com prazer. Fazia tempo que eu não pegava uma estrada tranquila como aquela: pista dupla, bem conservada. Atravessei grandes extensões de terras férteis, largamente cultivadas. Vinhedos, laranjais, infindas plantações de soja. A dança leve e prateada dos canaviais me enchia os olhos ávidos de natureza. O único senão era o exagero de pedágios. As idas para o Guarujá eram um verdadeiro tormento, pensei, analisando as vantagens do planalto sobre as regiões montanhosas.

Cheguei ao hospital por volta das vinte horas. O quadro era desanimador. Minha visita não podia ultrapassar vinte minutos. Fui macho o suficiente para pegar entre as minhas a mão febril de João Antônio e dizer a ele algumas mentiras piedosas, que resultaram inúteis. Tudo que meu amigo me pediu foi a presença de um padre. Fiquei espantado. Em nosso meio, ninguém praticava qualquer religião, que eu soubesse. Alguns se diziam pragmáticos, outros praticavam o ecletismo de conveniência. Todos eram cristãos batizados, nenhum, porém, frequentava templos religiosos. Creio que no campo da religião imperava entre nós uma verdade coletiva ampla e irrestrita, pouco discutida. Os professores mais velhos esporadicamente digladiavam-se em defesa de sua verdade individual, cada um afirmando ser ela única e verdadeira. Mas de modo geral nossas discussões acirradas giravam em torno de assuntos de ordem material, não filosófica ou religiosa. Ainda tive ânimo para brincar com João Antônio, na tentativa de amainar o clima de morte que me apertava a garganta. Meu amigo, muito branco, ligado a cabos e fios, respirando com dificuldade. Sua respiração áspera e sibilante me deixava agoniado e impotente. Era a primeira vez que eu entrava numa Unidade de Terapia Intensiva.

Um padre, João Antônio, você tem certeza?

É tão estranho assim?

Estranho? É no mínimo perigoso, pra não dizer catastrófico.

Catastrófico, como assim, catastrófico? Pode até não servir pra nada, mas mal sei que não faz.

Desastroso para o padre, quero dizer. Coitado dele, não sabe o perigo que sua carreira tá correndo. Você não

vai contar tudo, vai? Vai falar das orgias, anh? Mas se falar, meu amigo, você sabe, o mais importante são os detalhes, não se esqueça dos detalhes. É nas pequenas coisas, naquelas inconfessáveis, que o pecado se aloja. Mas se fosse eu aí no seu lugar, meu irmão, não confessava nada não, levava o dossiê completo. Um currículo como o seu, no céu é prato feito para os concorrentes, mas no inferno vale ouro. Pode até te levar ao cargo de vice do chefão. O diabo que se cuide!

João Antônio fez uma tentativa de sorriso, mas o que saiu foi uma careta deprimente, seguida de um acesso de tosse, que me deixou ainda mais assustado. Depois falou com voz angustiada, difícil. Eu mal entendia o que ele dizia:

Thomás, você se lembra de sua primeira transa?

Claro que me lembro, respondi, perguntando-me: e essa agora? O cara com a corda no pescoço e pensando em transa. Foi uma história e tanto. Eu era o último virgem da turma e com certeza o mais desengonçado de todos. Mesmo assim, garantiram que me arranjavam uma garota. E eu ainda tive a petulância de exigir que fosse loira como Aline, a deusa que me desarvorava o juízo naqueles dias, uma burguesinha linda e inteligente ainda por cima. Era a primeira de nossa sala e pra humilhar nossa pirralhice namorava um cara da universidade. A turma foi dividida em duas equipes. Enquanto uma se encarregou de subornar uma garota, missão quase impossível, a outra tratou de encontrar as condições. O irmão mais velho de um amigo concordou em emprestar seu carro, mediante um pagamento absurdo que custou a mesada da gangue toda e meu endividamento por uns bons meses. Quanto

à menina, desconfio que o sacrificado foi o bonitão da turma. Deve ter havido uma troca de favores: você dorme com o pirralho que eu durmo com você. Engraçado, lembro-me de cada detalhe. Não do rosto da garota. É como se eu tivesse feito tudo sozinho. Vencidos os obstáculos, a galera comemorou excitada: agora é com você, Tom, vai que é mole, garoto! Aí veio o pior, a paralisia, o medo, um pavor horrível da hora agá.

É esse medo que eu tô sentindo agora, Thomás, o medo da hora agá.

Fiquei ali parado, um boboca sem ação ao lado da cama do enfermo. Meu pavor era tão grande ou maior do que o seu. Por fim, perdi a compostura. Cala essa boca, João Antônio! Você não vai morrer merda nenhuma, não vai me fazer essa safadeza, logo você, meu melhor amigo, o único em quem eu confio, me deixar sozinho aqui nesse fim de mundo em plena festa de Natal! Com tantos dias bons pra morrer, escolher logo este. Qual é, cara?

O fim de todas as coisas está próximo. Sede, portanto, prudentes e vigiai na oração. Antes de tudo, mantende entre vós uma ardente caridade, porque a caridade cobre a multidão dos pecados. (Pedro, Primeira Epístola, 4, 7-8)

Estranhei que o padre fosse tão jovem e usasse batina. Nem sabia que elas ainda existiam. Achei agourenta a figura de preto, inadequada para o consolo de um doente. Mas o impressionante foi tê-lo reconhecido dentro daquela indumentária exótica cinco anos e meio depois de nosso único encontro. Limpo, barbeado e ostentando uma tranquilidade de dar inveja, parecia outra pessoa. Permane-

ci ansioso na sala de espera do hospital enquanto o padre dava assistência ao meu amigo. Talvez a extrema-unção. Quando finalmente deixou a UTI, convidei-o para tomar alguma coisa em um lugar sossegado. Olhou-me meio espantado, mas acabou aceitando o convite. Fomos para a varanda de um bar, com vista para um imenso canavial, um lençol de prata tocado pela brisa que soprava do Rio Grande. Os foles gigantescos das usinas de açúcar adoçavam a calmaria do ar. Depois de um dia escaldante, a brisa que vinha do rio era uma bênção para meu corpo fatigado. Perguntei se ele tomava cerveja. Disse que não, que ainda tinha que celebrar missa naquela noite. Uma água tônica seria bem-vinda. Pedi duas e ficamos trocando filosofias de boteco. Preparado o terreno, abordei o assunto que me interessava.

Você acha que meu amigo tem chance de vida?, perguntei com a alma na mão.

Só Ele pode responder. Eu diria que não. Não desta vida, quero dizer. Não sei se você é crente, eu aprendi a ser ou acho que aprendi, não sei ao certo.

Crente. Tenho evitado pensar em questões religiosas nos últimos tempos. Nesse campo sou definitivamente ambíguo, e a crença, por seu lado, tem variadas faces, não é mesmo? Primeiro elegeram o cosmo perfeito e bom como meio único de salvação. E de tanto contemplar esse divino, que não é Deus, buscar na estrutura do universo a perfeição, muitos ficaram cegos. Depois, para estupefação daquela gente, vão afirmar que não é nada daquilo, que o divino se concentra numa única Pessoa. O Verbo se fez Homem e nossa salvação passou a depender Dele. Foi uma virada e tanto. Mas como essa questão de

poder não acaba nunca, vieram os modernistas com suas teorias. Mataram Deus e elegeram o homem como figura central do universo. Aí, sim, nos foderam de vez. Muito tenho me perguntado: depositar a moral do mundo nas mãos do homem, o mais egoísta dentre todos os viventes, é demonstração de juízo? Apostar na possibilidade de o indivíduo vir a respeitar os direitos do outro, levar a sério a dignidade de todos não é pedir pra ser internado num manicômio? Outras vezes, apesar de tudo, inclino-me a acreditar nele, no homem e seu poder criador. Renovador. É inegável que o trabalho e tudo que conseguimos por meio dele, as artes, a ciência e a tecnologia, fazem do homem um ser superior. Nesse caso, o sagrado seria tão-somente o esforço do homem no sentido de melhorar a si mesmo e ao mundo, seria a insatisfação dele consigo mesmo, a inquietação diante da injustiça, a busca da perfeição possível. O problema é que vieram outras doutrinas para embaralhar ainda mais nossa cuca. Em momentos como este que estou vivendo, quem acredita em Deus leva vantagem. Frente a frente com a perda de um amigo tão querido, com a certeza da separação definitiva, a ausência da fé em um deus, a descrença no reencontro em uma outra vida, é um desconforto a mais, você não acha? Veja você, pensando com a razão pura: qual será a última missão do meu amigo agonizante? Saciar a fome de alguns micróbios. Varar a terra seca, alcançar a terra úmida e talvez até contaminar o lençol freático. Mas eles, com suas técnicas modernas, purificam a água. Sobrou o quê? O nada. Isso, no campo material, e no intelectual, espiritual? Parece sem sentido, depois de tudo que o professor João Antônio foi, desaparecer assim tão

completamente, sem deixar marcas, sem acrescentar ou diminuir. Vaidade, narcisismo, prepotência? Necessidade de imortalizar-se? Que sei eu?

Que sabemos nós, meu amigo? Fé, credices... Antes os padres tinham resposta para tudo, hoje não. Eu não me arrisco a enfiar conceitos pela goela de meus fiéis, se a dúvida é minha visita mais assídua. Muitas vezes tenho me perguntado: o que oferecer ao povo, religião ou filosofia? Concordo que entregar a moral nas mãos do homem, como querem os humanistas, pode ser o caminho mais curto para chegar ao caos definitivo, se é que não estamos lá. Entretanto, martelo é o que não falta. O mais devastador parece ter sido o de Nietzsche, que chegou desconstruindo tudo que tinha sido feito antes. E tanto jogou ácido que acabou corroído pelos contemporâneos, que chegaram rufando seus tambores, com o absurdo aviso de que agora a técnica é a dona e senhora do mundo. A ordem do dia é progredir ou perecer. Aí o homem percebeu aterrado que tinha perdido o fio da história, o controle sobre o desenvolvimento do mundo. O progresso e a cobiça, o desenvolvimento pelo desenvolvimento. E mais nada. Entramos no rabo de um foguete e ninguém sabe pra onde estamos indo. Enquanto não se resolve o impasse, vou oferecendo educação, que nunca é demais. E vivendo o dia de hoje. O depois é o depois. Ouço calado todo tipo de opinião quanto ao depois. Os menos exigentes contentam-se em ser parte de nosso destrambelhado cosmo, em navegar sua infinitude disforme ou ficar por aqui mesmo como flor, bicho, réptil. Basta-lhes a afirmação de que somos parte indivisível do cosmo e que nele viveremos para sempre. Estão certos. Não deixa de ser consolador imaginar que,

mesmo não existindo vida após a morte, algo do que fomos, alguma energia nossa, permanecerá no universo. Por outro lado, existem os complicados, os que precisam de mais. Os detalhistas, que fazem questão de um assento no imenso estádio do céu e até mesmo da carcaça que um dia foi sua. Aferram-se a promessas. Pagam dízzimos exorbitantes pela garantia da eternidade. Não afirmo nem nego, vou vivendo o hoje, que esse me pertence. Na incerteza de irmos para o céu, deixemos o céu nos entrar coraçãõ adentro. Algum consolo há de vir.

A verdade, padre, é que, com o perdãõ da palavra, somos uns cagões. Consumimos a vida correndo da sentençã irrevogãvel. A irrevogabilidade da morte nos é inquietante, absurda, insuportãvel. Sua sombra sinistra tem o poder de destrambelhar nosso juízo, como acaba de me acontecer, como aconteceu com você naquele dia.

Naquele dia? Houve um outro dia entre nós? Do que é que você está falando, afinal?

Eu falo de uma viagem de Nova York a São Paulo em setembro de 2001.

O padre ficou lívido, depois sorriu como se tivesse acabado de ganhar um presente de grande utilidade.

Nãõ acredito! Assim, de graça, depois de tanto tempo, quando eu nem esperava mais? Caramba, enquanto continuei morando em São Paulo te procurei em cada rosto masculino que me cruzava o caminho. Caramba, assim, sem mais nem menos! Entãõ você é o Thomã com agã! Só fui rir da sua observaçãõ muito tempo depois. Foi uma boa piada, nãõ foi? Quanto lhe devo, meu amigo, você foi um grande camarada naquele dia, com certeza foi. Que dia! Tenso como os nervos de um condenado. Nãõ me

lembro de tudo, mas tenho certeza de que destrambelhei um falatório de comadres na porta de igreja. Abusei de sua paciência, de seus nervos, meu amigo, como abusei.

Obrigado pelos louros, aqui está minha cabeça, pode colocar a coroa. Quanto à viagem, acredito que uns, em maior escala, outros, em menor, todos os que foram obrigados a voar logo após o grande acidente ficaram com o espírito alterado, ninguém se sentia à vontade na barriga daquela geringonça.

Acredito, acredito, mas em nosso voo eu fui o único paspalho a me deixar dominar pelo pânico. Que mico, meu velho! Até hoje sinto vergonha.

Que nada, rapaz. Quer saber, eu também tava cagando nas calças, borrando de medo. Passei muito tempo pensando em você. Queria muito saber de seu destino, do rumo que tinha dado à sua vida. Imaginei mil possibilidades, pensei em suicídio, mas encontrá-lo debaixo dessa indumentária preta, numa cidade interiorana, nunca me passou pela cabeça. Se não for doloroso demais, gostaria de conhecer os caminhos dessa transformação.

Caminhos ou descaminhos, não sei bem. Transformação, renascimento. Sofrimento acima de tudo. Fui aos confins do inferno e escapei da cobiça do demônio. Reflexão quanto ao sentido da vida. A necessidade de não ser apenas coisa. Matéria, carcaça brilhante que desaba fácil, como as torres naquele dia. Um elemento destoante na tentativa de perfeição da ordem cósmica, meio chamuscada pela ação predatória do homem, mas ainda assim ajustada na sua engrenagem caótica. Ou você se encaixa ou atrapalha. Os grandes abalos não acontecem por acaso. Têm a função de balançar estruturas que pare-

ciam enraizadas. A visão da morte, de mortes conjuntas, guerras, acidentes de grandes dimensões nos levam a dois caminhos. Primeiro: somos pó. Nada além de pó. Nascer e morrer são atos corriqueiros. Um é consequência do outro. No primeiro momento reagi assim, clinicamente. Fiquei obscenamente feliz por estar vivo, entende? Aquelas pessoas morreram porque estavam lá, tinham entrado no World Trade Center, pisado o tapete macio por livre e espontânea vontade. Azar delas. Meu amigo Miguel e eu sobrevivemos porque ainda não tínhamos entrado nas torres. Questão de coincidência apenas. Tudo limpo, tranquilo. Civilizado. Segundo passo: a euforia começa a desvanecer. Depois de uma noitada alegre, o indivíduo volta pra casa de alma lavada. Dentes escovados, pijama de seda, colchão macio, lençóis de algodão egípcio. O cara fecha os olhos e o bichinho da dúvida começa seu trabalho subterrâneo. No escuro do quarto, esqueletos mostram seus dentes brancos num sorriso vitorioso. Mas que diabo de vitória é aquela? Muitos eram pais, outros, arrimo de família. Filhos aguardavam pelos pais, pais aguardavam pelos filhos. Esposas, maridos, namorados, amantes. Todos esperados em vão no fim do dia. Mesmo aqueles que não tinham ninguém possuíam a vida. A única, talvez, não se sabe. A maioria era imbecil o suficiente para dar a ela algum valor. Hoje eu consigo ver um certo sentido na vida, bem diferente de minha visão daquele momento. Visão que, estou quase certo, era e continua sendo a da grande maioria dos mais de oito milhões de habitantes de Manhattan, a ilha do individualismo selvagem. De qualquer forma, não cabe a mim julgá-los. Individualistas ou não, eram pessoas. Imagine o desespero de quem saltou

sabendo que não havia rede de proteção, que apesar das aparências não se tratava de um espetáculo circense, dos que, encurralados, esperaram o último alento do pulmão saturado de fumaça. Aquele *Oh, my God* repetido por tantas bocas atestava uma fé verdadeira? Era um apelo oriundo do desespero? A força de uma expressão? Viver e morrer como animal faz sentido? Nós, humanos, somos os únicos viventes com consciência da própria morte e, no entanto, gastamos as pernas numa corrida inútil, mesmo sentindo que morremos um pouco a cada dia, em cada morte que nos ronda. Sacanagem daqueles que se vão. Veja que disparate. Morrem-nos entes queridos, colegas, amigos, desconhecidos, mendigos na calçada, prostitutas. Soldados no oco do planeta. Cada uma dessas mortes é parte de nossa própria morte. Em um velório, somos ao mesmo tempo velantes e velados. Acontece que naquele dia morremos demais, num espaço muito curto de tempo. Houve congestionamento no tráfego da aceitação.

Imagino o que foi estar ali naquele momento.

É, você pode até imaginar. Mas saber, nunca. Ainda hoje eu me pergunto: o que foi que eu vi naquele dia? O que foi que os outros viram? Sim, porque nem sempre se vê o que se vê. Na multidão de indivíduos embasbacados diante da grande catástrofe, cada um viu coisas que nenhum outro pôde ver. O que foi que eu vi? Miragens, reflexos de minhas razões? Vi lágrimas incandescentes perfurarem o ventre encolhido da Terra. O olhar de Cristo espetado no infinito é Deus? Vi a linguagem incompreensível do apocalipse e nunca mais fui o mesmo. De volta a São Paulo, não consegui retomar o fio de minha vida, que não era nenhum modelo, mas bem aceitável. Desregado e

agressivo, abandonei estudos e trabalho. Ocioso, comecei a sentir as marcas de meu ímpeto autodestrutivo, até então inexistente ou ignorado por mim. Rupturas abruptas me afastaram do equilíbrio natural, que poderia ter me libertado da violência interior.

Minha namorada, a modelo, doença que me infernizava os dias, também não constituía nenhum primor de equilíbrio. Voltou para o Brasil para cuidar de seu urso doentinho, dizia, sentada no meu colo, afagando minha cara, tateando meus olhos esbugalhados, tentando dar àquela máscara incrédula alguma expressão. Garota precoce, que começou a trabalhar muito cedo, era insaciável e inconsequente. De família humilde, perseguia a fama (menosprezando os meios) como forma de ascensão social. Anoréxica, raquítica, adolescente meio corcunda, não se dava conta do problema. Caímos juntos na alienação, numa farra sem alegria. Ou numa alegria falsa, que tinha a duração de cada uma daquelas viagens solitárias. Dois alienígenas deitados de mãos dadas no chão do apartamento do Mistura Fina, um riquinho irremediavelmente fígado pela trupe das drogas, um muquifó fedorento, o piso esborrifado de vômito e de porra dos frequentadores da boca-de-fumo, ela e eu, cada um no próprio ritmo, uma sensação deliciosamente louca, éramos planetas de galáxias absurdamente distantes. Mas eu estava abalado demais para sustentar um relacionamento complicado como o nosso. Vivía, se é que aquilo era vida, sob o efeito das drogas ou de medicamentos prescritos pelos médicos. Em dois tempos, a modelo me trocou por um alemão que também frequentava o muquifó do Mistura Fina. Caí numa depressão tão profunda que, exasperada, minha mãe,

apesar de católica fervorosa, começou a me levar a igrejas de credos os mais variados. Eu permanecia sentado, uma figura triste, sem vontade, amparado por uma mãe desesperada, que metia sem dó os joelhos no chão, clamando por ajuda, viesse de onde viesse. O desespero tem o raro dom de unificar os credos. Conheci dirigentes de vários segmentos religiosos, todos de fala mansa e jeito de mercenário, supostos padres ou ministros. Dentre todos eles, um me impressionou. O único que parecia ser mais que um mero aproveitador. Trabalhava com meninos de rua na periferia de São Paulo. Era um tipo rústico, atrevido, capaz dos piores impropérios. Dizia o que lhe vinha à cabeça, num português truncado, cheio de gírias e palavrões. De origem irlandesa, o padre era um grandalhão ruivo e peludo. Tinha mãos fortes e sabia fazer uso delas, tanto no trabalho braçal quanto na aplicação de corretivos. Conversamos algumas vezes e em momentos de grande solidão suas palavras me tentavam. O problema é que o padre vivia falando em busca verdadeira, encontro consigo mesmo. Eu não me gostava e queria mais era me perder. Sua filosofia simplista se resumia mais ou menos no seguinte:

Um dos maiores problemas do homem de nossos dias, rapaz, é a necessidade de ter razão. Há que ter razão em tudo, seja no campo da política, religião, seja no ambiente familiar, trabalho, em tudo. Tudo tem que ser medido, provado. Comprovado. Medir, competir e ganhar. Te digo, menino: a necessidade da comprovação complica, fecha portas, elimina a possibilidade de uma vida tranquila, na mentira, talvez, mas e daí? Você mesmo, você pode não passar de uma grande mentira, de um blefe, de um baita

engodo, compreende? Tem certeza de que seus pais te desejaram? Que valor tem uma certidão de nascimento? O que conta é o que tá aqui dentro, dentro do peito, dentro da cabeça. Tem certeza quanto à sua integridade, hein? Concordo que não é fácil conviver com a anomalia, mas ela existe, está aí para nos ensinar a tolerância. Provar em laboratório a existência de Deus, como querem alguns, caralho, é demais. Deus existe, não existe? Não sei, mas e daí? O próximo eu sei que existe e anda por aí abandonado, remelento, judiado, debaixo do maior cacete. Eu gosto de gente, sabe? Mas de gente direita, correta. É nele, é no meu próximo que eu concentro minha energia. Assim como Karel Capeck, preocupam-me mais os homens que as verdades deles. Não perco tempo com teorias, não me meço com ninguém. Trabalho. Meu esforço consiste na tentativa, tentativa, veja você, de desumanizar, bestializar o ser humano, colocá-lo num patamar o mais próximo possível dos animais, sabe como é? Os animais, sim, são verdadeiros. E não se iluda pensando que faço isso por bondade. Sou movido, eu diria que pelo egoísmo, por amor de mim mesmo. Não pratico a piedade. Não faço caridade. Odeio a caridade. Ela humilha o indivíduo, mutila a capacidade de ação própria da raça humana. O que eu faço é dar uma chance ao indivíduo. Desafio-o a admitir seu caos interno, encará-lo e buscar os meios de pôr um pouco de ordem nas suas entranhas desarranjadas. Capacidade todos nós possuímos. A oportunidade só não existe pra quem não quer. E tento dar uma chance ao planeta que virou uma montanha de lixo.

Singular, o padre, menino.

Um cara legal, sim, ainda hoje continuamos grandes amigos. Foi ele o responsável pelo rasgão na pele de minha ignorância. O preço das coisas quase sempre nos parece exorbitante. Entretanto, um pouquinho de atenção pode nos revelar grandes verdades. O estrume é o combustível das flores, não é? Primeiro aniversário do atentado, 11 de setembro de 2002. Naquele dia, atormentado pela mídia, que voltou ao assunto com a força de um torpedo, e por uma solidão que me doía até os ossos, depois de mais uma noite insone, saí de casa de madrugada com a intenção de me atirar ao Rio Tietê. Pode rir se quiser, mas é verdade, aquelas águas estavam tão poluídas, mas tão poluídas mesmo que nem para matar serviam. Desculpe, vou usar minha linguagem daquele tempo. Merda pura, foi o que eu encontrei. Contradição. Eu tinha chegado ali para dar cabo da bosta que eu era, para fugir da merda da vida. E o que foi que eu encontrei? Um bosta de um rio poluído. Era merda demais para não tentar uma saída. Foi ali, tapando o nariz pra fedentina daquelas águas, que finalmente capitulei. Todo homem, por mais peçonhento que seja, um dia olha para um ponto qualquer da natureza, até mesmo um rio poluído, e nele reconhece a totalidade do universo. Caótico, desafiador na sua imensidão. E, nesse breve instante de lucidez, vê a si mesmo como parte intrínseca do emaranhado incompreensível que o cerca. Meu despertar deu-se quando vi minha podridão interna debruçada sobre as águas daquele rio que, um dia não muito distante, foi cristalino. Reconheci nele o Aqueronte, o rio dos infernos que desde o atentado me esfumaçava por dentro, tingia minhas entranhas com a negritude da morte ao ponto de eu ir espontaneamente ao seu encon-

tro. Decidi que eu não seria mais refém do medo. Uma pessoa, por mais insignificante e bestial que seja, pode ser útil a alguma causa, pensei naquele momento. À causa da humanidade. Minha causa. Nosso planeta, criado num infeliz momento de euforia divina, mas que, apesar da insensatez do Criador (ou do embrião que antecedeu o cosmo), acabou resultando em beleza e perfeição, agora agoniza. Agoniza. Não morreu ainda. Anda perto. Eu era um inútil, um imbecil, que contribuía para entupir com a borra de meus vícios as coronárias de nossos rios encolhidos. Resolvi dedicar minha vida imprestável à tentativa de recuperação desse nosso mundinho destrambelhado.

Começaria pelo homem, único caminho possível. Começaria por mim, cavacando a pele de minhas múltiplas vidas para tirar delas algum proveito. Entre os destroços do que já fui, encontrei príncipes e vilões, rainhas e escravas. Magnatas, pedintes. Rameiras. O rosto sedento de um pastor no fundo ondulante de um poço. Um bandoleiro na poeira da estrada. Ainda hoje continuo cavando, na expectativa de um dia desengaiolar o eco de meus temores absurdos. Enquanto persisto na escavação, cuido de uma paróquia pequena e trabalho com um grande número de crianças e adolescentes indefesos, meninos de rua. Em meio ao carvão de uma geração morta, encontro faíscas de esperança. Alguns menores respondem, outros não, que que se há de fazer? A mim o que importa é que eles sabem que podem contar comigo e que não espero nenhuma recompensa. Paz, recuperação, lucidez para traçar o próprio caminho são nosso grande desafio.

Muito bem, rapaz. Bonito, seu projeto, admiro sua dedicação, mas me diz uma coisa, padre, num lugar de

terras férteis, como as que eu vi nos arredores da cidade, existe pobreza?

E onde é que não existe, Thomás?

Que que você acha da laqueadura em mulheres de baixa renda, com mais de dois filhos?

E eu tenho o direito de achar alguma coisa? A resposta está nas ruas dos grandes centros, nas casas de correção, nos cemitérios...

Os sinos começaram a tocar. O padre teve um sobressalto e disse sorrindo: *Oh, my God*, a missa do galo, tinha me esquecido completamente. Estou atrasado. Vou ter que pedir à Irmã Dulce para dar início à celebração.

Desculpe, não era minha intenção atrapalhar seu trabalho. Só mais uma pergunta, uma última questão me intriga. Aquele senhor grisalho que te acompanhava no voo, seu pai ou avô, fiquei com sua imagem gravada na mente. Gostaria de saber dele, nunca mais pude esquecê-lo, esquecer a ternura que havia nos olhos do ancião. Algo no seu jeito de ser, mansidão, afeto, me impressionou profundamente.

Ninguém me acompanhava naquele dia.

Como não? Um senhor grisalho que chegou com você ao aeroporto, sentou ao seu lado no avião, poltrona do corredor.

Não havia ninguém na poltrona do corredor. E se houve em algum momento da viagem, era um passageiro desconhecido pra mim. O que te faz acreditar que ele estivesse comigo?

O comportamento dele. Acompanhava seus passos como um cão zeloso, te acariciava com os olhos. Não

interferia, mas cuidava. Tinha um jeito assim meio rústico, de camponês bem-sucedido.

Que bom que eu estivesse cercado de amigos, apesar de não os conhecer.

Tem um detalhe que há de refrescar sua memória. O velho tinha uma cicatriz funda na base do pescoço como se tivesse sido operado da tireoide.

O padre, muito sério, começou a descrever o personagem misterioso: forte, troncado, mãos grandes, olhos azuis, cabelos brancos e uma cicatriz avermelhada na base do pescoço. Meu avô Catarino, você o viu?! Viu mesmo?

Vi.

O padre deu uma boa risada e continuou.

Então o velho foi aos Estados Unidos. Atravessou o oceano pra me buscar. Ele, que tinha jurado sobre a Bíblia jamais sair do Brasil, nunca mais atravessar um oceano. Deve ter sido a primeira vez que ele deixou sua aldeia em Santa Catarina. O velho dizia com a maior convicção que o homem, assim como a árvore, tem que permanecer fincado à terra que lhe pertence. O pobre velho saiu de seu túmulo pra me socorrer, quebrou sua palavra inquebrantável.

Como assim, saiu do túmulo? Pensei que o padre não fosse me responder, fez uma longa pausa antes de continuar.

Vô Catarino foi a maior prenda de minha vida. Homem tenaz como as mãos que carpidam esta terra, doce como o ar que respiramos aqui. Italiano, nasceu num vilarejo encarapitado nos montes da Toscana, próximo a Florença, na Itália, claro. Sentado sobre suas pernas fortes como as de um cavalo de arado, ouvi a descrição de sua

cidade natal uma centena de vezes, sem a menor alteração. O vilarejo perdido nos confins da Itália virou cartão postal na memória dos netos brasileiros. Com uma nostalgia que acabou contagiando toda a família, mesmo aqueles que nunca estiveram lá, o velho descrevia as plantações de oliveira, vinha, castanheiro, trigo, lentilha. Falava dos edifícios de pedra, das ruas íngremes, inalteradas há séculos, das ferraduras dos burros. De como os aldeões imergiam o cânhamo no rio durante um ano inteiro, para depois secá-lo e tecê-lo. Da infância feliz que não lhe saía da cabeça. A terra era fértil, a vida era segura para todos os moradores, parentes entre si, até a deflagração da guerra. Em 1943, os nazistas tomaram o vilarejo e expulsaram os habitantes. O resto você pode imaginar. Deus seja louvado. O italiano saiu da sepultura, engoliu o amor próprio e quebrou a palavra só para socorrer o neto. Pobre querido velho. Ali do meu lado no avião e eu nem para sentir o cheiro de uva madura que nunca abandonou sua pele curtida de vinho caseiro, de queijo e azeitonas. Foi me buscar, cuidou de mim! Não é de admirar que eu tenha acabado em votos perpétuos. Meu avô foi um matreiro de primeira, irreverente, mulhengo, mas ao seu modo era muito religioso. Vô Catarino, que Deus o tenha! Vou rezar a missa do Galo em honra e louvor a você, meu velho italiano turrão.

Comecei a me inquietar na cadeira. Não sabia se a história era verdadeira ou se Frederico a tinha inventado para se livrar de minha insistência. Foi quando meu celular começou a tocar.

Feliz Natal, meu amor, falei antes dela. Seu presente está escondido no fundo da primeira gaveta da escrivan-

nha do escritório. Mas eu tenho outro valiosíssimo, bem melhor do que esse.

Melhor que o par de brincos? Duvido. Pensou que eu não conhecesse o esconderijo? Liguei pra dizer que fiquei muito emocionada, ouro e esmeraldas, foi uma ideia brilhante, e para saber notícias do João Antônio, é claro. Mas fala primeiro do outro presente, fala, fala, estou morta de curiosidade.

Quero que a primeira a saber seja nossa princesa. Depois avise a nossa família e pode começar a encaixotar os cacarecos. Encontrei o lugar.

O lugar...

A cidade é pequena, meio antiga, não muito bonita, acho até que é feinha mesmo, mas tem um ar de aconchego, meio bucólica e muito limpa. Algumas ruas são ótimas para andar a pé ou de bicicleta. Fica próxima a um grande rio, ou melhor, ao Rio Grande. E o mais importante de tudo é que aqui mora um grande amigo meu, um cara fora de série, vocês vão gostar dele, será nosso primeiro amigo na cidade. É com ele que vou brindar o Natal, o milagre do renascimento, do renascimento de tudo que quase deixamos definhar, meu amor.

Tive um leve movimento de recuo, quando ouvi o zunzum de vozes alegres dentro do recinto. Nada me parecia mais despropositado do que estar, por iniciativa própria, subindo os degraus de uma igreja, ao encontro de um Deus que por tanto tempo eu havia ignorado. A casa era simples, com paredes brancas e nuas. Acima do altar, uma mesa de madeira rústica, a imagem de Cristo esculpida em metal brilhante. Ausência total de entalhes e arabescos próprios das igrejas antigas. Flores simples como

adorno. No entanto, senti no ar luminoso a expectativa de um grande acontecimento. Fui recebido como alguém de casa. Pessoas simples, crianças usando suas melhores roupas, engomadas para a ocasião, confraternizavam-se com os de melhores condições. Em dado momento, o interior da igreja escureceu com o início de uma música sombria, quase fúnebre, talvez uma das cantatas trágicas de Bach, não sei ao certo. Tudo era novo. Nada era distante, porém. Todos estavam próximos, eram próximos. Eu era um deles.

João Antônio morreu, ou nasceu para outra vida, logo depois da meia-noite, a cidade envolta em cantos natalinos, reboar de sinos, tilintar de taças. Abraços. Votos de feliz Natal. Na missa do galo, em meio a rostos sorridentes, eu pinçava palavras revestidas de brumas, numa oração meio disparatada de agradecimento e pedido de perdão. Recebi a notícia ali, ajoelhado diante do Senhor. Começava a me desorientar quando senti a presença querida de meu amigo. Ainda meio desajeitado na condição de recém-morto, excitado e feliz, ele me segredou que a morte não existe, não passa de um engodo, que ela, a morte, é apenas a passagem de um estado a outro. Disse ainda, meio aos trambolhões, sem descer a detalhes, que, sendo mortais por um lado, somos eternos por outro.

De volta ao hospital, a coerência do mundo me absurdava. Não podia definir meu estado de espírito e nem sabia por quanto tempo o bem-estar iria persistir. A morte de uns é o óleo que unge a existência de outros, pensei, quase feliz.



A AUTORA E SUA OBRA

Estreando em 1999 com o volume de contos *Salada de capitães*, Adelice da Silveira Barros vem-se firmando como a grande ficcionista goiana deste novo século. Dividida entre conto e romance, sua produção literária despertou o interesse da crítica desde a revelação que foi *Um jeito torto de vir ao mundo* (2000), seu primeiro romance, relato de uma saga familiar em que os traços regionais, usados com parcimônia, ganham dimensões universalizantes – característica que passou a incorporar à sua obra ficcional.

Sempre reconhecida com premiações dentro e fora de seu estado, a produção da autora vem sendo constante,

com um ritmo invejável que ela consegue manter sem abrir mão da qualidade e da originalidade de seus textos.

Com este *Tijolo e vidro & outras histórias*, oitavo livro que lança no mercado e quinto editado pela Cãnone, Adelice da Silveira Barros incursiona no território ficcional pouco trilhado da novela, meio-caminho entre o conto e o romance e que costuma marcar-se por um ritmo diferenciado. Para a Cãnone é motivo de orgulho contar mais uma vez com um trabalho desta premiada ficcionista entre os lançamentos deste ano.

LEIA TAMBÉM DA AUTORA

Salada de capitães. Goiânia: Gráfica e Editora Redentorista, 1999.

Um jeito torto de vir ao mundo. Goiânia: Kelps, 2000.

Prisioneiros do vento sul. Goiânia: Cãnone, 2002.

Iana sol e sombra. Goiânia: Cãnone, 2003.

Barrabás. Goiânia: Cãnone, 2005.

Camumbembe. Goiânia: Cãnone, 2008.

Mesa dos inocentes. Goiânia: Kelps, 2010.

Esta obra foi composta em Bembo Std
no ateliê da Cãnone Editorial; a impressão se fez sobre
papel Pólen Soft 80g, capa em Cartão Supremo 250g/m²,
na Gráfica e Editora América, em dezembro de 2011.



Uma adolescente rebelde na véspera de Natal decide mudar de vida e de cidade, buscando um refúgio provisório na casa do pai. Retornando do Sul, um avião da TAM escapa da pista e se incendia no aeroporto de Congonhas. Dois amigos resolvem ir à Escócia participar de um festival, levando a mochila e passagens só de ida. Um turista brasileiro presencia a destruição das torres gêmeas do World Trade Center. Com esses cenários, buscados na realidade e na imaginação, Adelice da Silveira Barros cria quatro novelas instigantes, com desdobramentos múltiplos e secretas conexões, que desafiam e seduzem o leitor.

ISBN 978-85-8058-004-4



9 788580 580044